

**VALDIR ZUCCHERATTO**

**MILITANTES DA CIDADE DO SOL:**

**Uma reflexão sobre a militância numa Associação de  
Moradores.**

**São Paulo  
2006**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**VALDIR ZUCCHERATTO**

**MILITANTES DA CIDADE DO SOL:**

**Uma reflexão sobre a militância numa Associação de Moradores.**

Dissertação apresentada ao  
Mestrado em Psicologia da  
Universidade São Marcos, como  
parte dos requisitos para obtenção  
do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Fundamentos  
Psicossociais do Desenvolvimento  
Humano.

Orientador:  
Prof. Dr. Ricardo Franklin Ferreira

**São Paulo**

**2006**

**MILITANTES DA CIDADE DO SOL:**

**Uma reflexão sobre a militância numa Associação de Moradores.**

**VALDIR ZUCCHERATTO**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Ricardo Franklin Ferreira

---

Prof. Dr. José Roberto Montes Heloani

---

Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier

Dissertação defendida e aprovada em 1º de agosto de 2006.

generosidade

serão

À Ana Maria Marchi, cuja

e exemplos de cidadania jamais

esquecidos.

Agradeço aos meus pais, Carmem e João, que na  
luta  
do dia a dia, além do amor, me ensinaram a  
cultivar  
o trabalho, a justiça e a solidariedade.

Agradeço, também, à minha esposa Genilde e às  
minhas filhas Karim e Milena pela compreensão e  
carinho durante a elaboração deste trabalho.

No novo tempo  
apesar dos castigos  
estamos crescidos  
estamos atentos  
estamos mais vivos  
pra nos socorrer.

No novo tempo  
apesar dos perigos  
da força mais bruta  
da noite que assusta  
estamos na luta  
pra sobreviver.

PRA QUE NOSSA ESPERANÇA  
SEJA MAIS QUE A VINGANÇA  
SEJA SEMPRE UM CAMINHO  
QUE SE DEIXA DE ESPERANÇA

No novo tempo  
apesar dos castigos  
de toda fadiga  
de toda injustiça  
estamos na briga  
pra nos socorrer.

No novo tempo  
apesar dos perigos  
de todos os pecados  
de todos enganos  
estamos marcados  
pra sobreviver.

No novo tempo  
apesar dos castigos  
estamos em cena  
estamos nas ruas  
quebrando as algemas  
pra nos socorrer.

No novo tempo  
apesar dos perigos  
a gente se encontra  
cantando na praça  
fazendo pirraça  
pra sobreviver.

(Ivam Lins e Vitor  
Martins)

## Sumário

<b>Resumo</b>	viii
<b>Abstract</b>	ix
<b>Introdução</b>	1
<b>1. Método</b>	11
1.1 Participantes	13
1.2 Procedimento	14
<b>2. UNAS</b>	18
2.1 O Início	20
2.2 Antecedentes Políticos	22
2.3 Antecedentes Econômicos	31
2.4 Antecedentes Ideológicos	40
2.5 Trajetória da Entidade	50
2.6 Atuação da Militância Hoje	54
<b>3. O Contexto Sócio-histórico e a Dialética Indivíduo-Sociedade</b>	58
3.1 Indivíduo e Sociedade: realidades em construção	62
3.2 A Dinâmica Social	67
<b>4. Vivendo a UNAS</b>	73
4.1 Genésia	74
4.2 João	82
4.3 Cleide	91
4.4 Manoel	96
4.5 Geraldo	102
<b>5. Militante da UNAS</b>	107
<b>Considerações Finais</b>	111
<b>Referências Bibliográficas</b>	114
<b>Anexos - Entrevistas</b>	118

## **Lista de Figuras**

**Figura 1 - Quadro Geral do Terceiro Setor**

**3**

## Resumo

ZUCCHERATTO, Valdir. **Militantes da Cidade do Sol: Uma reflexão sobre a militância numa Associação de Moradores**. São Paulo, 2006. 199 p. Dissertação do Mestrado em Psicologia, Universidade São Marcos.

Com o crescente número de entidades que se propõem a atender demandas sociais, dentro dos parâmetros do terceiro setor, os que nelas militam interagem com diversos fatores, entre os quais: fatos políticos, conjunturas econômicas e concepções ideológicas. O objetivo desta pesquisa foi de estudar essa militância a partir de uma entidade denominada UNAS. O problema de pesquisa foi o de compreender, a partir de referências da Psicologia Social, como se dá a construção de seus militantes. Para isto, foram realizadas entrevistas com cinco militantes que participam intensamente da entidade. A pesquisa foi desenvolvida levando-se em conta a) contextualização histórica local e nacional; b) concepções teóricas sobre o contexto sócio-histórico e a dialética indivíduo-sociedade; c) organização e discussão dos dados recolhidos no campo; d) caracterização do Militante da UNAS. Utilizando como Método o modelo da pesquisa qualitativa, verificamos que os participantes desta pesquisa têm a militância como modo de vida, isto é, como referência principal para sua concepção de mundo. Verificou-se nos resultados, que contribuem não só para a compreensão da militância na UNAS em particular como, também, para a compreensão da militância como um todo, que, nesse modo de viver, o pensamento utópico é um de seus elementos fundamentais. Ele fortalece nos militantes a convicção de que, no dia a dia, é possível construir uma nova sociedade.

Palavras-chave: Psicologia Social, militância, terceiro setor, cidadania, identidade.

## Abstract

ZUCCHERATTO, Valdir. **Sun City Militants: A reflection about a militancy in an Association of Residents.** São Paulo, 2006. 199 p. Dissertation of Pos-Graduation in Psychology.

With the growing numbers of entities that intend to answer the social request, inside the models of the third sector, those which militate on them, interact with several factors amongst themselves: political facts, economic situations and ideological conceptions. The objective of this research was to study this militancy from an entity called UNAS. The problem of the research was to understand, from the references of Social Psychology, how the construction of the militants happens. For that were fulfilled interviews with five militants that participate intensely on the entity. The research was developed taking into account: a) historical, local and national context; b) theoretical conceptions about the historical-social context and the dialectical individual-society; c) organization and discussion of gathered facts on the field; d) characterization of the UNAS militant. Making use as a method the model of the qualitative research, we verified that the participants of this research have the militancy as the way of life, that is, as the principal reference for their conception of world. It was verified on the results, that contribute not only for the understanding of militancy on the UNAS, but for the understanding of the militancy, as well, like a whole, that on this way of life, the utopian thought is one of their fundamental elements. It strengthens the conviction on the militants that, everyday life it is possible to construct a new society.

Key - words: Social Psychology, militancy, third sector, citizenship, identity.

## Introdução

Numa grande cidade, onde os diversos meios de comunicação continuamente entram nos lares e vários tipos de transporte se colocam à disposição, não é difícil, para muitas pessoas, acreditarem que num curto espaço de tempo é possível estar em qualquer lugar e desfrutar de todos os benefícios. Habitações, restaurantes, hospitais, escolas, divertimentos, estações, aeroportos, tudo parece estar à mão, mesmo dos que moram em locais mais periféricos. Entretanto, somente a democratização da informação e o direito de ir e vir não garantem a plena cidadania.

É cidadão quem tem consciência social e busca seus direitos. É reconhecido como cidadão quem desfruta de oportunidades iguais para o desenvolvimento pessoal e social. Atualmente, sermos reconhecidos como cidadãos, muitas vezes, depende do poder e dos bens que possuímos e das posições (pontos de vista, maneiras de pensar) que assumimos publicamente.

Diante da insuficiente cidadania, há os que se acomodam, os que gostariam de intervir mas se sentem impotentes e os que efetivamente trabalham na sua construção. Para estes últimos, tornar-se um militante no chamado terceiro setor é uma alternativa das mais atraentes.

O objetivo desta pesquisa é estudar a militância na UNAS - União de Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco. Pertencendo ao terceiro setor, esta entidade atua em favor da cidadania numa localidade paulistana, onde nasceu, denominada Heliópolis. Heliópolis é uma palavra de origem grega, que significa cidade do

sol (hélios = sol, pólis = cidade).

O problema de pesquisa é compreender, a partir de referências da Psicologia Social, como se dá a construção de militantes da UNAS dentro de um contexto político, econômico e ideológico.

O militante é um indivíduo que se engaja pessoalmente numa causa, seja ela política, religiosa, social, ambiental, ou outra. Este engajamento se traduz numa atuação efetiva na busca de tornar realidade algo em que acredita ser essencial para si e para o conjunto da sociedade. O militante, em geral, participa de um grupo organizado que estabelece metas, planeja ações, impõe responsabilidades e obrigações. O militante é predisposto a sacrifícios, por vezes o da própria vida, pela causa em questão.

Aqui não se afirma que todos os militantes vivam plenamente as características que acabam de ser descritas, mas sim, que estas compõem um ideário aceito por eles.

Embora não seja nosso objetivo dissertar sobre o terceiro setor, como um todo, julgamos necessário apresentá-lo em linhas gerais para melhor situar nosso campo de pesquisa.

O terceiro setor é o conjunto de entidades que não estão subordinadas à autoridade do Estado, denominado de primeiro setor, e nem às regras do mercado, denominado de segundo setor. O CETS - Centro de Estudos do Terceiro Setor da FGV - Fundação Getúlio Vargas adota a definição de terceiro setor do “Manual do Terceiro Setor no Sistema de Contas Nacionais” (Handbook on Non-Profit Institutions in the System of National Accounts) recomendado pela ONU - Organização das Nações Unidas. Em seu site “Mapa do 3º Setor”, na seção Metodologia, se lê:

o terceiro setor ou setor não-lucrativo é definido como formado por (a) organizações que (b) são sem fins lucrativos e que, por lei ou costume, não

distribuem qualquer excedente, que possa ser gerado para seus donos ou controladores; (c) são institucionalmente separadas do governo, (d) são autogeridas; e (e) não-compulsórias.

Nesse universo, as chamadas ONGs - Organizações Não-Governamentais vem adquirindo, no Brasil, uma enorme visibilidade. Entretanto, seria um reducionismo injustificável identificar o terceiro setor apenas com essas entidades.

Fig. 1 - Quadro geral do Terceiro Setor

\* Classificação solicitada voluntariamente pela própria entidade.

\*\* O termo ONG não tem definição jurídica. Foi criado, há mais de 40 anos, para designar uma entidade que, apesar de cuidar de causas públicas, não era do governo.

O terceiro setor é uma realidade muito ampla e complexa, composta por uma enorme diversidade de entidades que defendem causas de interesse público ou de interesse coletivo, mas não público. A figura 1, transcrita acima, nos propicia uma visão mais abrangente.

Atualmente, vários fatores geram discussões sobre a natureza e

as formas de atuação de entidades que julgam pertencer ao terceiro setor. Um deles, talvez o mais polêmico, é o fato de muitas receberem verbas públicas e/ou financiamentos de empresas privadas para seus projetos.

Embora seja um estudo interdisciplinar, não é objetivo desta pesquisa discutir em profundidade as diversas facetas do terceiro setor e nem eleger o quadro acima como a única maneira de classificar suas entidades. Nosso foco está sobre militantes de uma entidade que possui especificidades dentro desse universo que, como já afirmamos, é muito amplo e complexo.

Tomando, como um dos parâmetros possíveis, o quadro geral do consultor jurídico do GIFE - Grupo de Institutos, Fundações e Empresas, identificamos a UNAS entre as “entidades sem fins lucrativos”, classificada como “de interesse coletivo, mas não público” na categoria das “associações de bairros”. Esta identificação se baseia em nossa observação sobre o modo de organização e atuação da entidade e, também, em seu estatuto, especialmente em seu artigo 1º onde se lê:

A UNAS - União de Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco, fundada em 20/01/1990, é uma associação civil de direito privado sem fins lucrativos e econômicos com sua sede central na capital de São Paulo, sito à Rua da Mina, nº 38, Cep 04235-310, Bairro de Heliópolis, São Paulo, foro do município de São Paulo, estado de São Paulo.

Esta breve explanação sobre o terceiro setor serve, também, à finalidade de apoiar nossa posição de que a UNAS não se encontra entre as entidades consideradas ONGs. Esta posição é plenamente compartilhada pelos militantes da UNAS que, numa discussão interna, quando estabeleciam a missão da entidade, concluíram que não possuíam as características

próprias de uma ONG, sobretudo a de se articular em torno de um único campo de interesse (ambiental, direitos humanos, educacional, etc).

As entidades do terceiro setor, entre elas a UNAS, buscam alcançar suas metas através da atuação de seus membros. Não existe um padrão de estrutura interna, cada entidade cria seu organograma e, respeitando seus estatutos, o modifica quando acha necessário. Em linhas gerais, em vista do objetivo desta pesquisa, dividimos os membros dessas entidades em quatro categorias :

- a) *Funcionário*, legalmente contratado, não necessariamente engajado pessoalmente à causa da entidade.
- b) *Assessor*, engajado pessoalmente à causa da entidade e nela, embora não regularmente, presta serviço voluntário.
- c) *Ativista-LF* (LF = Ligado Financeiramente), fundador, ou não, da entidade, tem nos seus projetos, trabalhando em tempo integral, sua principal fonte de renda pessoal, através de salário ou outro tipo de provento.
- d) *Ativista-DF* (DF = Desligado Financeiramente), fundador, ou não, da entidade, disponível para sua causa em tempo integral, porém não tem nela sua fonte de renda pessoal.

Nesta pesquisa, destas categorias somente o Ativista-LF e o Ativista-DF foram considerados militantes.

Nossa perspectiva é a da Psicologia Social que, ao focar a relação indivíduo-sociedade, desenvolve uma crítica sócio-histórica. Segundo Lane (1994),

a grande preocupação atual da Psicologia Social é conhecer como o homem se insere neste processo histórico, não apenas em como ele é determinado,

mas principalmente, como ele se torna agente da história, ou seja, como ele pode transformar a sociedade em que vive. (p.10)

Com o crescente número de entidades que se propõem a atender demandas sociais, dentro dos parâmetros do terceiro setor, os que nelas militam interagem com diversos fatores, entre os quais: fatos políticos, conjunturas econômicas e concepções ideológicas. Compreender, a partir de referências da Psicologia Social, como acontece essa interação poderá contribuir para a autocompreensão desses militantes e, também, para que as expectativas da sociedade, em relação a este tipo de atuação, sejam mais coerentes e melhor atendidas.

A construção da identidade militante, como a construção do próprio “eu”, se dá na sociedade e esta só é compreensível quando contextualizada política, econômica e ideologicamente. Para esta contextualização, tomamos por base a concepção marxista da sociedade que traz em sua proposta uma divisão didática em “instâncias política-econômica-ideológica”. A clássica metáfora que compara a sociedade a um edifício reforça a necessidade deste tipo de contextualização. Assim como o edifício subsiste na integração dos alicerces com suas paredes tendo no cimento o elemento de coesão, a sociedade subsiste na integração das instâncias econômicas (alicerces) com suas instâncias políticas (paredes) tendo nas instâncias ideológicas (cimento) o elemento de coesão.

O contexto político se constitui pelas relações de poder. Desde os seus primeiros momentos, o ser humano mantém relacionamentos que implicam em imposição ou aceitação de vontades, porém é na sociedade que esta realidade conflitiva se torna mais evidente. Segundo Souza (1995),

quando se fala de política, alude-se a um campo de significação humana,

encontra-se a realidade da intersubjetividade. Isto não é, todavia, um ponto de chegada. Reconhecer que no núcleo do campo de significação humana da política está o poder, não faz ninguém chegar ao desvendamento do problema. Pelo contrário, mostra a complexidade da questão e o seu imenso grau de imponderabilidade. (p. 155)

O contexto econômico se caracteriza pelas relações de produção e distribuição de bens. Todo ser humano produz. Entretanto, na maioria das vezes, não é uma decisão pessoal o que, como e quanto de bens cada um deve produzir ou, ainda, poderá reter para si. Segundo Samuelson (1972),

a Economia é o estudo de como os homens decidem empregar recursos produtivos escassos, que poderiam ter aplicações alternativas, para produzir diversas mercadorias, ao longo do tempo, distribuí-las para consumo, agora e no futuro, por pessoas e grupos da sociedade. (p.15)

O contexto ideológico se estabelece a partir de visões particulares da realidade que se tornam hegemônicas em determinadas sociedades. Segundo Cunha (1992),

ideologia é o conjunto de idéias enquanto representação da unidade social, nascida e identificada com o modo pelo qual uma parte da sociedade concebe o todo social, a partir das suas condições sociais de vida. (p.148)

É com base nesses três contextos que esta pesquisa enfoca os militantes da UNAS.

A escolha dessa entidade, como campo de pesquisa, se deveu a três fatores:

- a) ao nosso, já antigo, interesse por projetos que objetivam favorecer o desenvolvimento social e a consciência cidadã entre moradores da periferia de grandes cidades. Antes de nossa presença nessa favela como pesquisador, participamos de projetos sociais em

comunidades faveladas da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro e na Zona Sul da Cidade de São Paulo.

b) pela sugestão de uma assessora pedagógica do “Parceiros da Criança”, um dos projetos dessa entidade.

c) por inúmeras vezes, termos tomado conhecimento, através da mídia, do admirável dinamismo dos militantes dessa entidade.

Partimos, portanto, de uma realidade concreta, que consideramos de grande interesse para uma reflexão dentro dos fundamentos e pressupostos da ciência Psicologia.

A Psicologia, em suas inúmeras abordagens e teorias, estuda os atos e as vivências com significados para o indivíduo. Entre as muitas possibilidades, optamos pelo enfoque da Psicologia Social que considera o indivíduo como manifestação de uma totalidade histórico-social-cultural, constituída a partir das relações de um contexto em que indivíduo e sociedade geram-se mutuamente.

Ao nosso ver, esse enfoque melhor se coaduna com a temática em questão, isto é, o indivíduo militante em meio à influência histórico-social-cultural. Segundo Lane (1994),

esta influência se faz sentir, primordialmente, pela aquisição da linguagem. As palavras, através dos significados atribuídos por um grupo social, por uma cultura, determinam uma visão de mundo, um sistema de valores e, conseqüentemente, ações, sentimentos e emoções decorrentes. (p. 9)

Adotando, como eixo estruturador, o modelo da *pesquisa qualitativa*, articulamos as investigações com referenciais teóricos que lançam luzes sobre nossas descobertas e questionamentos.

O presente trabalho, além da "Introdução" e das "Considerações

Finais", foi desenvolvido em cinco capítulos:

No capítulo 1 - "Método", apresentamos o modelo da pesquisa qualitativa, ressaltando que nossa prioridade está na compreensão do processo de construção de militantes da UNAS e não no desenvolvimento de verdades universais. Apresentamos, também, os participantes, bem como o procedimento seguido.

No capítulo 2 - "UNAS", fizemos um histórico dessa entidade, numa contextualização local e nacional em seus desdobramentos políticos, econômicos e ideológicos, na história de Heliópolis e na história republicana brasileira, complementando com o posicionamento de seus militantes.

No capítulo 3 - "O Contexto Sócio-histórico e a Dialética Indivíduo-Sociedade", expomos as concepções teóricas em que se fundamenta a discussão do material desta pesquisa.

No capítulo 4 - "Vivendo a UNAS", organizamos e discutimos os dados recolhidos no campo.

No capítulo 5 - "Militante da UNAS", caracterizamos a construção do Militante da UNAS.

## 1. Método

Nossa existência é permeada por objetivos, o que nos impõe o contínuo trabalho de buscar meios apropriados para atingir a cada um deles.

Estabelecimento do objetivo, também, constitui um aspecto, dos mais importantes, na pesquisa científica, sendo que os meios para alcançá-lo formam um conjunto denominado método.

Buscando a objetividade, desenvolvemos uma reflexão baseada na racionalidade e em princípios lógicos de interpretação, valorizando, também, os significados atribuídos pela subjetividade aos processos e as representações.

Compartilhamos da posição de Minayo (2002), quando afirma:

o objeto das Ciências Sociais é histórico. Isto significa que as sociedades humanas existem num determinado espaço cuja formação social e configuração são específicas. Vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído. Portanto, a provisoriedade, o dinamismo e a especificidade são características fundamentais de qualquer questão social. (p. 13)

Sem concepções pré-estabelecidas deixamos que o próprio fenômeno em questão norteasse esta pesquisa.

Não buscamos verdades absolutas ou universais, mas uma compreensão coerente em seus argumentos e alicerçada em pressupostos válidos. Não almejamos, tampouco, conclusões definitivas, mas entender o processo em curso, através de suas construções internas e do seu contexto histórico.

Sendo fundamental, para qualquer pesquisa, a escolha do método mais adequado, escolhemos para esta aquele que consideramos o

mais eficaz para uma suficiente aproximação da compreensão do fenômeno estudado.

Nosso foco está sobre os significados de ações e relações, por isso adotamos o modelo da *pesquisa qualitativa*. Segundo Minayo (2002),

a pesquisa qualitativa se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (p. 22)

Os resultados, apresentados no capítulo 2 - “UNAS” e no capítulo 4 - “Vivendo a UNAS”, dependeram, em grande parte, da disponibilidade e colaboração daqueles que aceitaram participar desta pesquisa concedendo as entrevistas e abrindo os horizontes. Assim, estes não são, aqui, denominados “sujeitos”, como é de praxe nos trabalhos científicos, mas “participantes”, como de fato o são.

## 1.1 Participantes

Foram entrevistados militantes da UNAS - União de Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco.

Aos que, nesta pesquisa, denominamos militantes, no estatuto da entidade são tidos como membros de seu Conselho Diretor. Dentre estes, num primeiro momento, optamos pelos fundadores e, depois, entre estes últimos, escolhemos três para serem os participantes e, em seguida, pela vontade destes, incluímos mais dois, são eles: Genésia, João, Cleide, Manoel e Geraldo.

Os critérios para escolha dos participantes foram os seguintes:

- a) serem militantes-fundadores e, portanto, terem vivenciado toda a trajetória da entidade.
- b) a vida pessoal, de cada um, hoje, estar profundamente ligada ao dia-a-dia da entidade.
- c) atualmente ocuparem um cargo na entidade.
- e) demonstrarem interesse pelo objetivo da pesquisa.

## 1.2 Procedimento

O percurso desta pesquisa teve como ponto de partida a solicitação de uma entrevista junto à diretoria da UNAS.

A sra. Cleide, uma militante da entidade, nos atendeu e, tomando ciência da proposta desta pesquisa, se comprometeu a consultar a diretoria sobre a possibilidade de realizá-la.

A proposta não foi aceita de imediato, porém, depois de melhor esclarecido seu objetivo, foi bem recebida.

Foi realizada uma entrevista aberta, de aproximadamente duas horas, com a sra. Cleide, na qual lhe foi pedido que discorresse sobre a história da UNAS. No final, recebemos da entrevistada uma cópia da tese de doutorado “Helíópolis, O Percurso de Uma Invasão” , além de outras publicações internas da entidade, isto é, estatutos, jornal, relatório de atividades e folhetos diversos, que acrescentaram preciosos elementos.

A partir das informações colhidas elaboramos uma história da UNAS em seus elementos essenciais. Este texto foi apresentado aos participantes desta pesquisa, para observações que julgassem necessárias para o seu aprimoramento.

Foi impossível, como não poderia deixar de ser, discorrer sobre a UNAS sem uma contextualização local, municipal e nacional. Esta contextualização mereceu de nossa parte um enfoque político, econômico e ideológico afinado com o ponto de vista, ou melhor, com o lugar social dos participantes desta pesquisa. Esta contextualização histórica foi desenvolvida no capítulo 2 - “UNAS”.

Os itens “Antecedentes Políticos, Econômicos e Ideológicos” e, ainda, o item “Trajetória da Entidade”, não têm o objetivo de apresentar uma história completa com total imparcialidade. Nesses itens foi priorizado o ponto de vista dos participantes desta pesquisa, que fazem questão de assumir um posicionamento que classificam como “de esquerda ou de inspiração socialista”. Devido a essa prioridade, não foi feito um contraponto com uma visão “de direita ou não socialista”. Trata-se, portanto, de *uma* visão dos fatos. É possível que alguns fatos históricos, ainda, poderiam ser acrescentados, porém, relatamos apenas os que consideramos os mais relevantes para compreensão da origem da sociedade em que estão inseridos Heliópolis, UNAS e seus militantes. Ao final de cada item dos antecedentes situamos de maneira geral os participantes em seus posicionamentos político, econômico e ideológico. Assim, todo o capítulo 2 - "UNAS" não é um tipo de preâmbulo, mas parte do quadro de resultados desta pesquisa.

Em seguida, foram realizadas entrevistas individuais com cada participante. Observamos que, não fazendo parte do objetivo da pesquisa o conhecimento completo da história de vida dos participantes, não fizemos indagações sobre suas origens e infância. Cada um livremente contou o que considerava relevante a esse respeito, uma vez que iniciaram a militância na vida adulta.

Nas entrevistas, cada participante foi convidado a discorrer, livremente, sobre sua participação na história da UNAS.

Considerando a possibilidade de algumas informações serem omitidas ou necessitarem de esclarecimentos, elaboramos um roteiro auxiliar não conhecido previamente pelos entrevistados e deste foram utilizadas

algumas perguntas. O roteiro versava sobre os seguintes temas:

- a) Como iniciaram a participação na entidade.
- b) Envolvimento pessoal com a entidade.
- c) O tempo de dedicação à entidade.
- d) Fonte de renda pessoal dos militantes.
- e) Envolvimento da própria família com a entidade.
- f) Tempo de dedicação pessoal à família.
- g) Participação da comunidade nas atividades/movimentos da entidade.
- h) Influências do tráfico na comunidade.
- i) Articulações com a Igreja.
- j) Concepção da relação trabalho-capital.
- k) Conjuntura política e econômica atual.
- l) Relacionamento com políticos e partidos políticos.
- m) Expectativas em relação aos governos municipal, estadual e federal.
- n) A formação de novos militantes.
- o) Projetos pessoais.

As entrevistas foram gravadas, depois, transcritas e encontram-se nos "Anexos". Os dados obtidos foram discutidos no capítulo 4 - "Vivendo a UNAS", sob a luz da contextualização feita no capítulo 2 - "UNAS" e da teoria apresentada no capítulo 3 - "O contexto sócio-histórico e a dialética Indivíduo-Sociedade".

No procedimento de análise das entrevistas, adotamos o critério de selecionar, para cada uma, os aspectos que receberam maior ênfase do respectivo entrevistado. Assim foi garantida a totalidade das informações,

sem as desnecessárias repetições de fatos mencionados em mais de uma entrevista.

## 2. UNAS

A União de Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco - UNAS, é uma entidade das mais conhecidas entre os moradores de Heliópolis, segunda maior favela do Brasil e, também, entre os militantes do chamado terceiro setor.

A UNAS é uma presença constante na mídia. As rádios, televisões e imprensa em geral freqüentemente divulgam suas realizações, tornando Heliópolis um nome familiar a uma significativa parcela de brasileiros.

Esta entidade foi oficialmente constituída na cidade de São Paulo, no bairro de Heliópolis em 20 de janeiro de 1990, mas seus fundadores se reuniam e trabalhavam pela comunidade, já em 1980. Ao longo destes anos, a UNAS vivenciou transformações internas, resistiu às desagregações na militância, sobreviveu aos abalos conjunturais e adaptou-se às mudanças nos cenários político, econômico e ideológico do país.

A seguir, apresentaremos a UNAS dentro de um quadro histórico mais amplo, com seus aspectos políticos, econômicos e ideológicos. O ponto de partida não será o contexto universal, mas sim o particular, elucidado pelos múltiplos contextos que se mostrarem significativos em cada momento. Barros (2004) é um dos muitos historiadores que enfatizam a importância da contextualização:

todo texto é produzido em um lugar que é definido não apenas por um autor, pelo seu estilo e pela história de vida deste autor, mas principalmente por uma sociedade que o envolve, pelas dimensões desta sociedade que penetram no autor, e através dele no texto, sem que disso ele se aperceba (p.137).

Esta pesquisa não tem uma ótica exclusiva mas privilegia, em sua narrativa histórica, a perspectiva a partir do lugar social ocupado pelos militantes da UNAS. Isto porque, embora a objetividade tenha sido uma de nossas grandes preocupações, acreditamos que não é possível à História, como a qualquer outra ciência, atingir um grau de isenção que neutralize as influências da subjetividade de quem a elabora, bem como, da realidade social que a circunscreve. O relato histórico e suas fontes nunca são completamente neutros, pois o lugar de onde se observa, e conseqüentemente do qual se fala, é decisivo para a transmissão e compreensão dos fatos.

## 2.1 O Início

Os fundadores da UNAS, segundo os militantes entrevistados para esta pesquisa, já atuavam como *Comissão de Moradores* nos primeiros tempos, quando Heliópolis começava a se formar.

Atualmente, o objetivo da entidade, de acordo com o art. 2º de seu estatuto, é “*Contribuir, através da organização, mobilização social e ações de parceria, visando à melhoria da qualidade de vida, para a superação da pobreza e miséria, promovendo a cidadania e a inclusão social.*”

A UNAS, porém, não é apenas mais uma entidade que procura atender às necessidades de populações carentes. Ela, por ter nascido na própria comunidade e ser dirigida por representantes de seus moradores, se distingue em muitos aspectos. A sua fundação se confunde com o próprio surgimento desta localidade chamada Heliópolis e com a chegada de seus moradores.

Inicialmente, a comunidade de Heliópolis não se formou de maneira espontânea e nem pela vontade de seus primeiros habitantes.

Em 1971/72, segundo Sampaio (1990), em virtude da realização de uma obra viária, a prefeitura se deparou com a necessidade de ter que remover parte dos moradores das favelas Vila Prudente e Vergueiro (p. 29). Considerando que São Paulo, na época, era “a cidade que mais crescia no mundo” e que “não podia parar”, as autoridades decidiram transferir aquelas famílias para alojamentos provisórios numa grande área desabitada, na região do Ipiranga. Esta área, segundo Sampaio (1990), era imensa,

950.000 m<sup>2</sup> (p. 34).

Uma pequena parte dessa área seria suficiente para acomodar os primeiros “sem teto” da cidade. Entretanto, ao governo municipal, em suas várias administrações, faltou interesse em desenvolver uma adequada urbanização naquela localidade que viria a ser a atual Heliópolis.

Um dos primeiros moradores, informou que desde o início, os ex-favelados manifestaram o desejo de regularizar a situação, porém, sob a alegação de não ser a proprietária dos terrenos, a prefeitura nada fez. O proprietário de toda a gleba era o IAPAS, antigo órgão federal que através do IAPI, órgão antecessor, a adquiriu, em 1942, dos herdeiros do Conde Álvares Penteado que, por sua vez, a havia comprado em 1890.

Não só a posse desse pedaço de terra, em particular, remonta aos inícios da república brasileira, senão a ocupação da cidade de São Paulo, como um todo. Um breve olhar para o passado, como faremos a seguir, nos ajudará a compreender como, ao longo da história, as posições políticas, os interesses econômicos e as opções ideológicas, levaram à formação, não só desta, mas de “muitas Heliópolis” pelo Brasil.

## 2.2 Antecedentes Políticos

O Brasil entra republicano no século XX, depois de um movimento revolucionário, arquitetado e levado a efeito por uma próspera elite agrária, sem qualquer participação popular.

A Igreja Católica, antes controlada pela monarquia e em constante conflito com ela, é separada do Estado. As posições da Igreja exerciam certo controle sobre a vida pública e privada do povo, mas não sobre a política do país. Quem deu rumo ao Brasil, nas primeiras décadas republicanas, foram os grandes fazendeiros, comerciantes e industriais emergentes, em geral bacharéis em direito, que, além do poder econômico, acumulavam, também, cargos políticos e administrativos em todos os níveis. Segundo Fausto (2003), nessa época,

a elite política dos grandes Estados, com São Paulo à frente, tinha triunfado. Faltava porém criar instrumentos para que a República oligárquica, ou seja, a República de uns poucos, pudesse se assentar em um sistema político estável. (p. 258)

A classe já dominante economicamente assume o poder buscando a ordem e o progresso. Os políticos, em geral latifundiários e seus apadrinhados, concebiam a ordem como manter os trabalhadores, grande maioria da população, pacificamente em seus postos recebendo o suficiente para uma vida simples, sem qualquer pretensão de melhorias salariais, trabalhistas, sociais, ou por alguma participação nas decisões. O progresso, para esses mesmos políticos, dependia do fortalecimento do modelo agro-exportador, que coincidia perfeitamente com seus particulares interesses econômicos.

Em consonância com a primeira Constituição republicana, 1891, apenas as pessoas do sexo masculino, maiores de 21 anos e alfabetizadas, tinham direito de votar ou candidatar-se, ou seja, pouco mais de 3% da população. O processo eleitoral oscilava entre violentas pressões e descaradas fraudes. Até 1930, a chamada política dos governadores, que distribuía favores políticos e benefícios econômicos aos coronéis (latifundiários) de quase todo o país, garantia a alternância na presidência entre os políticos de São Paulo e Minas Gerais. Queiroz (1997), afirma que

no início da República, eram os Estados de São Paulo e de Minas Gerais os que dominavam o cenário político; uma queixa geralmente formulada então era a de que, mesmo nos municípios mais afastados e nos Estados mais longínquos, só eram eleitos para as Câmaras Municipais os simpatizantes da política paulista e mineira. (p. 187)

Embora a conjuntura política estivesse, assim, consolidada, as camadas populares possuíam lideranças extremamente politizadas e conscientes das causas das injustiças a que estavam submetidas. Diversos movimentos sociais urbanos e rurais surgiram, segundo Fausto (2003),

ao longo da Primeira República, a estrutura social se diversificou com o avanço da pequena propriedade produtiva no campo, a expansão da classe média urbana e ampliação da base da sociedade. A grande novidade sob este último aspecto foi o surgimento do “colonato” na área rural e sobretudo da classe operária nos centros urbanos. (p. 295)

A fundação do PCB - Partido Comunista do Brasil, em 1922, por ex-anarquistas, sindicalistas e trabalhadores em geral, foi uma tentativa de enfrentar os governos oligárquicos. O PCB, no entanto, logo iniciou o primeiro dos vários períodos de clandestinidade e de violenta repressão que seus membros viriam a sofrer.

Não obstante os esforços de colocar no esquecimento os que

heroicamente se opuseram aos poderes estabelecidos, sabe-se que o povo nunca se calou. Em muitas partes do Brasil, em todos os momentos da história, não foram poucos os que deram a vida pelos ideais de justiça e cidadania. No primeiro período republicano, foram muitos os movimentos de luta: Cangaço, 1870-1940, no Nordeste; Guerra de Canudos, 1893-1897, na Bahia; Guerra do Contestado, 1912-1916, Paraná/Santa Catarina; Os 18 do Forte, 1922, no Rio de Janeiro; Coluna Prestes, 1924-1927, doze estados percorridos; etc.

Com a esperança de uma república nova, em 1930, dá-se início a Era Vargas. Embora tenha havido inovações e avanços nos setores econômico e trabalhista, implanta-se um irretocável populismo direitista com nuances nazi-fascistas. Deu-se início, na história brasileira, às inumeráveis tentativas de cooptação de sindicalistas e de manipulação dos movimentos sociais.

No currículo de Getúlio encontramos: censor, repressor, racista, clientelista, dissimulador, golpista, suicida. Nada, porém, tirou o “retrato do velho” do lugar dos mais destacados na história política brasileira. Nada abalava Vargas, nem mesmo a Revolução de 1932, em São Paulo, na qual a população matou e morreu por uma constituinte que deveria garantir o estado de direito, então seriamente ameaçado. Com a vitoriosa e festiva volta da FEB - Força Expedicionária Brasileira, em 1945, o Brasil não quis mais o autoritarismo. Contudo, Getúlio Vargas é reeleito em 1950.

Sessenta anos, porém, não foram suficientes para os políticos brasileiros assimilarem o verdadeiro ideal republicano que implicaria na renúncia ao autoritarismo em favor da solidariedade democrática. O novo governo, do general Eurico Gaspar Dutra, restaurou a democracia, mas os

analfabetos, maioria da população, continuaram sem direito à participação política e o PCB, em apenas dois anos, foi novamente colocado na ilegalidade. O presidente Dutra apressou-se em fazer diversas alianças com os E.U.A.

O sucessor, Juscelino Kubitschek de Oliveira, é eleito presidente com o decisivo apoio dos setores agro-exportadores, entretanto, sua agressividade na área econômica relegou ao segundo plano as questões políticas. A transferência do centro de decisões para a longínqua Brasília dificultou as manifestações populares de descontentamento. Cansada de tantos desmandos, calcados nos velhos métodos dos “currais eleitorais”, a classe popular, mais politizada, exigia reformas de base, isto é, mudanças radicais nos setores agrários, administrativos, fiscais e bancários. Segundo Delgado (2003), vivia-se na política, um momento de transformação,

com dificuldade para manter as antigas alianças e atender às exigências de uma sociedade civil cada vez mais ativa e propositiva, os partidos políticos, mesmo que ainda fortes e muito representativos, ressentiam-se da ausência de uma marca mais clara, demarcadora de suas identidades e diferenças. Surgiram então as frentes parlamentares, indicando que os rumos e a prática da política partidária no Brasil estavam em transformação. (p. 152)

Jânio da Silva Quadros, sob a bandeira “fim à corrupção e à dependência dos E.U.A.”, sucede JK mas, não se achando em condições de governar devido a supostas “forças ocultas”, renuncia em 1961, mesmo ano de sua posse. O vice-presidente João Goulart substitui Jânio e decide enfrentar as forças conservadoras que, apoiadas nas armas e no grande capital, mais uma vez queriam barrar a democracia e o livre desenvolvimento no Brasil. A estratégia de mudar o sistema presidencialista para o sistema parlamentar não evitou mas apenas adiou para 1964 o golpe civil-militar.

Entretanto, historiadores, como Ferreira (2003), são da opinião de que previamente não havia um plano militar para implantação de uma ditadura. Com a destituição de Goulart, o objetivo seria dar início a uma ampla “limpeza” política. O próprio presidente destituído acreditaria numa breve normalização política, à semelhança de intervenções militares anteriores. O complexo quadro político que se formou teria surpreendido o conjunto da sociedade brasileira.

De ditador em ditador, sem eleições, com o judiciário e o legislativo no cabresto dos militares, o povo foi se acostumando ao silêncio. Segundo Gorender (1999), os inconformados eram presos, torturados, exilados e, até mesmo, mortos. No vácuo de lideranças populares, religiosos católicos vocacionados ao martírio abrem as portas para uma reflexão libertadora, às vezes beirando a ingenuidade, desenvolvendo nos participantes o espírito crítico, semeando nos corações esperança e coragem.

Os movimentos populares se fortalecem, as entidades civis se indignam, os sindicatos renascem, a oposição se organiza e forçam uma abertura.

Com os conchavos, já tradicionais na política brasileira, surge a insólita chapa Tancredo-Sarney. Os conservadores, armados ou não, conseguem protelar as diretas para depois de mais cinco anos de direita.

Segundo Silva (2003),

em 15 de janeiro de 1985, o Colégio Eleitoral consagra Tancredo Neves como presidente do Brasil, com 480 votos contra 180 de Paulo Maluf. A ditadura iniciada 21 anos antes, com um golpe contra a República constitucional, chegava ao fim. O último general presidente não passaria a faixa presidencial ao seu sucessor, retirando-se do Palácio do Planalto pela porta dos fundos. (p. 279)

Com a inesperada morte de Tancredo Neves, emerge um inusitado cenário político com o co-adjuvante, José Sarney, assumindo o papel principal.

A Assembléia Nacional Constituinte realizada em 1988 estabelece princípios fundamentais para uma nação que clamava por justiça. Contudo, este clamor nacional quase foi sufocado com a eleição de Fernando Collor de Melo. Inescrupuloso, protegido por uma cínica “tropa de choque” desafiou a paciência das pessoas de bem e o bom senso da maioria dos brasileiros. Impeachment.

Num mandato tido como provisório, Itamar Franco não consegue apoios políticos estáveis, mas o plano econômico de seu governo garante, em 1994, a eleição de seu ministro da fazenda Fernando Henrique Cardoso. Segundo a coerente avaliação de Fausto (2003),

o episódio do impeachment do presidente Collor é um exemplo, embora triste, de afirmação das instituições e de consciência democrática da sociedade.

Apesar de algumas boas escolhas ministeriais, o presidente Itamar Franco revelou-se inseguro e inábil politicamente. Por sua vez, setores organizados da sociedade, que se supõem representativos, não demonstraram ter capacidade ou interesse em promover um pacto social que ajudaria a tirar o país de uma situação difícil. (p. 556)

Fernando Henrique Cardoso, político experiente, erudito portavoz da concepção socioeconômica, chamada neoliberal, faz alianças com antigas forças da direita. O neoliberalismo considera fundamental a não regulamentação do mercado. É uma crença de que a lógica do capital é suficiente para que a sociedade como um todo, nas políticas sociais inclusive, se organize e se desenvolva. Montaño (2002) qualifica o neoliberalismo de

FHC como “um projeto político de (contra-)reforma do Estado” que

persegue a desregulação (“flexibilização”) da acumulação, abrindo fronteiras, desvalorizando a força de trabalho, cancelando (total ou parcialmente) os direitos trabalhistas e sociais, desonerando o capital e desresponsabilizando-o da “questão social”. Para isso, como afirma Netto, o governo tem sabotado as políticas sociais estatais, estrangulando a alocação de recursos e manipulando as receitas (1999: 81-5). (p. 48)

A necessidade de uma reforma geral no sistema político-eleitoral era uma posição unânime, entre políticos e demais representantes da sociedade brasileira, pelo menos nos discursos. Contudo, sob séria suspeição nesse processo, o Congresso Nacional, durante o primeiro mandato de FHC aprova, somente, a possibilidade de re-eleição para o poder executivo.

Nos primeiros tempos da UNAS, os militantes participantes desta pesquisa não viam com bons olhos o direito de voto. E, mesmo depois das ações politizadoras da Igreja Católica, a possibilidade de uma candidatura não foi cogitada. Outros militantes, porém, seguiram a via da política partidária.

Como trabalhadores, na iniciativa privada, combateram a ditadura e sofreram diretamente a repressão militar. Participaram ativamente dos diversos atos públicos pela conquista dos direitos civis e destacadamente pela abertura democrática.

Os militantes da UNAS se reconhecem como continuadores da histórica luta dos menos favorecidos contra a exclusão promovida por uma determinada elite brasileira. Nunca uniram forças com os políticos representantes das elites, por vezes, até os enfrentaram com firmeza, devido aos interesses sempre reconhecidos como claramente conflitantes. Nunca

assumiram como meta a formação, entre os mais pobres, de uma eficiente oposição política e muito cedo deixaram de crer na possibilidade de um messianismo político.

Embora pessoalmente tenham uma ligação muito forte com políticos do PT, partido que ajudaram fundar, jamais colocaram a entidade a serviço de opções partidárias e nunca se fecharam ao diálogo com políticos de outros partidos.

Pontos de honra para esses militantes são: a busca da unidade da classe popular, a formação da consciência cidadã, o aprimoramento na organização da base e o fortalecimento da disposição de pressionar os poderes públicos.

Internamente, para encaminhamento dos interesses da comunidade e os da própria entidade, sempre se buscou o debate democrático e a divisão de responsabilidades. Contudo, um pequeno grupo tem se mantido na direção da entidade, desde a sua fundação.

## 2.3 Antecedentes Econômicos

A cidade de São Paulo, no início século XX, atraía olhares de muitos brasileiros para seu elegante estilo de vida, particularmente espelhado nas magníficas mansões da avenida Paulista e dos Jardins paulistanos.

Segundo Fausto (2003),

a partir de 1886, São Paulo começou a crescer em ritmo acelerado. A grande arrancada se deu entre 1890 e 1900, período em que a população paulistana passou de 64.934 para 239.820 habitantes, registrando uma elevação de 268% em dez anos, a uma taxa geométrica de 14% de crescimento anual. (p. 286)

A inviabilização do comércio exterior devido à guerra mundial e os abundantes lucros da cafeicultura, impulsionaram a produção da incipiente indústria nacional dando início à instalação, na grande São Paulo, do principal pólo econômico do país. Pereira (1967), afirma que

a década de 20 constitui um marco na história do desenvolvimento industrial de São Paulo. Foi nela, que tendo em conta o número de estabelecimentos antes existentes, se fundou o maior número de estabelecimentos: esse número teria crescido de 165% em relação ao fim da década anterior segundo os dados do *survey*. (p. 22)

A riqueza dos barões do café, dos emergentes industriais e dos prósperos comerciantes paulistanos, mesmo depois da quebra mundial de 1929, incita os sonhos dos brasileiros que, na sua imensa maioria, eram pobres e desprotegidos.

Sob uma crescente dependência do capital externo, o país dava seguimento a concentração da propriedade da terra com vistas à produção agropecuária para exportação.

O acelerado ritmo na industrialização, especialmente em São

Paulo, Santos e Rio de Janeiro e a criação da indústria de base (siderurgia - CSN e petroquímica - Petrobrás) nas décadas de 40 e 50, abriram as portas para a indústria de bens de consumo.

Os ramos de metalurgia, têxtil e alimentício incrementaram o êxodo em direção ao eixo Rio-São Paulo, notadamente para o ABCD paulista.

Empresas multinacionais se instalavam com diversas vantagens, inclusive a disponibilidade de mão-de-obra barata, se comparada à de seus países de origem. Trazendo novas tecnologias de produção e administração baseadas no taylorismo-fordismo, os investidores se enriqueceram rapidamente, oferecendo empregos com salários acima da média nacional, porém com níveis de exigência quase insuportáveis. Heloani (2003), discorrendo sobre “tensão máxima e intensificação do trabalho”, na década de 1950 nos Estados Unidos, afirma:

podendo ser controlada diretamente pelo escritório de planejamento (situado fora do local da produção), a máquina-ferramenta de controle numérico (MFCN) aprimora e acelera princípios tayloristas de gestão e disciplina e divisão manual-intelectual do trabalho e torna possível a apropriação e a redefinição do saber operário, com conseqüências sobre a fisiologia dos trabalhadores. (p. 79)

Nas empresas fornecedoras de peças e outros materiais, além da baixa remuneração, as condições de trabalho eram muito piores.

Os governos Dutra e Juscelino, priorizando a alta velocidade no progresso, atrelaram o desenvolvimento interno aos interesses estrangeiros.

Analisando esse período, Moreira (2003) conclui:

JK deixou de cumprir as promessas de desenvolvimento social que, via de regra, estavam associadas à idéia de aceleração da prosperidade econômica. Não conseguiu elevar o nível de vida da população sertaneja, nem tampouco foi bem-sucedido em duas outras promessas. Os desníveis de desenvolvimento regional não foram superados. Tal problema era sobretudo visível nas diferenças que separavam Nordeste e Sudeste e na

destoante qualidade de vida da população do “interior” (campo) quando comparada à do “litoral” (cidade), sem acesso à terra, à saúde, à educação, ao saneamento básico, aos plenos direitos políticos e à proteção da legislação social e trabalhista. (p. 191)

Primeiramente do interior do estado e em seguida de todas as regiões do país, especialmente do Nordeste, correntes migratórias em busca de uma vida melhor chegam a São Paulo, onde as multinacionais, livremente, se assenhoreavam do solo e dos recursos urbanos. A cidade prometia aos migrantes não só trabalho e moradia digna, raridades nas localidades de origem, mas também um futuro melhor para suas famílias. Considerando que, sob o aspecto econômico, nada ou muito pouco possuíam, rapidamente eles viam seus sonhos de prosperidade realizados, fortalecendo o desejo de outros brasileiros de tomarem o mesmo caminho.

Não demorou muito, porém, para que as primeiras gerações de migrantes vissem seus pequenos lotes na periferia (e sua prosperidade) se dividirem e subdividirem para seus filhos e netos. As possibilidades de moradia cada vez mais se tornavam raras e distantes não só do trabalho, mas do transporte, da água, da luz, do hospital, da escola, da segurança, etc. Em pouco tempo, a própria prosperidade foi se tornando um sonho inatingível. O fenômeno *favelização* estava em curso nas grandes cidades. Kowarick (1993), discute as causas deste fenômeno e conclui que,

na realidade, a crescente favelização que se operou no município de São Paulo nada mais é do que um dos resultados do acirramento da exploração do trabalho que só pode levar a um crescente grau de espoliação nos níveis de consumo do habitante urbano. Num quadro em que os salários tornam-se cada vez mais espremidos para cobrir os gastos básicos - entre os quais os referentes à moradia - a favela pode aparecer como única alternativa para aqueles que querem permanecer na cidade. (p. 95)

A população mais pobre de São Paulo, enfrentando uma terrível carestia sob um processo de contínuo achatamento salarial, já não tendo mais para onde ir, marcha para os terrenos públicos. Assim, multiplicava-se o número de favelas, a espera da prometida divisão do “bolo”. Aos poucos o povo, decepcionado, vai descobrindo que o tal bolo, feito com o suor de todos, estava sendo dividido apenas entre a classe dirigente e a elite econômica. Segundo Earp e Prado (2003),

Nenhum economista poderia, naquela ocasião, fazer uma previsão tão pessimista que sugerisse que, ao final de 1978, a dívida externa seria mais do que o triplo daquela de 1973, como de fato aconteceu. Mas aquele momento as preocupações com a nossa economia iam em outra direção; se era inegável que o Brasil crescia, estes benefícios não se distribuíam equitativamente. O próprio presidente da República chegou a afirmar que “o Brasil vai bem, mas o povo vai mal”. (p. 228)

Na era do “milagre brasileiro”, a cidade e seus moradores estavam mais pobres? Não, respondia a truculência militar que se perpetuava no poder apregoando “este é um país que vai pra frente”. Na década de 1970, para frente iam as classes mais abastadas e seus empreendimentos. Para frente iam as indústrias, sobretudo as multinacionais que desfrutavam de incontáveis benesses governamentais. Para frente iam os latifúndios agropecuários. Para frente iam as obras faraônicas de uma ditadura ufanista. Para frente, ou para o espaço, ia a dívida externa brasileira.

Os militares, bombardeados pelos efeitos da crise econômica internacional, pelas consequências do descontrole interno na economia, pelas reivindicações dos movimentos populares, pelas pressões sindicais e pelos ataques de uma oposição cada vez mais ativa, decidem bater em

retirada passando o governo para seus aliados civis.

José Sarney assume, em 1982, um país em crise. A situação era de recessão interna e de insolvência frente aos credores externos. O FMI - Fundo Monetário Internacional exigia providências que, para muitos, eram consideradas drásticas demais. Em um curto espaço de tempo, através de oito cartas de intenções, o Brasil tentava aplacar a voracidade dos banqueiros internacionais. Apesar do forte incentivo às exportações e do desaquecimento do mercado interno, além de outras medidas de ajuste, em 1983, segundo dados do DIEESE, a inflação alcançou a marca de 211%, enquanto a massa salarial era reajustada em até 175%.

Visando uma maior mobilização popular, o operariado se articula em nível nacional, segundo Grynszpan (2003),

em 1981, foi realizada a primeira Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras (Conclat), quando foi criada uma Comissão Nacional Pró-CUT. Foi esta comissão que organizou o I Congresso Nacional da Classe Trabalhadora, realizado na cidade de São Bernardo em 1983, quando foi finalmente aprovada a formação da CUT. A sua liderança, porém, não se impôs de forma indisputada e, já em 1986, em um II Congresso realizado por organizações divergentes, foi criada a Central Geral dos Trabalhadores (CGT). De um racha desta é que veio a surgir mais adiante, em 1991, a Força Sindical. (p. 324)

Era preciso um plano para estabilizar a economia. O governo edita três: Cruzado, em 86; Bresser, em 87 e o Verão, em 89. Triplo fracasso.

O problema habitacional no país se agravava. Na cidade de São Paulo se tornava crônico, em 1988, segundo dados do IBGE, a favelização chegava a 7,8% de sua população. Fausto (2003), relata

o governo brasileiro suspendeu (1987) unilateralmente e por tempo indeterminado o pagamento de juros referentes à dívida externa de médio e longo prazo, devida aos bancos credores. A moratória chamada de “técnica” e não de “política” foi recebida com indiferença, tanto no país como no exterior. À euforia do Plano Cruzado seguia-se um clima de decepção e de

desconfiança por parte da população quanto aos rumos da economia. (p. 523)

Fernando Collor de Melo que prometera caçar os “marajás”, modernizar e desenvolver o Brasil, escancarou os portos para os produtos estrangeiros, desorganizando vários setores produtivos do país. Seu governo, com um plano-surpresa, congela salários e confisca os ativos financeiros, inclusive a poupança dos “descamisados” e leva muitos brasileiros ao desespero.

A concentração fundiária e a mecanização no campo em São Paulo, Minas Gerais e nos Estados do sul, mudaram a direção migratória. Na década de 1990, o número de migrantes vindos de Minas Gerais e do próprio interior paulista supera o de nordestinos em muitas favelas paulistanas.

Enquanto o caos econômico-social se generalizava, a corrupção era acobertada e privilégios eram distribuídos aos amigos do poder.

Interrupção do mandato presidencial foi a solução e o vice, Itamar Franco, assume o governo. A economia deu sinais de recuperação. A implantação do Plano Real se mostrou vitorioso no controle inflacionário, mas com um custo social altíssimo, o povo passava fome. A sociedade se mobiliza apoiando o Programa Nacional contra a Fome, liderado pelo sociólogo Herbert de Souza.

Um novo período tem início com Fernando Henrique Cardoso. Nos oito anos deste governo buscou-se a integração do Brasil no mundo globalizado. O resultado foi apenas uma adaptação da produção nacional aos padrões internacionais.

Submetido ao receituário do FMI, manter a inflação sob controle

se tornou a principal meta econômica. Uma das prescrições era, para o que não funcionasse a contento ou não atendesse às necessidades do mercado, privatizar. Sobrou muito pouco. Um clima de desconfiança devorou as reservas do Banco Central. A balança comercial permaneceu numa posição desfavorável, a dívida externa dobra e atinge, em 2001, US\$ 239 bilhões . O Mercosul não ultrapassou a fronteira dos discursos.

Durante o governo tucano, segundo o IBGE, o índice de desemprego triplicou (7,6 milhões de desempregados, em 1999), deixando a classe trabalhadora fragilizada e desarticulada. No campo, a situação dos trabalhadores também era desesperadora e se complicava, a cada dia, devido ao processo de concentração na propriedade da terra que, segundo dados do INCRA, continuava em curso. Então, entra em cena a organização que alcançará uma repercussão, sem precedentes, na histórica luta pela reforma agrária, como escreve Grynszpan (2003),

mais do que uma organização, o MST se impôs à percepção como um movimento social vinculado a ações de impacto, grandes manifestações, marchas e ocupações não somente de propriedades, mas também de espaços e prédios públicos. Pressão, mobilização, luta são, portanto, elementos constituidores de sua identidade. (p. 318)

O MST - Movimento dos Sem Terra crescia e, na mesma proporção, as milícias particulares dos latifundiários que, também, procuravam fortalecer seu braço político a UDR - União Democrática Ruralista.

Contudo, saúde e educação de qualidade continuaram sendo privilégios de 10% dos brasileiros. O Brasil, segundo o *Relatório sobre o desenvolvimento humano, da ONU*, ocupava em 2002 o 4º lugar entre os países de pior concentração de renda.

O surgimento dos militantes da UNAS, participantes desta pesquisa, se deve em grande parte aos fatos aqui relatados: condições desfavoráveis, como a concentração na propriedade da terra e a falta de trabalho, impedem a permanência na terra de origem; dificuldades aqui encontradas, como a falta de moradia, de atendimento a saúde e às necessidades de educação, impelem à busca de alternativas.

A mesma pujança econômica da cidade de São Paulo que, num primeiro momento em sua necessidade de força produtiva, inclui os futuros militantes; num segundo momento, quando estes esperam pela distribuição justa do que foi produzido, tenta excluí-los.

O fato de morar numa favela não é considerado negativo, entretanto, entendem que é indispensável melhorar suas condições e criar meios para que seus moradores tenham as mesmas oportunidades, dos moradores de outras localidades, para desfrutar das riquezas (trabalho, seguridade, serviços públicos, atendimento a saúde, equipamentos educativos e de lazer, etc.) da metrópole da qual fazem parte.

Inaceitável, para eles é a denominada "histórica parceria entre os governos brasileiros e a iniciativa privada nacional e internacional", causadora de concentração de renda e exclusão social.



## 2.4 Antecedentes Ideológicos

Os ideais republicanos eram muito prezados pelos brasileiros, na virada do século XIX para o século XX, pois simbolizavam racionalidade, cientificidade e modernidade, requisitos próprios, na época, de países considerados civilizados. Entretanto, esses brasileiros não eram muitos. O Brasil contava com cerca de 15 milhões de habitantes, poucos conheciam outras ideologias ou tinham acesso às notícias nacionais e internacionais.

Apenas 5% da população era alfabetizado e tinha direito à participação política. Fato exemplar foi a passagem dos revolucionários, em 15 de novembro de 1889 pelas ruas do Rio de Janeiro, comemorando a Proclamação da República, que foi interpretada, pela maioria do povo, “bestializado” na consagrada expressão de Aristides Lobo, simplesmente como mais uma parada militar. Em outras cidades, foram necessários meses para que o povo soubesse e entendesse que não mais faziam parte de uma monarquia. Segundo Love (1997),

para propósitos políticos, uma característica significativa da população de São Paulo era o índice de alfabetização, visto que somente as pessoas alfabetizadas podiam votar. Infelizmente, porém, as cifras relativas ao alfabetismo não eram definidas uniformemente em todos os casos; de qualquer maneira, a taxa de alfabetismo de São Paulo estava abaixo da média nacional em 1890, mercê, em parte, da sua grande população escrava no fim do Império. (p. 55)

As oligarquias estaduais agroexportadoras, elite política e econômica, buscavam copiar em tudo os europeus mais ricos, do paletó ao sistema de governo. A cultura do povo, embora sofresse influência das preferências das elites, em geral era regionalizada, ligada às origens dos diversos grupos sociais, como afrodescendentes, imigrantes da Itália rural,

etc.

Importantíssimos na manutenção da estrutura de poder foram os militares que aniquilavam tanto as lideranças como os populares que se rebelavam contra a ordem estabelecida. A jovem oficialidade originária das camadas médias da sociedade, os chamados tenentes, cunhados na filosofia positivista, muitas vezes se rebelou contra o poderio das oligarquias estaduais, porém sem sucesso efetivo. Assim, na consciência do povo foi sendo formada a idéia de que a função de governante é somente para os “mais preparados e experimentados homens de negócios”.

O Brasil, em sua intelectualidade e nas camadas médias da população, experimentava um efervescente desejo de mudança, magistralmente expresso em São Paulo na Semana de Arte Moderna de 1922. Segundo Love (1997),

a justaposição do velho e do novo, do polido e do grosseiro, não constituiu o único paradoxo da cultura regional na década de 1920. A capital do Estado tornara-se o centro de um cosmopolitismo de procedência européia, que logo deu origem a um novo nacionalismo nas artes. Tanto a Semana de Arte Moderna quanto a Paulicéia Desvairada de Mário de Andrade hauriram inspiração no futurismo e em Dada e foram brilhantemente bem sucedidos na tarefa cada vez mais difícil de *épater la bourgeoisie*. (p. 60)

Um novo grupo social, o operariado, surge nas áreas urbanas. Imigrantes europeus, uns anarquistas outros sindicalistas na terra de origem, exerciam forte influência no operariado que se mobilizava em movimentos reivindicatórios e políticos, criando condições para uma reflexão marxista da realidade. Contudo, as primeiras décadas de autoritarismo parecem ter naturalizado, para sempre, a exclusão popular. Grande parte dos brasileiros passou a acreditar que cabe às elites se candidatar e governar e ao povo votar e esperar pelos favores de candidatos e governantes.

Na Era Vargas, 1930 a 1954, envolto na fumaça de um falso nacionalismo, o populismo de direita imperou com golpismo, luta armada, censura, discriminação racial e, no hiato governo Dutra, entreguismo.

Segundo Caldeira (1998),

o sentido mítico do Estado personificava-se no chefe: ímpar, sereno, corajoso, nobre e magnânimo. Esse mito foi reforçado de todas as maneiras possíveis. Criaram-se rádios oficiais, foram produzidos programas de transmissão obrigatória para todas as emissoras divulgando os feitos do governo e de seus próceres; livros e panfletos laudatórios eram publicados em quantidade inédita; todos os filmes do circuito comercial eram precedidos de noticiários cinematográficos oficiais. (CD-ROM)

As transmissões radiofônicas oficiais não só se tornaram poderosíssimo instrumento de propaganda governamental, mas também ditadoras de padrões culturais.

No Brasil pós-guerra, teve início uma reestruturação da sociedade civil. Dentro de uma crescente urbanização, abriu-se espaço para uma mulher emancipada mais participante e para uma imprensa independente. A classe média, constituída, sobretudo, por comerciantes, pequenos empresários e profissionais liberais, com hábitos próprios de consumo, consolida a separação de seus espaços de moradia, lazer e educação em relação à classe baixa.

Contudo, as classes populares não perdiam a esperança no futuro, confiavam no valor trabalho, se orgulhavam do heroísmo dos pracinhas e acreditavam na possibilidade de um mundo mais justo como pregavam os grupos da Ação Católica (o agrário JAC, o estudantil JEC, o operário JOC e o universitário JUC).

Apesar de toda repressão, na década de 1930, os trabalhadores tiveram importantes conquistas, entre elas a C.L.T. - Consolidação das Leis

do Trabalho. Na década de 1940, novas conquistas, como a livre organização sindical e a volta à legalidade de políticos banidos.

Na década de 1950, São Paulo desponta como a primeira cidade do país e a décima primeira do mundo, com todas as delícias e amarguras desta condição. O cinema e o rádio especialmente passam a fazer parte do cotidiano das pessoas, muitas vezes exaltando o estilo norte americano de viver.

Grande impacto causou na sociedade brasileira a chegada da televisão, com noticiários, novelas e outros programas, mudando a rotina nos lares e interferindo na maneira de pensar e agir da maioria das pessoas. O teatro, menos popular porém mais crítico, provocou nos cidadãos, particularmente nos estudantes, reflexões sobre temas fundamentais para a construção de uma nação mais igualitária, verdadeiramente livre e com oportunidades para todos.

Através dos escritores, dramaturgos, poetas e outros intelectuais, a realidade de um Brasil mestiço ganha visibilidade, em detrimento da cultura branca europeia até então soberana. Este espírito mais nacionalista manifestado, especialmente na música popular brasileira em seus diversos estilos, foi coroado pela grande ovação nacional “a taça do mundo é nossa, com brasileiros não há quem possa ...” .

A sociedade brasileira, perfeitamente integrada no clima rebelde dos anos sessenta, saía às ruas para se manifestar em comícios, greves, passeatas e procissões. Entretanto, as vozes não eram uníssonas.

Os setores mais conservadores (camadas média, alta e parcelas da baixa), protestavam contra os agentes do comunismo internacional. Os setores não-conservadores (estudantes, intelectuais,

parcelas do operariado e campesinato) apontavam para uma radicalização aos moldes cubanos.

Entre as organizações de esquerda, havia aquelas que utilizavam estratégias políticas de convencimento, enquanto outras optavam pelo emprego das armas, pois como afirma Rollemberg (2003),

a compreensão que as organizações tinham de si mesmas como vanguarda, ou seja, como elites políticas, legitimadas e justificadas em função de uma teoria científica, acabou levando ao afastamento em relação à sociedade, à incompreensão das suas opções, tradições, perspectivas, enfim, ao desconhecimento da realidade que se queria transformar. O sentido essencial da luta armada não estava na resistência à ditadura militar; era anterior a ela: tratava-se, antes, de um projeto político de combate à ordem política e econômica vigente antes de 1964. (p. 54)

Havia, também, divergência dentro de dois setores muito especiais da sociedade brasileira, Igreja e Forças Armadas. Entre os militares era evidente o alinhamento dos oficiais aos setores conservadores e dos suboficiais aos não-conservadores. Entre os religiosos, tanto no alto como no baixo clero, havia os que se alinhavam a um ou ao outro setor da sociedade.

Nesses embates da década de 1960, os partidários do chumbo, isto é, os partidários da violência armada, se sobrepuseram aos da rebeldia.

À juventude, do iê, iê, iê, restou o direito de uso dos cabelos compridos para homens, da mini-saia para mulheres e poder contar com as vistas grossas para anticoncepcionais e drogas mais ou menos lícitas.

Enquanto a maioria do povo parecia contentar-se em pertencer ao país do samba e do futebol, nos anos 1960 e 1970 duas forças, direita e esquerda, digladiavam-se. Ações de caça aos comunistas de um lado e de guerrilha de outro ensejavam violentos combates censurados diariamente

nos meios de comunicação.

Em São Paulo, morre metralhado um influente empresário dono Grupo Ultra, acusado por membros do MR-8 de financiar a perseguição aos subversivos. No Paraná, livros de humor dos irmãos Marx e de arte do movimento cubista foram queimados por militares, em praça pública, ao serem confundidos, os primeiros com temas marxistas e os segundos como divulgação da revolução cubana.

Através da mídia, escolas, e de diversas instituições os agentes governamentais exaltavam, na década de 1970, os chamados “valores do mundo livre capitalista” e demonizavam as “ações e intenções maléficas do mundo comunista” . A conquista do tri-campeonato mundial de futebol, o crescimento econômico e a intensa propaganda governamental fizeram crescer o patriotismo entre os brasileiros. Muitos tentavam se orgulhar do Brasil ao exibir no carro, ou em outro local qualquer, o lema “ame-o ou deixe-o”.

Censuradores e agentes do DOPS bem que se esforçaram. Artistas, jornalistas, religiosos e muitos outros foram exilados ou mortos, mas não foi possível amordaçar todos os críticos do regime. Segundo Borges (2003),

durante os governos militares os direitos civis e políticos foram os que mais sofreram com a ação do regime. O direito ao *habeas corpus*, isto é, de ir e vir, foi suspenso para crimes políticos, resultando na total perda de cidadania. “Prisões eram feitas sem mandato judicial, os presos eram mantidos isolados e incomunicáveis, sem direito a defesa” (Carvalho, 2001, p. 193). A tortura física e psicológica, com métodos de puro barbarismo era uma constante. (p. 40)

Contudo, de maneira velada, ou não, músicas, filmes, peças teatrais e outras produções culturais faziam o povo crer que o “amanhã seria

outro dia...”

Na década de 1970, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, dirigida pela ala progressista da Igreja Católica embasada na teologia da libertação, tornou-se a voz dos oprimidos, criou movimentos sociais e incentivou o renascimento do Movimento Sindical. Dom Paulo Evaristo Arns, apoiado por outros líderes religiosos não católicos, teve uma atuação destacada.

Os movimentos sociais “Anistia Total e Irrestrita” final dos anos 1970, “Tortura Nunca Mais”, anos 1980, e a mobilização nacional “Diretas Já”, em 1984, são exemplos de que a sociedade brasileira já não suportava mais tanta repressão e ansiava por liberdade e democracia.

Apesar do capitalismo já consolidado, a Constituição de 1988 deixou patente que no Brasil havia uma grande diversidade de pensamento.

Entretanto, cientistas sociais, bem como muitos cidadãos que fizeram parte da geração rebelde de 1960/70, passaram a se perguntar sobre o porquê da apatia da juventude em relação a temas políticos e questões sociais. Segundo eles, até mesmo a consciência política-social da maioria dos “caras-pintadas” era muito questionável.

O equívoco da escolha feita na primeira eleição direta para presidente, em 1989, os questionamentos éticos e os demais acontecimentos que se seguiram, levaram a sociedade brasileira a refletir sobre que tipo de povo queria ser e que nação queria construir.

No Brasil, a mentalidade de que o legal nem sempre precisa coincidir com o moral, foi abalada pela promulgação das Leis 101/2000 e 10028/2000, conhecidas como “Lei de Responsabilidade Fiscal”. Este expediente jurídico responsabiliza os governantes quando, mesmo depois da

cessação dos respectivos mandatos, se verificar que gastaram mais do que arrecadaram, ou deixaram dívidas para o sucessor saldar. Esta lei não é apenas a explicitação do óbvio, mas uma mudança de paradigma no que diz respeito ao trato da coisa pública.

Os militantes, participantes desta pesquisa, se reconhecem herdeiros da cultura popular nordestina, da qual se orgulham. Entretanto, no tocante a cultura oficialmente transmitida nos bancos escolares, reconhecem a existência de uma enorme lacuna. A exemplo de seus pais e avós, não puderam freqüentar a escola como gostariam. O trabalho sempre foi prioridade, era preciso completar o sustento da família.

A televisão ocupou lugar de destaque em suas casas, porém outras atividades culturais mais críticas, como o teatro e mesmo o cinema, não lhes eram acessíveis.

Cresceram sendo ensinados a respeitar as autoridades e a ver na dignidade do trabalho o mais alto e inquestionável valor. No início, consideravam que as altas funções públicas e os cargos políticos estavam reservados aos “estudados”.

Não tinham tradição sindical ou política, porém, percebiam que os benefícios da mecanização e de outras inovações tecnológicas não chegavam à sua classe social, mas somente os sacrifícios dos ajustes na economia.

As precárias condições de vida e o regime político de exceção dos anos 1970 provocavam muitos questionamentos. As respostas começaram a chegar via participação comunitária e organizações de trabalhadores.

Educados numa religião mais tradicional, as práticas

devocionais sempre deram importante apoio existencial. Entretanto, uma nova realidade trazia novos desafios. A CEB - Comunidade Eclesial de Base, fundamentada na Teologia da Libertação, propunha a vivência de uma fé mais engajada nas questões sociais e políticas. Aos poucos, os militantes foram se entusiasmando pelo "marxismo sem Marx" que lhes era apresentado.

Acostumados a lutar com as dificuldades da vida, aprendem na experiência do dia a dia a valorizar a unidade popular para se obter conquistas sociais. Com o tempo fazem uma opção consciente pelos princípios socialistas.

Como militantes na UNAS, novos horizontes se abriram. Cultivaram valores democráticos e participaram de inúmeros movimentos sociais e políticos. Aprenderam a fazer análises conjunturais e a organizar ações políticas globais não partidárias.

Os valores familiares de origem foram preservados, porém reconhecem que a militância prejudicou em alguns aspectos o convívio doméstico, sobretudo em relação à atenção para com os filhos. O principal projeto pessoal desses militantes, hoje, é garantir um "bom futuro" para os filhos.

## **2.5 Trajetória da Entidade**

É dentro do contexto histórico, apresentado, que surgem Heliópolis, UNAS e seus militantes.

Migrantes sem uma moradia digna para acomodarem a família enfrentam, num local sem qualquer infraestrutura, o desafio de um novo começo. Trabalhava-se muito, no emprego para ganhar o sustento, no lar para fazer melhorias na moradia e nos acessos a ela. Era a luta de todos da, agora, favela Heliópolis-São João Clímaco. Não demorou muito para que compreendessem que unidos poderiam fazer muito mais.

Grande estímulo, para o valor de se formar uma consciência associativa, veio da participação nas CEBs - Comunidades Eclesiais de Base, movimento pastoral dos setores mais progressistas da Igreja Católica. As CEBs promoviam, juntamente com suas celebrações, reflexões de temas sociais e políticos que motivavam não só a mútua solidariedade, mas a unidade para a conquista, junto aos Poderes Públicos, de soluções para os graves problemas que penalizavam a todos: carência de água, luz, pavimentação, transporte, etc. A tônica era colocada nos direitos humanos e na necessidade de se romper com a tradição clientelista e populista dos políticos brasileiros.

Na gestão do prefeito Reynaldo de Barros (1979-1982), os moradores de Heliópolis, entre eles os futuros fundadores da UNAS, se organizavam como *Comissão de Moradores*. Todos os esforços desta organização estavam concentrados na obtenção dos serviços de água e luz, que veio acontecer no final de 1982. Entretanto, com o sucesso na ação de reintegração de posse da gleba impetrada pelo IAPAS, a principal luta da Comissão de Moradores passou a ser a permanência na terra.

Na gestão do prefeito Mário Covas (1983-1985), segundo o órgão municipal denominado *Supervisão Regional de Serviço Social do Ipiranga*, a favela Heliópolis-São João Climaco contava com 800 barracos, ocupando, apenas,  $\frac{1}{4}$  da área total. Grande parte dos moradores adquirira sua “licença de moradia” de grileiros, que agiam violentamente quando não obedecidos.

O plano municipal consistia em, após negociação com o IAPAS, erradicação da favela através de sua urbanização (3.000 lotes) e construção de conjuntos habitacionais (6.420 apartamentos).

A Comissão de Moradores pressionava o IAPAS para que concluísse as negociações, à prefeitura e ao governo estadual, para que atendessem às necessidades dos moradores. Em posse do terreno a prefeitura, através da Cohab, mantém contatos com a Comissão de Moradores. O número de barracos havia subido para 2.000. As divergências de pontos de vista, no início do projeto, geraram tensões. A morosidade na oficialização das negociações entre IAPAS e prefeitura, a demora para o início efetivo das obras e as invasões que se intensificavam a cada dia colocaram em risco a viabilidade do plano habitacional.

A gestão Jânio Quadros (1986-1988), logo nos primeiros meses,

colocou a militância em estado de alerta, pois sua política de remoção de favelas das localidades centrais para as periféricas assustava os moradores de Heliópolis. No final do ano de 1986 já havia cerca de 5.000 moradias na localidade.

Fazendo modificações, entre elas o fim dos mutirões, a nova administração assume o plano habitacional da anterior e vários prédios foram construídos pela Cohab. A combatividade da Comissão de Moradores perturbava a inércia dos poderes públicos, que passaram a se valer do fato da sua informalidade para não mais recebê-la. Então, a Comissão de Moradores se constitui legalmente com o nome de UNAS - União de Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco. Abre-se um canal permanente de negociação através de reuniões semanais porém, na prática, o projeto não andava. A UNAS passa a reivindicar equipamentos públicos como creches, escolas, pronto-socorro, etc., além de assessoria e financiamento para a continuidade dos mutirões nas construções de moradias.

A gestão Erundina (1989-1992) se caracterizou pela abertura ao diálogo. Além da UNAS, duas outras associações representavam os moradores e as reuniões com a prefeitura eram em conjunto, o consenso girava em torno dos interesses da comunidade como um todo. Os mutirões tiveram grande impulso. Grande parte da favela foi pavimentada e os serviços de água, luz e esgoto foram estendidos. Outro ponto alto foi a atenção com a educação, com destaque para o MOVA - Movimento de Alfabetização que, utilizando o método Paulo Freire, levava a população fazer uma reflexão crítica da realidade e despertava um espírito associativo. Continuavam a chegar novos moradores e, conseqüentemente, a ocupação

dos terrenos vazios.

A gestão Paulo Maluf (1993-1996) fechou os canais de negociação com as associações representativas da comunidade. Uma área bastante habitada foi removida, de forma rápida e truculenta, para a construção de um anel viário. Foi preciso uma grande mobilização dos moradores para impedir que uma outra área da favela também fosse despejada. Nesse período, não houve qualquer melhoria e os últimos espaços vazios foram ocupados. Não sendo mais possível o crescimento horizontal, os pequenos lotes começaram ser subdivididos e as moradias de alvenaria passaram a “crescer para o alto”, adensando cada vez mais a quantidade de habitantes.

A gestão Pitta (1997-2000) buscou um relacionamento mais amistoso, mas foi uma simples continuidade da anterior, sem qualquer avanço para Heliópolis e região. A UNAS, apesar de sua significativa representatividade, recebia o mesmo tratamento das demais associações da comunidade. Além do crescimento populacional, houve, também, crescimento no número dessas associações e a administração municipal zelava para que não houvesse entendimento entre elas .

A gestão Marta Suplicy (2001-2004), embora tivesse uma atuação mais próxima da comunidade, não promoveu a integração e o desenvolvimento social que se esperava. Foi uma administração marcada por uma postura assistencialista e burocrática. Desenvolveu o programa “Renda Mínima”, melhorou a merenda nas escolas, distribuiu uniformes e material escolar.

## **2.6 Atuação da Militância Hoje**

Atualmente a UNAS, na busca do cumprimento de sua missão de “*promover a cidadania, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento integral da comunidade*”, desenvolve diversos projetos sociais e programas educativos. Estes projetos e programas são desenvolvidos pela militância em parceria com órgãos oficiais (Secretaria do Estado de Assistência e Desenvolvimento Social, Fundação Estadual do Bem Estar do Menor, Procuradoria Geral do Estado, Secretarias Municipais de Educação, Assistência Social, Cultura e Meio Ambiente), com empresas (General Motors, Petrobrás, Unilever, Cred Card e Universidade São Marcos) e, ainda, com pessoas físicas que se disponibilizam dentro de suas respectivas áreas profissionais.

No documento “*UNAS - Relatório de Atividades 2006*” encontram-se listados e explicitados os seguintes projetos, programas e serviços:

- a) Projeto Parceiros da Criança.
- b) Projeto Liberdade Assistida.
- c) Projeto Geração Vida Heliópolis.
- d) Projeto Se Liga Galera! Comunidade.
- e) Projeto Meio Ambiente e Agentes Habitacionais.
- f) Projeto Escola de Voleibol.
- g) Projeto Heliópolis dos Sonhos.
- h) Programa Agente Jovem.
- i) Programa Viva Leite.
- j) Programa Alimenta São Paulo.
- k) 5 Creches.

- l) NSE - Núcleo Sócio Educativo do 120, Lagoa e Imperador.
- m) Atendimento Jurídico Gratuito
- n) Telecentro e Infocentro.
- o) Lavanderia Comunitária.
- p) Rádio Heliópolis FM.
- q) Biblioteca Comunitária.
- r) Cooperativa de Mulheres Costureiras.
- s) CRECA - Centro de Referência de Criança e Adolescente.
- r) MOVA - Movimento de Alfabetização.
- s) Movimento de Saúde. (Políticas Públicas)
- t) Movimento dos Sem Teto. (Políticas Públicas)
- u) Movimento dos Sem Creche. (Políticas Públicas)

Não são cobradas, de associados e beneficiários, taxas, mensalidades ou qualquer outra modalidade de pagamento.

No desenvolvimento dos projetos e programas, a comunidade não se constitui, apenas, no público alvo mas é, também, chamada a participar ativamente. Em cada um deles, estão previstas a formação de *Conselhos Populares* e a realização de reuniões periódicas com pais, responsáveis ou com os próprios beneficiários, para avaliações e coleta de sugestões.

Esses projetos e programas são coordenados pela militância da UNAS, em conformidade com as atribuições estabelecidas em seu estatuto.

Os participantes desta pesquisa reconhecidos como *militantes*, no estatuto da UNAS, figuram entre os *onze membros* de seu Conselho Diretor. Este mesmo estatuto diz, em seu art. 19º,

o Conselho Diretor, que se reunirá sempre que necessário mediante convocação do Presidente da UNAS, será composto por 11 membros, sendo

07 membros que integram a sua Diretoria Executiva, a saber: Presidente; 1º Vice-Presidente; 2º Vice-Presidente; Secretário Geral; 1º Secretário; Tesoureiro Geral e 1º Tesoureiro e outros 04 que integram Diretorias: Educação, Esporte e Cultura; Comunicação; Políticas Públicas - Mobilização Social e Patrimônio. Que terão mandato de quatro anos, admitindo-se a reeleição para o mesmo cargo.

Os membros do Conselho Diretor, segundo o art. 13º do estatuto da UNAS, são eleitos pela Assembléia Geral na qual, segundo a letra c do art. 8º, somente os *associados fundadores* e os *associados efetivos* têm direito de votar e ser votado.

A UNAS é uma entidade autônoma, porém sua direção, por livre iniciativa, participa das reuniões, estaduais e nacionais, da União de Movimentos de Moradia e da Central de Movimentos Populares.

Heliópolis, tendo mais de 60.000 eleitores, é cobiçada por políticos municipais, estaduais e federais. Todos os partidos, de alguma forma, se fazem presentes nas muitas associações e na comunidade como um todo.

Segundo os militantes, entrevistados para esta pesquisa, a UNAS mantém relacionamento com todos os políticos que transitam pela comunidade sendo mais intenso com os do PT, afinal, lembram, no final da década de 1970 e início da de 1980 a militância na CEB, no PT e na UNAS era praticamente a mesma.

No momento atual, o prefeito da cidade de São Paulo é Gilberto Cassab, seu partido é o PFL. O antecessor José Serra, eleito em 2005 pelo PSDB, em apenas 15 meses de mandato e quebrando seu compromisso de campanha, renunciou sem deixar marcas significativas em Heliópolis ou em qualquer outra região paulistana.



### **3. O Contexto Sócio-histórico e a Dialética Indivíduo-Sociedade**

Até esse momento, apresentamos a UNAS e seus militantes no contexto político, econômico e ideológico.

A UNAS é uma realidade complexa. Por um lado, ela é uma consequência das contradições de uma sociedade e, por outro, um produto da deliberação de indivíduos que pretendem superar tais contradições.

Em nossas observações de campo constatamos duas realidades em contínua transformação: uma sociedade com seus padrões de funcionamento e determinados indivíduos intervindo nestes padrões. Reconhecemos nesses indivíduos um posicionamento militante dentro do chamado terceiro setor.

O terceiro setor, hoje, é o espaço privilegiado de organização para as parcelas da sociedade civil que buscam o bem comum. Isso se deve ao atual momento histórico no qual as articulações entre Estado (primeiro setor) e mercado (segundo setor) não têm garantido satisfatoriamente o contrato social.

Atualmente, a significativa expansão, ainda em curso, do terceiro setor tem provocado inúmeras discussões na sociedade brasileira, bem como na comunidade internacional.

Um questionamento fundamental, sempre presente, é se os três setores são complementares ou excludentes. Participando dessa discussão, embora tendendo para a primeira opção, Fernandes (2000), pondera

a visão integradora, dada pela complementaridade entre os três setores, não exclui conflitos, é claro. Pressupõe mesmo que existam, no interior de cada setor e entre eles. Projeta cenários eivados de tensões, que devem ser

resolvidas na dinâmica social. É uma visão dinâmica, geradora de muitas histórias possíveis. Não se apóia, contudo, numa demonstração de sua necessidade. A complementaridade entre o Estado, o mercado e o terceiro setor pode dar-se ou não, pode ser mais ou menos feliz, mais ou menos eficaz. Sua sorte depende de múltiplos fatores, alguns previsíveis, outros não. (p.32)

Essas discussões nos levam a concluir que, de modo geral, as ações das entidades do terceiro setor são benéficas para o seu público alvo. Considerando apenas as entidades tidas como sérias, podemos dizer que são quase incontáveis aquelas que, fazendo ou não parcerias com governos e/ou empresas, atuam eficazmente em favor do bem comum.

Médicos associados prestam serviços gratuitos na periferia; jovens recebem qualificação técnica em instituições religiosas; áreas verdes são preservadas pela ação de ambientalistas; etc. No entanto, a partir de uma análise estrutural, fica evidente a perenidade das precárias condições em que se encontram a saúde, a educação e o meio ambiente em nosso país, para citar apenas algumas realidades.

Essas discussões nos levam, também, a concluir que são ínfimos os alardeados benefícios atuais e, sobretudo, os históricos que as entidades do terceiro setor têm realizado para o conjunto da sociedade.

Há os que defendem a idéia de que é melhor um bem menor do que nenhum bem. Entretanto, esse bem menor realizando-se não estaria encobrindo o bem infinitamente maior ainda por se realizar? Ações pontuais que atendem as necessidades de um determinado público não estariam mascarando as ações, por parte do mercado, causadoras destas mesmas necessidades a um público imensamente maior; ou a falta de ações, por parte do Estado, que poderiam eliminá-las definitivamente? Militantes do

terceiro setor, em vez de estarem ali, não poderiam atuar junto àqueles que se empenham por mudanças estruturais e não pontuais?

Essas discussões ainda vão muito longe, entretanto, tudo leva a crer que o terceiro setor está sendo instrumentalizado através de intervenções da iniciativa privada e de políticas sociais de governos.

Montaño (2002) faz uma bem fundamentada crítica a essa realidade e defende a tese de que

o debate do “terceiro setor” desenvolve um papel ideológico claramente *funcional aos interesses do capital* no processo de reestruturação neoliberal, no caso, *promovendo a reversão dos direitos de cidadania* por serviços e políticas sociais e assistenciais universais, não contratualistas e de qualidade, desenvolvidas pelo Estado e financiadas num sistema de solidariedade universal compulsória (grifos nossos). (p. 19)

De fato, diversos direitos de cidadania, como o da segurança, o da saúde e o do trabalho, correm sérios riscos de serem suprimidos pelo processo de reestruturação neoliberal. Exemplificando, atualmente são poucos os que questionam a necessidade de contratação de guardas particulares para vigiarem as ruas; ou a situação corriqueira de mortes de seres humanos devido a doenças perfeitamente curáveis; ou, ainda, o fato de jovens trabalhadores terem cada vez mais dificuldade para ingressar e se manter no mercado de trabalho. Esses exemplos denotam um esmorecimento no censo crítico, uma certa apatia da consciência cidadã em relação à reversão dos direitos de cidadania que está sendo promovida em nosso país. O fato é que "ser um cidadão", para muitos, ainda não é uma realidade amplamente compreendida . São poucas as oportunidades em que a população, em geral, discute a cidadania. Em contrapartida, a palavra cidadania, muitas vezes, é descaracterizada e até mesmo ideologizada,

particularmente, em discursos políticos.

Enfim, no cotidiano da sociedade civil organizada, há sempre um questionamento sobre o significado efetivo da palavra cidadania. A resposta de Gilberto Dimenstein (2005) a essa indagação não é plenamente satisfatória, mas se mostra coerente com a perspectiva de nossa reflexão,

cidania é uma palavra usada todos os dias e tem vários sentidos. Mas hoje significa, em essência, o direito de viver descentemente. (p. 29)

Fazendo parte da sociedade civil organizada, no universo denominado terceiro setor, a UNAS, através de seus militantes, tem participado ativamente de todas essas discussões e promovido profundas reflexões sobre o seu modo de atuação para atingir seu objetivo ou, como preferem designar, cumprir sua missão .

A busca de uma compreensão desse posicionamento militante em particular passa, também, pela tentativa de se compreender a relação indivíduo-sociedade em geral.

### **3.1 Indivíduo e Sociedade: realidades em construção**

É na interação com o mundo que cada ser humano, nascendo numa determinada sociedade e num contexto cultural específico, vai se tornando um indivíduo diferenciado dos demais.

A relação indivíduo-sociedade pode ser comparada a um corpo no qual suas partes se influenciam mutuamente. Aberta para o mundo e acolhendo novos indivíduos, essa relação é uma realidade em contínua transformação.

Berger & Luckmann (1999) concebem a realidade como uma construção social, isto é,

a ordem social existe unicamente como produto da atividade humana. Não é possível atribuir-lhe qualquer outro status ontológico sem ofuscar irremissivelmente suas manifestações empíricas. Tanto em sua gênese (ordem social resultante da atividade humana passada) quanto em sua existência em qualquer instante do tempo (a ordem social só existe na medida em que a atividade humana continua a produzi-la) ela é um produto humano. (p. 76)

Esses autores, partindo de uma abordagem dialética entre realidade objetiva e subjetiva propõem, também, que o mundo social subsiste em três momentos inseparáveis, porém didaticamente caracterizados como exteriorização, objetivação e interiorização.

Imerso nessa realidade complexa, o indivíduo constitui a sociedade, ao mesmo tempo em que é constituído por ela.

Desde seus primeiros momentos, o indivíduo inicia o processo de exteriorização de seu próprio ser, continuamente e ao longo de toda sua vida. Essa exteriorização se dá através de uma incessante interação com o meio natural e o humano propriamente dito.

O desenvolvimento biológico do ser humano se manifesta com maior evidência nos primeiros anos, quando as mudanças físicas são muito rápidas. Já o seu desenvolvimento psicossocial se dá mais lentamente, sobretudo, se comparado ao ritmo da maioria dos primatas. Entretanto, sua racionalidade o possibilita ao longo do tempo e em conjunto com os demais indivíduos construir mundos culturais diversos nos quais ele próprio está inserido. Segundo Berger & Luckmann (1999),

o ser humano solitário é um ser no nível animal (que, está claro, o homem partilha com outros animais). Logo que observamos fenômenos especificamente humanos entramos no reino do social. A humanidade específica do homem e sua socialidade estão inextricavelmente entrelaçadas. O *homo sapiens* é sempre, e na mesma medida, *homo socius*. (p. 75)

Portanto, é na atividade racional em sociedade, característica própria da condição humana, que todo indivíduo em sua abertura para o mundo se exterioriza criando a ordem social.

A exteriorização na atividade é uma necessidade antropológica, ou seja, o agir humano é inerente ao existir humano. As atividades do indivíduo adquirem contornos próprios na interação com o meio e, ao se tornarem habituais, acabam forjando padrões de conduta.

Ao associar à sua conduta determinados padrões em detrimento de inúmeros outros possíveis, o indivíduo estabelece valores que norteiam sua vida. No exercício dos padrões de conduta tidos como “os corretos”, o indivíduo assume papéis que emergem da ordem social em construção. Independentemente de quem o assume, cada papel adquire um significado socialmente compartilhado. O significado é objetivado. Esse significado objetivado apreende o indivíduo, ao mesmo tempo em que dele recebe um

sentido próprio. A partir dessa interação entre significado objetivado e sentido atribuído, o indivíduo não só assume um papel, mas funde-se a ele.

Num processo histórico contínuo, os padrões são transmitidos a determinados grupos sociais, bem como às novas gerações. A distribuição social do conhecimento e a decorrente divisão social do trabalho, “reificam” a ordem social, isto é, “o mundo objetivado perde a inteligibilidade que possui como empreendimento humano e fixa-se como uma facticidade não humana, não humanizável, inerte” (Berger & Luckmann, 1999, p. 123).

A atividade humana por ser uma ação compartilhada-socializada dá origem ao fenômeno institucionalização. A instituição resulta da necessidade de controle, pois a diversidade de atores abre a possibilidade de desvirtuamento dos padrões estabelecidos como pilares da ordem social.

Segundo Berger & Luckmann (1999),

um mundo institucional, por conseguinte, é experimentado como realidade objetiva. Tem uma história que antecede o nascimento do indivíduo e não é acessível à sua lembrança biográfica. Já existia antes de ter nascido e continuará a existir depois de morrer. Esta própria história, tal como a tradição das instituições existentes, tem caráter de objetividade. A biografia do indivíduo é apreendida como um episódio localizado na história objetiva da sociedade. (p. 86)

As novas gerações acolhem as instituições como uma realidade perene mas, por não terem participado de seus momentos fundadores, não as vêem com a transparência com que seus guardiões afirmam existir. As instituições embora nasçam e se desenvolvam como produtos de uma sociedade, por seu dinamismo interno acabam produzindo, também, sua própria história. Portanto, o êxito na tentativa de se compreender uma instituição dependerá, também, da busca de entendimento das articulações entre sua história particular e o contexto histórico geral.

Ao entrar em interação com o mundo social o ser humano se torna um indivíduo que simultaneamente exterioriza, objetiva e interioriza a sociedade. Num mundo concebido como real (objetivação), ao mesmo tempo em que esse indivíduo é produtor da sociedade (exteriorização), por ela é produzido (interiorização).

Ao explicitarem a interiorização, Berger & Luckmann (1999) fazem uma distinção entre socialização primária e socialização secundária.

Na socialização primária o indivíduo interage com os outros que lhes são significativos, notadamente os mais próximos, como familiares. Nessa interação, há acolhimento dos universos simbólicos e identificação com os papéis sociais apresentados. O processo identificatório tem como referência os outros significativos. Entretanto, "este processo não é unilateral nem mecanicista. Implica uma dialética entre a identificação pelos outros e a auto-identificação, entre a identidade objetivamente atribuída e a identidade subjetivamente apropriada" (p.177).

Na socialização secundária o indivíduo, já introduzido na sociedade, entra em relação com setores de um mundo social mais complexo e amplia-se o círculo de outros que lhe são significativos. É o momento de firmar uma identidade, tanto quanto possível, independente daqueles papéis sociais que lhe foram apresentados. Essa socialização segundo Berger & Luckmann (1999) "é a interiorização de submundos institucionais ou baseados em instituições. A extensão e caráter destes são portanto determinados pela complexidade da divisão do trabalho e a concomitante distribuição social do conhecimento" (p.184-185).

## 3.2 A Dinâmica Social

O mundo social é um empreendimento humano no qual seus empreendedores estão, também, nele incluídos. É uma construção que se dá dialeticamente no contínuo embate entre os determinismos sociais e a autodeterminação dos indivíduos.

O foco desta pesquisa está sobre um mundo social que historicamente vem sendo construído a partir da relação: militância na UNAS - sociedade em geral.

A teoria da ação comunicativa de Habermas (1999), célebre filósofo da atualidade, é muito elucidativa na busca de compreensão da dinâmica social contemporânea. Conforme as palavras de Habermas (1997)

a ação comunicativa é a forma de interação social em que os planos de ação dos diversos atores ficam coordenados pelo intercâmbio de atos comunicativos, fazendo para isso, uma utilização da linguagem (ou das correspondentes manifestações extraverbais) orientada para o entendimento. A medida em que a comunicação serve ao entendimento (e não só ao exercício das influências recíprocas) pode adotar para as interações o papel de um mecanismo de coordenação da ação e com isso fazer possível a ação comunicativa. (p. 418)

Refletindo sobre as tensões e os conflitos de nossa época, Habermas (1999) vê o mundo ancorado nas tecnologias e submetido à lógica instrumental-estratégica. Ele vê as relações globalizadas fundamentadas numa pretenciosa ideologia tecnocrata que tenta se impor como a única científica. Nesse tipo de racionalidade, o objetivo é o manejo de indivíduos de forma a evitar que concepções políticas, econômicas e ideológicas discrepantes venham interferir negativamente na hegemonia do capitalismo, bem como no seu reduzido número de controladores. Atualmente, a partir

dessa racionalidade, as pessoas são formadas para que concebam o trabalho como um fim em si mesmo, em prejuízo da interação social.

Assim, segundo esse pensador, o mundo caminha para o caos, uma vez que o interesse pela estabilidade e pelo crescimento econômico se sobrepõe aos interesses da convivência solidária.

Em sua reflexão, Habermas (1999) propõe a "ação comunicativa" como uma outra lógica capaz de se sobrepor à lógica instrumental-estratégica. A interação social tendo a primazia, os indivíduos em suas manifestações concretas, especialmente a do trabalho, privilegiam a cooperatividade e a busca da mútua compreensão. É o reconhecimento de que as soluções estão no processo e não nos resultados. Os resultados são sempre provisórios, passíveis de superação por um novo consenso. A única meta realmente válida é o entendimento.

Numa perspectiva cosmopolita, esse tipo de racionalidade, com base no estado de direito e na democracia, favorece a autocompreensão da sociedade. A ação comunicativa, segundo Habermas (1999), é capaz de evitar o caos e de construir uma ordem social baseada na justiça e na solidariedade.

Orientada para a compreensão, a ação comunicativa favorece a criação de condições reais para o consenso deixando aberta a possibilidade dos indivíduos se autodeterminarem.

A autodeterminação de um indivíduo se dá quando, libertado das imposições dogmáticas externas e do exercício desenfreado de suas próprias arbitrariedades, se mantém aberto às transformações. Essa abertura não se traduz na atitude passiva, de quem espera por acontecimentos inusitados, ordens superiores, assistencialismos privados ou

governamentais. Trata-se da decisão de ser sujeito da própria história, ou seja, embora integrado à ordem social vigente, estar atento para, sempre que necessário, tomar um novo caminho com a firme disposição de enfrentar seus obstáculos e desafios.

Ser sujeito é agir a partir de uma análise racional da realidade, objetivando a concretização de novas e mais positivas possibilidades. Possibilidades tais que, ao serem consideradas metas, passam a gerar força e entusiasmo e, ainda, se integram ao sentido da vida daqueles que para elas se encaminham.

Ciampa (2003), na linha do pensamento de Habermas, afirma que o sentido da vida reside na "luta ininterrupta e incansável pela emancipação humana" e entende que fundamental para o indivíduo não é a chegada mas a perseverança no caminhar. É o que se denomina de utopia, isto é, um objetivo que dá um norte ao indivíduo e é passível de sucessivas aproximações através de realizações concretas, em contraposição ao utopismo que é apenas um sonho inatingível. Ao colocar uma pergunta, que ao longo do texto terá o sim como resposta, Ciampa (2003) propõe uma reflexão sobre essa intrigante realidade:

Esta luta, que envolve experiência e esperança, permite articular racionalmente o ceticismo da crítica, próprio do pensamento histórico, com a generosidade do entusiasmo, própria do pensamento utópico? (p. 2)

Ser militante é uma forma de subjetividade, um processo identificatório no qual o pensamento utópico se faz presente com um peso significativo. Ser militante não é mais um fazer, e sim um modo de ser que envolve o indivíduo em seu todo. Na construção social, a militância é um dos caminhos possíveis para o indivíduo em busca de sua autodeterminação.

Figueiredo (1995), ao discorrer sobre a militância, observa que sem levar em consideração a região (política, religião, meio ambiente, etc.) ou a direção (revolucionária, conservadora ou alternativa) identifica-se no militante certas características:

- a) compromisso.
- b) engajamento.
- c) disponibilidade.
- d) resignação.
- e) voluntarismo.
- f) sectarismo.
- g) dogmatismo.
- h) desejo de transformação da realidade.
- i) um agir predominantemente técnico.

Contudo, essas características não se fazem presentes uniformemente (em número e em intensidade). Figueiredo (1995) afirma que

o tipo perfeito de militante foi aquele gerado pelos partidos ditos de esquerda e, mais particularmente, na tradição marxista-leninista. O exame desta militância nos será ainda mais elucidativo porque, além de concentrar paradigmaticamente os traços essenciais desta modalidade de subjetivação, ela exhibe, de forma patética, a contradição entre as pretensões revolucionárias e transformadoras e a elaboração de identidades resistentes, reativas, defensivas e obturadas. (p. 116)

Ferreira (2000) considera a militância como um estágio (a ser superado) no desenvolvimento da identidade de um indivíduo. Esta obra, embora tendo uma temática voltada para o militante negro, possibilita (p. 79-83) a identificação de características do modo de ser militante em geral:

- a) apego obsessivo a símbolos, a jargões verbais, a avaliações dicotômicas do tipo "ou isto ou aquilo" ligados à causa que está

abraçando.

- b) o assumir de padrões idealizados e a partir deles julgar e atacar os que não os aceitam.
- c) considerar a si e a seu grupo como superiores.
- d) alimentar sentimento de culpa pelo tempo em que não havia, ainda, aderido à causa.
- e) alimentar sentimento de orgulho ao conhecer os feitos de seus pares e ao se aprofundar na história de seu movimento.
- f) procurar ser referenciado, publicamente, à sua causa.
- g) alimentar sentimento de raiva aos adversários e aos que deliberadamente não aceitam ser aliados.
- h) rebeldia em relação às normas externas e submissão às de seu grupo de referência.
- i) tendência a um fechamento em torno de suas referências.
- j) tendência a repetir a situação que pretende transformar, apoiando-se em procedimentos de exclusão e vedamento.

Diante desse quadro, formado a partir dos estudos de Figueiredo (1995) e Ferreira (2000), se percebe no militante um movimento ambíguo que o move para a conquista de liberdade ao mesmo tempo em que o circunscreve em parâmetros aprisionadores. Ao assumir a posição militante o indivíduo poderá, ou não, chegar à sua plena autodeterminação e com maior ou menor intensidade, de alguma forma, sua trajetória influenciará na construção da sociedade.

## 4. Vivendo a UNAS

Neste capítulo passamos a discutir os dados obtidos nas entrevistas com os participantes. Essa discussão se dá sob a luz dos dois capítulos anteriores: “UNAS” que faz uma contextualização histórica geral e “O Contexto Sócio-histórico e a Dialética Indivíduo-Sociedade” que expõe a fundamentação teórica desta pesquisa.

## 4.1 Genésia

*Eu sou 2ª vice-presidente da UNAS e coordeno o projeto Centro de Educação Infantil Mina... Faço parte do Conselho de Saúde aqui da Unidade Básica de Saúde. Trabalho na militância pelas políticas públicas, visando sempre o investimento na busca dos direitos da comunidade.*

Genésia, 48 anos, casada, paraibana da cidade de Itabaiana, ensino fundamental, 3 filhos, na entrevista ressalta que possui hoje uma família maravilhosa e nada conta de sua vida antes da chegada à cidade de São Paulo, em 1976, com o marido e dois filhos pequenos. Com 18 anos, ela chega esperando construir uma nova vida, pois essa esperança, no lugar de onde vinha, não tinha mais lugar. Um novo começo exigia condições que, como já apontamos no capítulo sobre os antecedentes econômicos, a grande cidade parecia oferecer.

Conseguir um local para morar, via de regra, segundo Kowarick (1993), era a maior preocupação das famílias migrantes. Com dinheiro emprestado ainda no nordeste, o marido de Genésia aluga uma minúscula casa. A dificuldade em pagar o aluguel obriga a busca de uma outra solução.

*... Vim morar num barraquinho de madeira, em Heliópolis. Aqui era tudo um matagal, ainda. Tinha uns 50 barraquinhos.*

Genésia se vê dentro uma sociedade hostil. Por um lado requisitavam sua força de trabalho, por outro não abriam espaço para que sua família tivesse o que considerava ser uma vida digna. Na década de

1980, conforme nossa exposição sobre a situação social dessa época, a economia brasileira estava em crise e o peso sobre os mais pobres era muito grande. Essa situação confirma a avaliação de Habermas (1999), quando afirma que a sociedade capitalista sobrepõe os interesses econômicos sobre os da convivência solidária abrindo espaço para muitas injustiças.

*Aqui não tinha água, não tinha luz, nada... as pessoas pagavam aluguel pra grileiros... Eles queriam que eu fizesse um contrato de aluguel. Eu me recusei a fazer e eles me deram um prazo de 24 horas pra sair. Então comecei a tentar convencer os moradores, de que era um direito deles morar, porque essa terra não era deles pra fazerem isso. Aí comecei meu trabalho, que era doloroso tanto para mim como para minha família.*

Construir uma nova vida não era simplesmente um trabalho voltado para si mesma, concluiu Genésia. Era necessário construir, também, uma nova sociedade. Segundo Berger & Luckmann (1999), é próprio do ser humano em sua abertura para o mundo se exteriorizar e, com os outros, criar uma ordem social. Nessa dupla e concomitante construção muitas eram as frentes de trabalho: trazer o sustento para casa, cuidar do lar, defender a família dos grileiros, conscientizar os vizinhos, etc.

No início, dentro de uma indispensável complementaridade, trabalhar fora ficou para o marido e os trabalhos domésticos para ela. Defender-se dos grileiros era tarefa de todos, inclusive das crianças, pois as agressões eram constantes.

*Eles ameaçavam passar o trator em cima dos barracos. Muitas das agressões que sofremos meus filhos estavam presentes. Eles se sentiam revoltados vendo o pai e a mãe apanhando, a criança não entende...*

O marido fora, o trabalho de conscientização junto à vizinhança era desenvolvido por Genésia, mesmo sob ameaça de morte. O número de barracos ia aumentando porém, sob pressão, os moradores resistiam ao

convite para se unirem na luta contra os grileiros.

*Não foi fácil, as pessoas não queriam se unir porque tinham medo das ameaças.*

Os grileiros cooptaram fortes aliados na Delegacia. Policiais civis e militares passaram a pressionar os "agitadores de Heliópolis". Muitas vezes Genésia viu seu marido impedido de entrar em casa, depois de um dia de trabalho, sendo levado preso "*por não conseguir controlar a mulher agitadora*". O casal busca, sem sucesso, ajuda junto a um vereador muito votado na região, prevalecendo o histórico alinhamento entre os políticos e os economicamente mais poderosos, como apontamos no item sobre os antecedentes políticos.

Genésia se integra ao Clube de Mães, uma pastoral da Igreja Católica junto à população favelada, reconhecendo ali um campo fértil para semear sua agitação. Nessa época, conforme destacamos em diversos momentos, a Igreja Católica tinha uma forte atuação social. Surge a Comissão de Moradores. Padres e seminaristas apóiam o que passou a ser denominado de "a luta do povo". Os bispos colocam a estrutura da Igreja à disposição de diversos movimentos sociais. As pessoas assumem papéis que emergem da ordem social em construção e se identificam com eles. Essa nova realidade institucionalizada, segundo Berger & Luckmann (1999), é a objetivação do sentido.

Os movimentos sindicais se organizavam e se fortaleciam. Realidades semelhantes à de Heliópolis, conforme já pontuamos, emergiam pela cidade de São Paulo e pelo Brasil.

A situação em Heliópolis chegou a um ponto crítico.

*A qualquer momento iam dar sumiço no meu marido. Então Frei Sergio*

*trouxe o advogado da Comissão dos Direitos Humanos, mandado por Dom Paulo Evaristo Arns. A gente estava sendo processado por um monte de causas e nem sabia... As providências vieram de cima, do Secretário de Segurança, primeiramente de Deus, é claro. Mudaram muitos policiais da 26ª Delegacia. Mesmo assim, por muito tempo ainda, fomos perseguidos, até que foram sumindo...*

Genésia sentia necessidade de apoio e orientação. A integração com a Igreja foi de grande importância para ela e seu marido, pois muitos de seus valores se vinculavam à formação católica recebida na família e na comunidade de origem. As autoridades eclesiais (independente quem sejam particularmente) já faziam parte do seu círculo de outros significativos. É o que Berger & Luckmann (1999) denominam de interiorização de submundos institucionais que ocorre durante a socialização secundária.

*Eu o João e outros companheiros tivemos o privilégio de passar por essa formação. A Cleide, ainda adolescentezinha, ali novinha chegou ainda a passar no Grupo de Jovem da Igreja. O Geraldo também. Os novos, com o tempo nós estamos formando, vão vindo e já vão participando, vão conhecendo esse trabalho que na época a Igreja desenvolvia.*

Heliópolis ia se transformando e Genésia também. A enorme carência de moradia levava ao crescimento da favela num ritmo assustador.

*A gente conseguiu ficar ali morando, mas precisava de água, de luz, o esgoto era a céu aberto. A gente ia se organizando para levar nossas reivindicações aos setores públicos... E a violência aumentando também. A gente falava, olha se a gente não pensar num projeto para essas crianças agora... E eu tinha claro que sozinha eu não ia conseguir esse projeto realizado, só com a união de todos.*

Genésia e seus companheiros de luta acreditavam que se organizando e unindo a comunidade seria possível transformar a favela num bairro como os outros da cidade. Essa crença ou, como expusemos na fundamentação teórica, o chamado pensamento utópico, motivou muitas

ações concretas. A informal Comissão de Moradores se torna a UNAS, uma entidade formalmente constituída. Os canais de comunicação com os governos municipais, estaduais e federais eram ampliados, à medida que se intensificavam as negociações acordos eram firmados. Outros canais de comunicação se estabeleceram com a iniciativa privada e algumas empresas fizeram parcerias com a UNAS.

É possível reconhecer nessa busca de entendimento interno, entre os moradores, e externo, com o Estado e o mercado, uma certa identificação com a teoria da Ação Comunicativa proposta por Habermas (1999). Dizemos apenas certa identificação porque há uma forte determinação na busca de justiça e uma clara opção democrática. Entretanto, o enorme número de projetos em execução pela UNAS, com suas implicações políticas, econômicas e ideológicas, gerou o risco de seus militantes perderem os momentos, dentro de um processo dialético, de superar certas situações incompatíveis com a verdadeira solidariedade. Genésia, em muitas de suas falas, demonstra sua preocupação com as pessoas que se acomodam com o assistencialismo prestado pela UNAS. O objetivo não é parar no atendimento de necessidades imediatas, mas educar para a cidadania.

*A gente viu que tinha que fazer projetos aqui dentro pras crianças e adolescentes e junto à família deles. Isso é pra longo prazo, a gente tem consciência disso. Aí, a gente começou a reivindicar isso, também, dos poderes públicos. Mas não podia ser só isso, a gente começou a trabalhar a questão da cidadania com o povo. O mundo não é só o que tem aqui. Existia muita coisa maravilhosa que todos tinham direito..*

Objetivando formar a consciência cidadã, a preocupação com a educação de crianças e jovens ocupa um lugar especial tanto nos projetos da

UNAS como na parceria com as escolas públicas. Nessa área são muitas as realizações que fortalecem a utopia de se construir uma nova sociedade. Entretanto, trata-se de uma dupla preocupação, pois as ações se dirigem para a comunidade em geral e, também, particularmente para a nova geração que deverá dar continuidade à militância.

*Nós estamos preparando os jovens pra dar continuidade a todo esse trabalho, passando por esse processo de formação. Nós sabemos que no futuro eles vão assumir tudo isso aqui. Nós vamos ter o nosso tempo também, vai chegar o momento que a gente vai falar agora vocês é que vão ter que continuar. O nosso projeto, o projeto da UNAS hoje é esse, preparar a nova geração.*

Genésia e seus companheiros sentem um certo esfriamento no entusiasmo da nova geração, o que Berger & Luckmann afirmam ser próprio dos que acolhem uma instituição sem terem participado de seus momentos fundadores. Além disso, como já pontuamos nos antecedentes políticos, ultimamente observa-se em nosso país certa dificuldade para atrair jovens para os movimentos sociais e para a participação política.

Outro aspecto que tem merecido a atenção de Genésia, é o tráfico de drogas, que reconhece ser uma problemática que ultrapassa os limites de sua localidade tanto em seu desenvolvimento quanto em sua necessidade de solução.

*Essa coisa da violência da droga é construída, construída naquele modelo que vem lá de fora. Aqui dentro do Heliópolis não existe nenhum laboratório, aqui não existe plantação de maconha, de cocaína, a gente conhece todos os lugares aqui dentro, cada buraco, não tem nada disso aqui. E por que tem droga? Vem tudo de fora. Tem alguma coisa errada, estão molestando nossos adolescentes. Quem é o responsável? É o adolescente? Alguém precisa ser responsabilizado. É muito fácil criticar. Esse menino não escolheu o futuro dele, alguém planejou essa desgraça para ele... A gente não pode ficar aí assistindo a morte desses adolescentes e achar, como muita gente acha, que é normal.*

Essa fala denota o desejo de transformação da realidade muito presente na atuação de Genésia e que, segundo Figueiredo (1995), é uma das características do militante. Verificamos outras características, também apontadas por esse autor, como o engajamento, o compromisso e a resignação sempre presentes em sua atuação e que muitas vezes vieram à tona em sua fala.

*Eu comecei a participar desse Clube de Mães e tal, pra convidar essas mães pra nossa luta e não ficar ali costurando só... Foi uma época muito difícil, muito sofrimento... [meus filhos] hoje se sentem muito orgulhosos da gente ser insistente, por a gente continuar na luta... eles falam "tudo isso valeu a pena, só não teria valido se nós tivéssemos perdido vocês".*

Percebemos, também, na trajetória de Genésia algumas das características apontadas por Ferreira (2000) como a rebeldia em relação às normas externas e submissão às de seu grupo.

*Para que as pessoas percam o medo de se unir, de se tornar cidadão, um cidadão crítico. Ele não tem que falar amém pra tudo, não tem que aceitar quando está sendo lesado nos direitos, seja lá por quem for. Ele é um cidadão que pode reclamar os seus direitos. Mas ele precisa de apoio e de informação. Por isso a gente se organiza na comunidade.*

Genésia se considera uma militante no terceiro setor, e é reconhecida como tal. Sua participação na UNAS está profundamente arraigada em sua vida.

*Pra mim, eu não sou ninguém sem a UNAS. A UNAS é tudo na minha vida...*

Essa fala de Genésia, ligando sua participação na UNAS com o sentido de sua existência, expressa o posicionamento de Berger & Luckmann (1999) quando dizem que ao assumir um papel o indivíduo funde-se a ele passando a reconhecer a si mesmo pelo sentido objetivado.

Quando perguntada, na hipótese de a UNAS deixar de existir

ou na possibilidade de sua saída de Heliópolis, o que faria, Genésia

respondeu:

*Só se eu fosse pra algum lugar que não tivesse nenhum problema, nenhuma injustiça social... Porque se não eu começava tudo de novo.*

## 4.2 João

*Eu sou presidente da UNAS.  
Nordestino, vim para São  
Paulo com dinheirinho  
contado, conseguir alguma  
coisa. Vim para cá todo  
cheio de esperança...  
Consegui ser gente, ser  
cidadão.*

João, 49 anos, casado, pernambucano da cidade de Pau d'Alho, ensino fundamental incompleto, 3 filhos, na entrevista não se refere ao passado anterior à sua chegada, com a família, à cidade São Paulo. João é o marido de Genésia, a primeira entrevistada, por isso não serão repetidos dados pessoais, comunitários ou da entidade.

Ao escolher as proximidades do ABCD paulista para morar, João objetivava a obtenção de um emprego, o mais rápido possível. Como já pontuamos ao referirmos ao desenvolvimento econômico, o grande número de indústrias da região metropolitana de São Paulo era, e é, um significativo fator de atração para as correntes migratórias.

*Aqui precisava de tudo, tinha luz no meu barraco, mas era oito, nove, dez famílias e eu era o último. A energia é o seguinte: quem fica por último, tudo ligado numa fase, pega o resto. A gente precisou fazer uma redistribuição da rede, cinco casa numa fase, cinco numa outra pra melhorar um pouquinho. Aí a gente começou sentir a necessidade de se organizar.*

Com disposição para o trabalho, ele buscava uma vida melhor. Porém entende que, além de trabalhar, seria necessário lutar por ela com a união de sua classe. Baseados em Berger & Luckmann (1999) e destacando seu pensamento de que "o homo sapiens é sempre, e na mesma medida, homo socius", podemos observar que a realidade social começa construir o

militante João que, por sua vez, dá início à sua contribuição na construção de uma nova sociedade. Nesse processo dialético, como explicam esses mesmos autores, é muito importante a divisão do trabalho e a distribuição do conhecimento. A ação de João sempre foi companheira inseparável da reflexão. Essa sua postura era cultivada em eventos sindicais e, principalmente, em sua participação nas Pastorais da Igreja.

*A Pastoral da Igreja era pastoral de favelas... a primeira pastoral de favelas, que foi criada em São Paulo, foi aqui na região nossa do Ipiranga. Então juntava as comissões de favelas uma vez por mês pra discutir as políticas na questão de habitação pra melhorar a vida da gente... a Pastoral me ajudou muito, pregava um Deus vivo, não um Deus que morreu, um Deus que está dentro, na luta...*

A dinâmica que se desenvolvia - da reflexão para a prática, da prática para a reflexão - levou João a uma compreensão das conjunturas política e econômica segundo a ótica que predomina nos itens 2.2 e 2.3 desta pesquisa e, também, a assumir um discurso ideológico de base socialista.

*Eu venho com isso na cabeça, consciência de luta de classe, que entra dentro da gente e não sai nunca mais. Pelo menos, eu tenho falado pro pessoal: uma coisa que os capitalistas nunca pode fazer é tirar isso da gente. Só se comprar os caras, mas quando compra é porque ele não está mais ligado, se ele estiver consciente não se vende, não se vende. Enquanto a gente está vivo, nosso objetivo é socializar essa consciência com outras pessoas.*

Essa fala, e outras semelhantes, espelham duas características do ser militante apontadas por Ferreira (2000): a primeira é o assumir de padrões idealizados e a partir deles julgar e atacar os que não os aceitam e, a segunda, a de considerar a si e a seu grupo como superiores. O compromisso, o engajamento e a disponibilidade que, segundo Figueiredo (1995) são características próprias do posicionamento militante, cada vez mais iam fazendo parte da vida de João. Outra característica apontada por

esse autor, o agir predominantemente técnico, conduzirá as ações de João e seu grupo na, então, legalmente constituída UNAS.

*Eu não acredito em movimento de resultado. Acredito em movimento transformador. Não é, que a gente luta pra ter uma pavimentação, mas pra ter pavimentação a gente precisa ter representantes. Os representantes da rua vão ter que participar com a gente... Então qual é nosso objetivo? É a tomada de consciência. Então, não é o João Miranda ou a diretoria da UNAS fazer pelo povo, mas é a gente buscar fazer com o povo...*

Essa concepção, sempre emergente ao longo da entrevista, se coaduna com a lógica da ação comunicativa de Habermas (1999) que atribui um caráter provisório aos resultados uma vez que é preciso continuar perseguindo o objetivo maior: uma sociedade justa e solidária. João entende que no mundo capitalista, prevalecendo a lógica instrumental-estratégica, ou seja, o interesse do capital, aqueles que possuem apenas a força de trabalho se deparam com obstáculos intransponíveis ao querer agir isoladamente.

*Para mim o fundamental é a sociedade civil organizada. Porque na hora em que a sociedade civil estiver organizada, a gente vai ter as mudanças necessárias em nosso país. A gente sonha com um país que tem que ser nação. Ser nação é não ter essa distância que é uma malvadeza, a gente fala assim, uma concentração de renda uma das maiores do mundo e com a pobreza que tá...*

Em muitos momentos da entrevista são lembradas as dificuldades vividas por quem deseja perseverar na militância. O militante, assinala Figueiredo (1995), é imbuído de resignação porém, confirmando as observações feitas por Ciampa (2003), fica evidenciado nas falas de João, que sua principal motivação para a luta vem de algo que está adiante, isto é, se fundamenta num declarado pensamento utópico. João olha para o futuro a partir das precárias condições de vida de grande parte da população brasileira, particularmente dos moradores da periferia da cidade de São

Paulo. Conforme a visão, não só de João, mas de todos os participantes, relatada nesta pesquisa, já é histórica a exclusão de uma real participação política dos mais pobres. O aludido pensamento utópico desperta esperança e, descortinando a possibilidade de um mundo melhor, convida para uma efetiva participação.

João considera legítimo um líder comunitário aspirar por cargos políticos partidários, mas diz não se identificar com esse tipo de participação.

*Eu não estou dizendo que essa via é errada, mas que a nossa é diferente... O que nós pensamos é que a nossa via não pode parar. A gente pode criar uma estrutura da sociedade civil que não está presa a nenhum partido político. Ter autonomia não significa dizer que tem que ser independente, não existe isso, porque queira ou não são os políticos que aprovam ou não. A gente tem que está atento e ter alianças. A sociedade civil tem que criar uma estrutura, uma organização, que faça com que os políticos estejam a serviço da sociedade. Não como está hoje, a sociedade civil elege e fica, ainda, a serviço dos políticos.*

João não é avesso à política, nem mesmo à política partidária. Afirma que ele e os outros militantes se relacionam pessoalmente com vários políticos, especialmente com os do PT que é o partido ao qual está filiado, mas deixa claro que não querem a UNAS sofrendo influências da política partidária. Fazendo questão de ser referenciado publicamente à sua causa, característica do militante apontada por Ferreira (2000), prefere ser identificado como um político comunitário.

Ao contrapor "político comunitário" ao "político oficial", João manifesta um aspecto do senso comum, reforçado pelos recentes abalos éticos na política brasileira, ou seja, o de que não é possível, ao menos para a maioria dos indivíduos, entrar para a política sem algum tipo de envolvimento com a corrupção.

Embora seja a sociedade civil predominantemente seu campo

de atuação, na entrevista, num tom extremamente crítico, o tema política sempre reaparece. Ao se referir à legislação vigente que não permite à diretoria das entidades sem fins lucrativos receber proventos das mesmas, ele diz:

*Eu levanto de manhã e tenho hora para sair de casa, mas pra voltar não... Os cargos tomam tempo, exigem muita dedicação, não tem como arrumar um emprego, aí tem uma coisa malvada né, que está nos estatutos das associações: que o presidente, o diretor não pode ganhar. Então ele não pode comer! Tem que ser curral eleitoral dos políticos. É o sistema em nosso país que é malvado, que é pra atrelar mesmo, pra ser curral eleitoral. A sociedade civil pra eles não vale nada, não é nada, por isso que a maioria dos políticos quer assim, porque sabem que a sociedade civil vai estar presa, nas amarras, é toda uma estrutura que tá aí em nosso país. Nós estamos aqui pra quebrar isso.*

João entende que o campo político é a instância decisória de um país. Entretanto para ele, em grande medida no Brasil, essa instância é manipulada e conduzida pelos economicamente poderosos . Ele e seus companheiros de militância recusam serem instrumentalizados por aqueles que, conforme já apontamos, ao discorrermos sobre o processo de reestruturação neoliberal, querem subtrair ao povo direitos de cidadania.

João acredita que a cidadania é algo que se adquire no cotidiano, na luta de cada dia. Adquire-se, porém ninguém pode vendê-la ou doá-la. É por isso que ele milita em favor de uma nova sociedade em que crianças e jovens possam livremente se encaminhar para uma vida cidadã. É um processo que reconhece na educação de qualidade um de seus parâmetros fundamentais.

*Fico preocupado quando se fala em reforma das universidades, e tem que mexer mesmo pra melhorar a qualidade... E o ensino básico? Não estão mexendo, e aí não dá. Nossa criança quando vai pra escola já sabe muita coisa. Já tem valor canalizado, já vive uma comunidade. Ela tem que ser tratada como uma pessoa que já pensa... no entanto, nossos filhos já nascem condenados a não ir pras universidades públicas, que são as melhores e que nós pagamos com nossos impostos. Na quarta, quinta série do ensino fundamental ainda não sabem ler e escrever direito... como é que vai concorrer com quem paga do filho uma boa escola particular? Isso tem*

*que mudar...*

Viver a comunidade significa cultivar a cidadania o que, reconhecem, exige uma conscientização. Os militantes da UNAS procuram desenvolver essa consciência junto aos beneficiários de suas atividades como destacamos no item sobre a atuação da militância hoje. Com a colaboração e empenho do Professor Brás, diretor da escola pública local, essa conscientização está sendo levada, também, aos professores.

*A gente foi na escola, começamos a falar da nossa história. Segundo passo foi trazer os professores na comunidade. Levamos eles na beira do córrego. Aqui moram umas duzentas famílias penduradas num córrego imundo. Aí veio uma menininha de oito anos, chegou pra professora dela toda feliz “Ô tia! Eu moro aqui ó”, apontando pro barraquinho pendurado. A professora começou a chorar. Eu estava próximo, e eu falei: ela ta passando mal. Mas ela abraçou a menininha e continuou a chorar... Na escola cada professor falou uma frase. Essa professora falou “faz dezessete anos que dou aula nessa escola e não sabia que tinha aluna minha morando naquelas condições”... Dezessete anos, olha só a distância da realidade. É aquela coisa, do outro chegar e dizer: eu vim aqui pra ensinar!*

João caminha pelas sinuosas vielas da favela Heliópolis sob olhares de pais de família desempregados, de mães sem creche, de crianças mal alimentadas, de jovens assediados por traficantes. Ele vê ruas sem pavimentação, casas sem saneamento iluminadas pelos tradicionais gatos e abastecidas por uma água duvidosa. O desejo de transformação da realidade, característica do militante apontada por Figueiredo (1995), impulsiona João na busca de soluções imediatas para problemas emergenciais. A UNAS negocia com a Eletropaulo, pressiona a Prefeitura, reivindica melhor atendimento no Posto de Saúde, implementa projetos sociais, articula para que o Conselho Tutelar seja composto por pessoas comprometidas, etc., mas há um esforço da militância para que haja uma

efetiva participação da comunidade nessas lutas.

*Conquistar o projeto é importante, mas é preciso fazer o projeto ser bom. Como fazer isso? Queremos a participação dos pais. A mãe, por exemplo, tem que ter compromisso, participar dos conselhos de escola, pra ajudar seus filhos um dia a participar também. A gente começa esse trabalho já na creche.*

João reconhece que no início não era bem assim e que, para ele, também houve necessidade de aprendizado em sua vivência cidadã. Confessa que se sentia envaidecido por ser um representante conhecido e muito procurado na comunidade. Muita gente queria saber qual era o seu candidato para nele votar também. Entretanto, segundo ele, a experiência de vida mostrou que o caminho não era esse.

*Comecei a pensar: está errado! Estão mudando do antigo coronel para o João Miranda. A política não pode ser a mesma. Hoje, o pessoal daqui chega pra gente e fala "o negócio agora tá bom: tem telecentro, tem alfabetização, tem advogado pra atender, tem biblioteca, tem trabalho na área dos adolescentes". E eu digo: é conquista nossa, sua também, é de toda a comunidade. Aproveito o momento e digo: dá pra você ir à reunião da Eletropaulo? E ele vai. Se aparecer alguém importante na sua casa, articula, não precisa eu ir lá. Foi assim que comecei, assim que tem que ser...*

Ao ser perguntado sobre a possibilidade de deixar Heliópolis, João não separa sua militância do local de moradia e pondera que não se é liderança comunitária simplesmente por uma opção pessoal.

*... a gente foi se envolvendo. Aí a gente conseguiu a água, a luz. Aí a gente brigou pra ter a terra, pra ter a educação o atendimento à saúde, e tudo. Nós criamos um leque de coisas que fez com que a gente amasse mesmo esse lugar, entrou no sangue...*

Essa e outras falas semelhantes espelham a posição de Berger & Luckmann (1999), de que o indivíduo, ao estabelecer valores fundamentais para sua vida, não só assume mas funde-se aos papéis ligados a tais

valores.

Atualmente, João é presidente da UNAS, mas o fato de ser o terceiro mandato consecutivo se constitui num problema para uma entidade que considera a prática democrática um importante valor de cidadania. Embora as reeleições tenham sido expressão da vontade da maioria da militância, ele demonstra certo desconforto com essa situação.

*Estou achando que meu tempo está quase chegando ao fim. A gente tem que democratizar um pouco essa coisa do poder. Ser presidente da entidade não é sempre ter o poder, mas quer queira quer não, você é o procurado. Tem essa coisa do nome, da imagem. Eu já estou no terceiro mandato, então tem que ter um rodízio. Na diretoria já está tendo. Acharam necessidade de me continuar nessa linha de frente, como presidente, mas está chegando a hora de outros companheiros assumir...*

Rodízio no poder não é exatamente uma prática democrática, o que vem confirmar o que Ferreira (2000) aponta como uma das características do militante, ou seja, a tendência a repetir a situação que pretende transformar, apoiando-se em procedimentos de exclusão e vedamento. Contudo, permanece o objetivo de se criar uma nova ordem social, na qual a primazia da convivência solidária se sobreponha ao interesse do capital, conforme a proposta de Habermas (1999).

*Nós não somos daqueles que mete o pau no poder público por meter o pau. Tem que ter as manifestações, mas tem que ter, também, proposta concreta. O que nós queremos pra Heliópolis? Queremos fazer parte da cidade de São Paulo, nós amamos isso aqui... Um projeto habitacional, que tenha cultura, esporte, saúde, lazer, escola de qualidade, que tenha vida. Não queremos sair daqui. A gente precisa desenvolver um trabalho pra que as pessoas gostem e tenham orgulho de dizer: eu sou um cidadão e moro na favela de Heliópolis. Muito importante, é combater o preconceito, mostrar que, também, se pode ser gente na periferia.*

### 4.3 Cleide

*Eu sou tesoureira da UNAS,  
coordeno o projeto  
Parceiros da Criança e  
milito na área da moradia.  
Com 6 anos de idade, vim  
para Heliópolis morar nos  
alojamentos montados pela  
prefeitura. Cresci pensando:  
não é justo eu não ter uma  
casa...*

Cleide, 41 anos, casada, cearense da cidade de Ibicuã, ensino superior, 2 filhos. Aqui, como na análise anterior, não serão repetidos dados comunitários ou da entidade.

Ainda criança, em 1971, no início da formação de Heliópolis, Cleide mudou-se para essa localidade, com os pais e 3 irmãos. Embora bem mais jovem que Genésia e João, ela participou da UNAS desde o seu início, quando ainda era Comissão de Moradores.

*Aqui não tinha nada. Foi a prefeitura que trouxe a gente, falando que ia ser um alojamento provisório, que nós íamos ficar por 90 dias, um pouco mais. O alojamento está aí lotado até hoje, uma coisa horrorosa. No alojamento, o banheiro era coletivo. Lavar roupa, tomar banho, tudo coletivo. Eu fui crescendo naquela situação, imagina, uma única parede de tábua dividia um barraco do outro. Eu pensava: não é justo eu não ter uma casa. Eu fui crescendo e a comunidade foi crescendo junto. O espaço foi sendo ocupado. Meus pais tinham aquela visão de respeitar, eles falavam “não nós não vamos invadir o que não nos pertence”. Havia tanta terra vazia...*

Cleide cresceu dentro dessa realidade, que qualifica como "horrorosa", que lhe colocou diante dos olhos as possibilidades para seu futuro. Todas se apresentavam como possíveis, até mesmo a das drogas, que para muitos jovens parecia ser a mais interessante. Não obstante as precárias condições em que vivia, valores como respeito, honestidade,

trabalho, etc. eram cultivados pelos outros que lhe eram significativos.

Baseando-nos em Berger & Luckmann (1999), quando abordam a temática da socialização primária e secundária, observamos que as opções de Cleide se pautaram pelas possibilidades apresentadas pela família em primeiro lugar e, em seguida, pela Igreja e pela comunidade que se organizava.

*Eu pensava: é através da luta que eu vou conseguir minha casa... Foi assim que comecei a participar da Comissão de Moradores. Eram dez núcleos, dez pessoas que representariam os locais. Teve uma assembléia e a proposta era: nós temos que se unir, porque se eles tirar alguém daqui vai tirar todo mundo. Pronto, eu pensei, vou me juntar com esse pessoal. Eu lembro que no dia já levantei a mão e disse eu quero ser uma representante. Só tinha 17 anos, mas participava do Grupo de Jovens da Igreja.*

Ela e os demais militantes da UNAS denominam os diversos tipos de atuação com a palavra "luta". A luta do povo passa a ocupar o lugar principal na vida de Cleide. O individual e o coletivo muitas vezes se confundiam, como observa Figueiredo (1995), ser militante implica ter compromisso, engajamento, disponibilidade. Entretanto, o lado estritamente pessoal tinha, também, a sua atenção. Aos 18 anos, se casa. Ela e o marido lutavam juntos e no duro trabalho dos mutirões conseguiram a tão sonhada casa em Heliópolis. Era necessário, também, um tempo para o emprego e para a escola. Trabalhando de dia e estudando à noite, ela chega à faculdade e da mesma forma conclui o curso de Ciências Contábeis.

Com o crescimento da comunidade, cresce, também, a intensidade da luta, porém, sem um proporcional aumento da militância. Cleide considera natural que a maioria dos moradores não tenha essa identificação, ou esse modo de ser. Ela entende que o mais importante é a continuidade do diálogo com o povo, os atos comunicativos nas palavras de Habermas (1999), para que nas ações em que a mobilização geral se faça

necessária haja uma resposta positiva da comunidade.

*Dependendo do evento, da necessidade, a mobilização é maior ou menor. A gente conta mais com as pessoas que estão de alguma forma ligadas aos nossos projetos, porque a gente reúne de dois em dois meses e a gente fala, procura formar para a cidadania. A gente sabe que não consegue formar os cento e vinte mil moradores de Heliópolis...*

Cleide se acostumou a lidar com essa realidade, isto é, conviver com quem apóia a causa, porém com um baixo grau de envolvimento pessoal. Essa é uma experiência do seu dia-a-dia.

*Meu marido não é contra, é neutro. Ele fala assim: você quer viver desse jeito? Então se vira! Eu não tenho paciência pra ficar em reunião. Ele parece que pegou pavor... Nisso ele é muito diferente de mim. Eu sou muito coletiva e ele muito individual. Ele sempre está pensando em estar sozinho com a família em algum lugar e eu em estar com todo mundo.*

Essa e outras dificuldades nunca lhe tiraram o ânimo para a luta, nem mesmo as ameaças de morte, como as que Genésia e João também enfrentaram. Contudo, Cleide e os demais militantes da primeira hora se ressentem do fato da Igreja atualmente, como instituição, ter se afastado das causas sociais.

*Até 96, 97, não tinha separação entre Igreja e comunidade. A gente era junto com eles, era uma coisa só. A gente até falava: a luta casa com a fé, a luta sem fé não é nada. Por exemplo, essas manifestações de rua, saía na frente a cruz, íamos cantando e rezando. A última vez que teve a Igreja junto foi na época do Maluf, de 93 a 96. Mas eles largaram a luta, é uma pena...*

Apoiando-nos em Berger & Luckmann (1999), podemos afirmar que não houve propriamente uma ruptura, mas o emergir de uma nova identidade. A UNAS não se tornou simplesmente uma entidade legalmente constituída, mas uma instituição autônoma com militantes em vias de sua autodeterminação, segundo a concepção que apresentamos no item sobre a

dinâmica social.

Entretanto, ao assumir a posição militante, Cleide, de certa forma, experimentou o que Ferreira (2000) denomina de tendência a um fechamento em torno de suas referências, pois reconhece que descuidou de um importante aspecto de sua vida: a família.

*Tenho uma menina de 13 anos e um menino de 4 anos. Na verdade até hoje minha filha, muitas vezes chora e fala: olha mãe eu ficava arrumada lá esperando você chegar na festa tal, tal e tal, e você não vinha... Agora tem reunião na escola do Gabriel e ela fala: mãe, vai na reunião do Gabriel, porque a coisa que eu mais queria era ver você chegar nas minhas reuniões e falar pra mim: que legal você está indo muito bem, e você nunca chegava. Até hoje ela reclama disso, e com razão. Eu frustrava ela demais, nossa...*

Essa constatação aparece em todas as entrevistas dos participantes desta pesquisa, com exceção na de Genésia. Ela diz que, muitas vezes, renunciou a compromissos sem que seu marido, no entanto, pudesse fazer o mesmo. Atualmente, Cleide organiza seu horário para que sua vida familiar não seja prejudicada, mas diz que ainda precisa melhorar nesse aspecto. Ao que parece, ela percebe que, ao disponibilizar maior tempo para a entidade, passa para os filhos um modelo identificatório individualista uma vez que os interesses da UNAS são dela, mas não dos filhos.

Assim como os demais participantes, Cleide diz que o futuro dos filhos é uma de suas principais preocupações e que, por isso, pretende continuar investindo na educação deles, e acrescenta:

*Não gostaria que eles se tornassem individualistas. Espero que ela e ele, também, usem o estudo que tiverem para ajudar quem precisa... Eu ficaria muito frustrada se eles se tornassem pessoas insensíveis para esse lado social.*

Com base na fundamentação teórica desta pesquisa, podemos

dizer que, ao revelar suas esperanças e relatar suas dificuldades, Cleide manifesta não só o pensamento utópico, que caracterizamos anteriormente, mas também, parâmetros importantes do sentido de sua vida. Ela considera sua atuação mais que uma militância sócio-política,

*A UNAS é uma missão para mim. Eu vi a UNAS crescendo como se fosse uma plantinha que você plantou, adubou, regou e assim por diante... Quando a gente foi formular a missão eu estava junto, discutindo cada coisa, cada ponto... Eu já passei por cada uma. Recebi todo tipo de ameaça. Mas o que me deixa arrasada mesmo é quando a gente perde uma pessoa, no sentido de que ela não está mais na missão com a gente. É como se arrancassem alguma coisa de dentro de mim...*

## 4.4 Manoel

*A moradia é minha principal área de atuação. Acompanho os Movimentos Sociais. Sou, também, 2º tesoureiro. Meu papel é o de articulador político, não partidário mas comunitário. A UNAS é minha segunda família...*

Manoel, 42 anos, casado, piauiense da cidade de Picus, ensino fundamental incompleto, 4 filhos. Aqui, como nas análises anteriores, não serão repetidos dados comunitários ou da entidade.

Manoel, ainda jovem, chega à cidade de São Paulo na década de 1980, como muitos outros migrantes, conforme pontuamos em nossa contextualização histórica. Ele veio em busca de trabalho, depois de ter se aventurado por garimpos e, também, ter sido bóia-fria no Norte do Brasil. Casou-se e constituiu família.

*Sou casado, tenho quatro filhos, tudo homem: doze anos, dez, seis, quatro e tudo na escola. De manhã a mulher leva pra escola e vai trabalhar, ela é empregada doméstica, de tarde ela pega eles e leva pra nossa casa... A principal coisa pra eles, no momento, é estudar. Minha mulher pensa a mesma coisa. Nós não teve oportunidade de estudar. Eles têm, não quero que passem o que eu passei.*

Sua primeira moradia não foi na favela de Heliópolis, mas logo que ali chegou se integrou à Comissão de Moradores, enfrentando os mesmos desafios dos demais participantes desta pesquisa. Anteriormente, Manoel exercia a profissão de pintor, mas a abandonou pois, como indicou Figueiredo (1995), militância exige disponibilidade. Há sete anos, devido às inúmeras solicitações na UNAS, passou a militar em tempo integral na

entidade.

Manoel explicou que as funções na UNAS são distribuídas de acordo com o perfil de cada militante. Sua fluência na comunicação e desenvoltura no trato com as pessoas dos diversos níveis sociais, com certeza, justificaram sua indicação para as funções que exerce atualmente. Além disso, com um senso crítico que é peculiar, também, aos demais participantes desta pesquisa, lê jornais e se mantém informado pelos diversos meios de comunicação.

A sua função "Articulador Político", também poderia ter outro nome, o de "Relações Públicas" por exemplo. Sua atuação, obedecendo a critérios técnicos como indica Figueiredo (1995), se desenvolve basicamente em três direções. A primeira, para o contínuo diálogo com as diversas entidades existentes na favela de Heliópolis. A comunidade hoje, contando com mais de cento e trinta mil habitantes, possui os mais diversificados interesses e muitas associações para representá-los. A segunda, na mobilização popular para as manifestações e outros eventos que ele também ajuda a organizar. Ressalva que não faz tudo sozinho, mas articula muitas pessoas que fazem com ele. A terceira, é na representatividade junto a diversas organizações fora de Heliópolis e em eventos nacionais e internacionais como, por exemplo, o "Fórum Social Mundial".

*Sou membro da CMP - Centro de Movimentos Populares, porque eu acho que não adianta só ver o local, você tem que ver o todo. No Congresso Estadual fizemos uma reunião com mais de 40 municípios. A gente está organizando um seminário nacional de favelas. Isso leva tempo, já fizemos muita articulação com pessoal de Sorocaba, Piracicaba, Santos, Praia Grande, como é coisa nacional a gente articula com o pessoal do Paraná, Rio de Janeiro e outros Estados. Depois, pensamos fazer até internacional.*

Em conjunto com os outros militantes da UNAS, Manoel

promove seminários, cursos e os mais variados tipos de eventos. Muitas ações concretas geradas pelos eventos que ele organiza e/ou participa, evidenciam tentativas bem sucedidas do exercício da "ação comunicativa" proposta por Habermas (1997). As suas atuações, em geral, também vão nesta linha. Ele faz reuniões com políticos, com representantes dos governos e da iniciativa privada.

*Os empresários mudaram um pouco a cabeça, mas não porque são bonzinhos. Nós temos aqui parcerias com Raxon, Sabão OMO, General Motors e outras. Eles ganham muito mais com nós, do que nós com eles. Eles descontam no imposto de renda, faz propaganda... Mas já avançaram... e nós estamos de portas abertas para outras empresas, isso não dá nó em nossas cabeças não. Se o Estado não faz, do jeito que tá é que não pode ficar. Só aqui neste núcleo, a gente atende seiscentas crianças. Nós atendemos mais de três mil crianças e adolescentes em nossos equipamentos.*

Atualmente, devido aos altos níveis de criminalidade, os olhos da sociedade, preconceituosamente, se voltam para as favelas como se nelas estivessem os comandantes do chamado crime organizado. Os participantes desta pesquisa enfatizam que essa tese tem sido desmentida pelas inúmeras CPIs - Comissões Parlamentares de Inquérito, que investigam políticos, empresários, juízes e graduados policiais. Manoel comenta a voz corrente de que a ausência do Estado nas favelas tem municiado os chefes do tráfico.

*Nunca vi eles fazer nada pra ninguém, não. Talvez no Rio de Janeiro isso aconteça, aqui não. Aqui eles não ajudam e nem atrapalham. Nós também não atrapalha eles. Os filhos deles acabam usando nossos equipamentos.*

Manoel reconhece que é preciso ações imediatas, não porque a carência do povo chegou a um ponto extremo. Ele explica que para se acreditar na possibilidade de mudanças mais profundas no futuro é preciso ter hoje, ao menos, as necessidades básicas atendidas.

*Quando o relator da ONU veio aqui, ele visitou os pontos mais críticos da*

*favela. Ele disse: aqui é a miséria da miséria... Quem mora na beira do córrego muita das vezes tem que correr das ratazanas de tão grandes que elas são. Nessas condições o povo fica desincentivado da vida e não tem nem coragem de ir atrás de seus direitos. Nós já tivemos muitas conquistas. Uma, por exemplo, é o despejo que ia ter nessa quadra em 1996, que nós barrou e depois, de lá pra cá, não teve nenhuma tentativa de despejo mais.*

O orgulho manifestado por essa e outras conquistas ocorridas na história da UNAS, explicita uma das características do militante, apontada por Ferreira (2000). Entretanto, Manoel considera mais importante a luta por políticas públicas que favoreçam a distribuição de renda, o aumento do emprego, a Reforma Agrária, a melhoria no sistema de saúde, a qualificação da juventude para o mercado de trabalho, etc. O desejo de transformação da realidade, característica comum aos militantes segundo Figueiredo (1995), aparece aqui dentro de uma visão abrangente dos atuais problemas sociais brasileiros que, como descrevemos nos itens sobre os antecedentes históricos, têm suas raízes numa longa história de injustiça vivida pela população pobre de nosso país.

Manoel acredita que ainda há políticos sérios. Ele entende, no entanto, que não basta elegê-los, pois as soluções para os graves problemas nacionais só virão se sociedade civil organizada pressionar.

*Eu conheço político que tem projeto bom, mas nem consegue ler o projeto no plenário. Quem é do baixo-clero passa os quatro anos lá e não consegue aprovar nenhum projeto... Eu acho que o governo deveria tomar medidas para que os Movimentos organizados da sociedade ficassem mais próximos dele. Foram nós, os movimentos organizados desse país, que elegemos o Lula. Foi os Movimentos dos Sem Terra, dos Sem Teto, dos Sem Nada que botou ele lá. Se você olha as alianças que foram feitas... Só poderia dar no que deu. Eu sempre costumo dizer que esse tipo de aliança acaba ficando num preço muito caro.*

Ao analisar as conjunturas econômica e política, Manoel prevê um longo caminho, ainda, a ser percorrido por aqueles que realmente

desejam mudanças significativas para o país. Os militantes da UNAS, segundo ele, estão nesse caminho, contribuindo através de ações concretas e na conscientização do povo. Em contraposição a atuação de diversas entidades do terceiro setor, como comentamos no terceiro capítulo, que em suas ações não promovem mudanças estruturais.

*O problema não é só daqui. É o sistema do Brasil todo. Não é isso que a gente quer para o nosso país. Enquanto a maioria não tem nada, 1% da população tem 45% das terras desse país. Enquanto milhões de pessoas não tiver onde morar, as favelas só têm que aumentar cada dia. O salário perde o valor e mesmo quem está empregado não consegue comprar tudo que precisa. Essa desigualdade social não é uma coisa que vai mudar de um dia pro outro. Mas a gente tem que lutar pra que diminua.*

Diante dessa perspectiva de um longo período de lutas pela frente, Manoel compartilha da preocupação dos demais participantes desta pesquisa com relação à necessidade de formar novas lideranças ou, como já refletimos a partir de Berger & Luckmann (1999), de transmitir padrões àqueles que estão chegando à UNAS. Entretanto, reconhece que não é uma tarefa fácil, uma vez que não se trata apenas de um trabalho.

*Não é tão fácil formar lideranças. Hoje, o nosso investimento em pessoas é muito grande, não é de uma hora para outra que as pessoas compreendem. Ser liderança pode ter alguns benefícios mas é muito sacrifício, a história mostra isso. As pessoas acham muito bonito, mas põe elas dois ou três final de semana fora de casa e elas dizem que não é isso que elas querem para a vida delas. A gente ouve muito “vocês estão loucos, completamente pirados”. É uma opção de vida, e tem que ser uma opção muito séria... Já são três fim de semana que eu não passo em casa. Isso tem um preço e não são muitos que querem pagar.*

Ao ser perguntado se gostaria de acrescentar mais alguma coisa à sua entrevista, Manoel responde:

*Não, pra mim está bem. Esta é nossa missão e o nosso trabalho. Como a gente sempre diz: a luta continua...*

## 4.5 Geraldo

*Sou Secretário Geral da UNAS. Administro e monitoro projetos. Vim para cá porque casei, mas não tinha onde morar. Sempre morei em Heliópolis. É uma filosofia nossa, permanecer na favela.*

Geraldo, 40 anos, casado, paulistano, ensino superior incompleto, 3 filhos. Aqui, como nas análises anteriores, não serão repetidos dados comunitários ou da entidade.

Acostumado a assumir compromissos na família, no emprego e no Grupo Jovem da Igreja Católica Geraldo, desde cedo, desenvolveu seu senso de responsabilidade e o desejo de lutar por um mundo melhor. No início dos anos 1980, ele foi morar na favela de Heliópolis. Embora ainda muito jovem, começa uma nova fase de sua vida.

*Estou na UNAS há uns vinte anos. Eu morava num bairro e vim para cá porque casei, mas não tinha onde morar. Eu vim pra cá com meu sogro. Ocupamos, quer dizer, ele que ocupou o terreno e me deu metade. Eu era bancário. Na época, tinha uns 19 anos e trabalhava de caixa no banco.*

A vida em Heliópolis, como já descrevemos, era uma luta em todos os sentidos. A localidade não possuía qualquer infraestrutura e seus moradores, ainda, tinham que se defender de grileiros e de maus policiais. A necessidade de soluções urgentes para tantos problemas acabou unindo a comunidade.

Com a formação da Comissão de Moradores, Geraldo passou a dedicar significativa parcela de seu tempo à militância. Conforme os estudos

de Figueiredo (1995) compromisso, engajamento e disponibilidade são características próprias de um militante. Ele havia se tornado morador de favela por falta de alternativa, mas militante por uma opção consciente.

*Quando a gente formalizou a UNAS, a gente começou a se organizar como entidade mesmo, a fazer convênios e parcerias. Começou a se profissionalizar. Eu precisei sair do banco, o padre da Paróquia Santa Edwiges passou a me pagar um salário, o mesmo que recebia no banco, pra eu ficar direto na favela. Eu fiquei, o que a gente chama de "liberado". Até hoje a gente faz assim: se você sai da fábrica pra militar aqui, você vai ganhar a mesma coisa que você ganhava lá.*

Em meio a muitas divergências, a organização da UNAS, e decorrente distribuição de cargos, só foram possíveis depois da definição, através do voto, pela autonomia da entidade. Os que defendiam o "atrelamento" à Igreja ou ao PT se retiraram. Quanto ao questionamento se estavam se tornando uma "ONG", Geraldo explica:

*Não. Nós não somos ONG. Nós somos uma associação de moradores. Nosso foco é o desenvolvimento local e a formação para a cidadania. ONG tem outro perfil, um foco mais restrito. Nós aceitamos assessoria, mas estabelecemos claramente o tipo de relação. Aqui aparece gente direto. ONGs que querem captar recurso "pra nós"... Demorou anos até que nós percebemos que certas ONGs estavam usando a gente.*

Com o rápido crescimento e a diversificação das atividades, a militância assumia as funções, muitas vezes, sem o preparo adequado, porém tudo parecia ser compensado pelo entusiasmo. Hoje, isso já não é mais possível e é grande a preocupação com a formação dos novos militantes, confirmando o que Berger & Luckmann (1999) dizem sobre as condições de perenidade para uma instituição, ou seja, a necessidade de assimilação dos padrões estabelecidos.

*A nova geração já tem mais problema, são menos militantes. O Movimento tem dado um corte com a juventude, quer dizer uma atenção especial para ela, pra trazer ela. As áreas de educação e de cultura têm trazido muitos jovens nos últimos cinco anos... O objetivo principal nosso é formar novas*

*lideranças. Outra estratégia nossa é empregar as pessoas daqui. Nós temos jogado muito pesado para as pessoas fazerem faculdade. Nível superior, é até uma exigência, o pessoal tem que estudar.*

Geraldo, muito ligado à área administrativa, constata que, para o desempenho de diversas atividades, o preparo intelectual é um diferencial importante. Entretanto, considera como aspectos essenciais a origem e o local de moradia dos futuros militantes. A convivência com a comunidade, a experiência material diária tanto dos problemas como das soluções alcançadas, proporcionam, segundo ele, uma visão privilegiada e indispensável. É o que nas ciências sociais, conforme já pontuamos a partir de Barros (2004), se denomina de "lugar social".

*Tem mais de duzentas pessoas que trabalham na UNAS... e não é todo mundo que entende bem. É diferente prestar um serviço, de lutar por uma causa. Isso é uma coisa que mistura muito na cabeça das pessoas. Eu acho que para caminharmos precisamos dos dois pés, isto é, de um lado a prestação de serviço, do outro a luta por uma causa... Esse é o risco que se corre: o de se tornar um mero prestador de serviço. Para o Estado é bom, quer dizer, nós assumimos a responsabilidade que é dele... Quando nós fazemos um convênio com os órgãos públicos, estamos democratizando o Estado. O capitalismo é o único sistema que financia os inimigos. A gente aceita, é o jeito de você entrar onde está o poder, mas para a nossa nova geração é um perigo...*

Geraldo entende que é preciso oferecer alternativas aos jovens, uma vez que estão à mercê de uma sociedade que tende a formá-los para o individualismo e o consumismo, de forma a valorizarem mais a busca de imediatas vantagens pessoais. Essa posição, que é, também, a dos demais participantes desta pesquisa, faz coro com Habermas (1999) quando diz que, atualmente, as pessoas são formadas para que concebam o trabalho como um fim em si mesmo, em prejuízo da interação social, da cooperatividade e da busca da mútua compreensão.

*Tem gente nossa que vai para a faculdade e em um ano vira a cabeça,*

*passa a ter valores da classe média, individualismo, consumismo, passa para outra mentalidade. Geralmente a gente perde uns 10%. Eles vão ser mais um assistente social ou um outro profissional qualquer.*

Além da falta de consciência cidadã, Geraldo detecta outras dificuldades, especialmente, em relação ao voluntariado. Berger & Luckmann (1999) observam que é comum aos que não são fundadores de uma instituição terem dificuldades para compreender seus fundamentos. Ele tem observado que, em geral e não só na UNAS, as pessoas que se apresentam como voluntárias estão em busca de resolver problemas pessoais ou mesmo psicológicos.

*Tem muita gente que vem para o terceiro setor porque perdeu o filho, porque está meio perturbado, precisa de dinheiro, tem problema sabe? Tem gente que não percebe o lado psicológico das coisas e o Movimento corre o risco de ser uma espécie de fuga pra elas. Em geral, voluntário é uma pessoa que tem problema, tem algum desajuste. Elas não têm essa dimensão política. E tem muita gente fazendo as coisas por dó, por compaixão, como se não fosse direito das pessoas receber o serviço.*

Geraldo reconhece que sua vida e a militância estão profundamente interligadas, houve "uma fusão" na concepção de Berger & Luckmann (1999), e não cogita, por hora, nenhuma mudança nesse aspecto. Entretanto, quando perguntado sobre uma possível saída da entidade, respondeu:

*Talvez eu montaria um escritório de consultoria, nessa área do terceiro setor. Tem gente que está vivendo disso: montar projeto e captar recurso. Eu acho que nisso eu sou bom. Dá para fazer isso fora da UNAS, mas pra mim seria uma traição...*

## 5. Militante da UNAS

A militância da UNAS tem como objetivo promover a cidadania, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento integral da comunidade. Em Heliópolis, ela mantém serviços de qualidade, difunde o espírito de cidadania e promove iniciativas que visam a construção de uma sociedade mais justa e solidária. Na UNAS as palavras "caminhada" e "luta" são muito utilizadas para designar seus 25 anos de história.

Os participantes desta pesquisa são membros de um grupo que se formou a partir de necessidades comuns e de um mesmo desejo de transformar a realidade. Essa caminhada teve início numa época em que a favela Heliópolis crescia rapidamente. A formação da "comum-unidade" figurava como a única possibilidade de êxito na luta que se tinha pela frente. Unidade dos que buscavam uma moradia digna, dos que acreditavam numa fé libertadora e dos que articulavam uma nova opção de política partidária.

Em seus encontros, valores democráticos eram cultivados, metas eram estabelecidas e ações eram planejadas. O entendimento e o consenso eram exaustivamente buscados a partir de reflexões e debates.

Na organização da entidade, no modo de atuação e na busca de recursos, assumiram-se riscos. Em certos momentos, sem perder de vista o objetivo, foi preciso dar um passo à atrás, para, em seguida, poder dar dois à frente. Eram muitos os desafios e, também, os questionamentos sobre possíveis estratégias de ação. A história não explica, mas mostra como a transformação de cidadãos em militantes passou pelo empenho que cada um colocou na melhoria não só da vida individual mas, também, da comunitária.

Cada militante, também, se questionou sobre sua permanência na entidade. Nem todos permaneceram. O grupo sofreu alterações em sua formação inicial. Com o tempo, foi impossível prosseguir sem dedicar atenção especial à formação da nova geração de militantes.

A militância na UNAS é resultado da convergência de diversos fatores pessoais e sociais. A cidade de São Paulo não era uma realidade fechada em si mesma que, simplesmente, poderia ou não acolher bem seus novos integrantes. A sociedade paulistana era o que era, também, pelo fato de seus novos moradores estarem chegando. Ao mesmo tempo em que a sociedade produzia pessoas faveladas, ameaçadoras, solidárias, militantes, essas mesmas pessoas produziam uma sociedade segregadora, insegura, individualista, antimilitante. Além disso, não interagiam apenas fatores pessoais e sociais de uma cidade, afinal, todos estavam inseridos numa realidade nacional e global muito complexa.

Nos anos 1980, o Brasil saía de um período ditatorial, em meio a uma crise econômica em que todos estavam perdendo. Diversos problemas decorriam do fato de que os mais pobres, a maioria da população, não tinham mais o que perder. Todos queriam solução para seus problemas. Os que possuíam respaldo econômico levaram a efeito ações a partir do poder político partidário. Outros, não possuindo respaldo econômico, como os participantes desta pesquisa, levaram a efeito ações a partir de um outro tipo de poder político, a militância. Seria uma injustificável simplificação, identificar com a ideologia capitalista um poder e com a ideologia marxista o outro. É evidente, porém, que os princípios capitalistas estavam mais presentes em um, e os marxistas no outro.

O olhar para o passado leva à descoberta de fatos que ajudam

na compreensão do presente. O interesse desta pesquisa pela construção de militantes da UNAS fez com que transitássemos por diversos momentos históricos. E, embora a história seja um processo contínuo que interliga os mais variados relacionamentos humanos, nosso foco principal esteve sobre a trajetória desse que é um grupo muito especial de militantes. Segundo sua visão, na história republicana brasileira se observa, em muitos momentos, os interesses das elites se sobrepondo aos da maioria da população. A baixa escolaridade da população pobre, em contraposição ao refinado preparo intelectual dos mais ricos, por exemplo, confirmaria essa visão. Nessa linha apontam, também, interesses relacionados à saúde, ao trabalho, à propriedade da terra, à garantia da segurança, ao acesso a justiça, etc. É por isso que as políticas públicas sempre mereceram muita atenção da militância da UNAS.

As vicissitudes históricas tiveram um papel preponderante na fundação e no desenvolvimento da UNAS. Os participantes desta pesquisa se inseriram no processo histórico como agentes transformadores da sociedade e, ao longo do tempo, essa mesma sociedade, também, provocou neles transformações. Esses militantes, porém, não se deixam prender às dores do tempo que já se foi ou às dificuldades do tempo que aí está. Valorizam suas conquistas e se voltam, prioritariamente, para o futuro do Brasil e de Heliópolis, para o amanhã dos novos militantes e dos próprios filhos.

Não obstante a interdisciplinaridade desta pesquisa, seu eixo principal foi a Psicologia Social que considera o indivíduo como manifestação de uma totalidade histórico-social-cultural. Assim, verificamos que os participantes desta pesquisa têm a militância como modo de vida, isto é,

como referência principal para sua concepção de mundo: sistema de valores, prática religiosa, relacionamentos sociais, organização familiar, postura pessoal, sentimentos e emoções. Modo de viver em que o pensamento utópico ocupa um lugar fundamental. Verificamos, também, que eles têm a convicção de que, no dia a dia, é possível construir uma nova sociedade.

Contudo, compreender os militantes da UNAS é uma caminhada que, aqui, teve apenas o seu início. Há, ainda, uma grande riqueza a ser explorada e conhecida. Esta pesquisa somente apresenta uma visão a partir do ponto de vista de um pesquisador que teve o privilégio de estar, por um curto espaço de tempo, próximo às suas lutas.

## Considerações Finais

Quando iniciamos esta pesquisa tínhamos um objetivo claro, porém, não um plano rigidamente estabelecido. A estruturação do trabalho se deu a partir da caminhada que fizemos com a militância, da leitura de algumas publicações internas e de nossas observações. A pesquisa foi se construindo a partir do contato com a realidade a ser compreendida, o que poderíamos considerar como uma relação dialógica entre pesquisador e pesquisados. Seus resultados, uma construção de sentido realizada por todos os envolvidos.

Nessa caminhada, um dos fatos marcantes foi a verificação da qualidade dos serviços prestados à comunidade pelos militantes e do profissionalismo com que exercem suas responsabilidades. Em muitos serviços públicos semelhantes não se verifica a mesma seriedade. Não temos elementos para julgar a conduta dos que atuam na UNAS, e nem é essa nossa intenção, o que constatamos, no entanto, é que a relação entre recursos ali existentes e resultados obtidos coloca em cheque a ética de muitos dirigentes públicos.

Não obstante a visibilidade e mesmo a importância desses serviços na comunidade, o que mais nos chamou a atenção nessa caminhada, foi o fato de que eles não constituem o principal interesse dos militantes da UNAS. Os participantes desta pesquisa entendem que os serviços são meios e não fins, isto é, o atendimento de necessidades básicas deve servir para a formação da consciência cidadã ou então não teriam razão de existir. Essa posição, a primeira vista, não parece ser muito inovadora.

Afinal, não faltam trabalhos acadêmicos desenvolvidos nessa linha e discursos políticos que tratem brilhantemente desse tema. O inovador está, principalmente, no fato dos participantes desta pesquisa não terem ficado na leitura das bem articuladas teorias dos "especialistas" ou no aplauso das belas palavras dos "patriotas". Eles foram para a prática. Além disso, sua perseverança, mesmo em meio a tantas dificuldades, é um outro aspecto a ser destacado.

No decorrer da pesquisa, observamos que a prática desses militantes decorreu de circunstâncias históricas vividas por eles: transição política e crise econômica em meio à difusão de uma ideologia fundamentada na socialização do conhecimento e das riquezas. Entretanto, continua nos intrigando o fato de que a maioria da população, mesmo tendo vivido as mesmas circunstâncias, não tenha enveredado pelo mesmo caminho. Talvez porque numa sociedade cada dia mais individualista e consumista, o querer uma convivência baseada na justiça e na solidariedade, pareça ser um sonho inatingível.

Ao nosso ver, ao menos em relação aos participantes desta pesquisa, não se trata simplesmente de um sonho, mas de uma luta repleta de sentido, que remete para o futuro a partir de realizações no presente.

Acreditamos que, num tempo em que marxistas fizeram o marxismo cair no descrédito e em que capitalistas confundiram o capitalismo com a mentalidade do salve-se quem puder, a divulgação de experiências, como as que aqui analisamos, poderia suscitar novas e melhores possibilidades de convivência. A realização desta pesquisa pretende ser uma contribuição nesse sentido e, também, uma proposta.

A proposta é que a sociedade, em geral, e as instituições de

ensino, em particular, proporcionem aos mais jovens um contato direto com experiências desse tipo. Entretanto, entendemos que iniciativas nessa linha não lograrão êxito, se não forem acompanhadas de reflexões sobre a realidade social como um todo. Nesse todo, consideramos ser indispensável a inclusão de um olhar para o passado, isto é, a busca de um conhecimento crítico da história, imprescindível para se entender o presente e melhor se projetar o futuro.

A concretização dessa proposta é uma utopia plenamente compartilhada por todos nós, participantes desta pesquisa.

## Referências Bibliográficas

BARROS, José D' Assunção. **O Campo da História**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BORGES, Nilson. **Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares**. In: Ferreira, J. e Delgado, L. de A. N. (orgs.). O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BERGER, Peter L. & LUCKMANN Tomas. **A construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento**. 17ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CALDEIRA, Jorge. **História do Brasil** (CD-ROM). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CIAMPA, Antonio da C. **A Identidade Social como Metamorfose Humana em Busca da Emancipação: Articulando Pensamento Histórico e Pensamento Utópico**. Texto de conferência realizada no XXIX Congresso Interamericano de Psicologia, Lima-Peru, 2003.

CUNHA, José A. **Filosofia: iniciação a investigação filosófica**. São Paulo: Atual Editora, 1992.

DELGADO, Lucilia de A. N. **Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia**. In: Ferreira, J. e Delgado, L. de A. N. (orgs.). O tempo da experiência democrática: da democracia de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O Cidadão de papel: A infância, a adolescência e**

**os Direitos Humanos no Brasil.** 21ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

EARP, Fábio S. e PRADO, Carlos D. **O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973).** In: Ferreira, J. e Delgado, L. de A. N. (orgs.). O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo: Edusp, 2003.

FERNANDES, Rubem C. **O que é o Terceiro Setor?.** In: Ioschpe, Evelyn B. (org.). 3º Setor Desenvolvimento Social Sustentado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2000.

FERREIRA, Jorge. **O Governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964.** In: Ferreira, J. e Delgado, L. de A. N. (orgs.). O tempo da experiência democrática: da democracia de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Ricardo F. **Afro-descendente: identidade em construção.** São Paulo: Educ; Rio de Janeiro:Pallas, 2000.

FIGUEIREDO, Luis C. **Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos.** São Paulo: Educ/Escuta, 1995.

GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas.** 6ª edição, São Paulo: Ática, 1999.

GRYNSZPAN, Mario. **A questão agrária no Brasil pós-1964 e o MST.** In: Ferreira, J. e Delgado, L. de A. N. (orgs.). O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la Accion Comunicativa.** T. 1, Madrid: Taurus, 1999.

HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la Accion Comunicativa: complementos y estudios previos**. 3ª ed. Madrid: Catedra, 1997.

HELOANI, José R. **Gestão e organização no capitalismo globalizado: história da manipulação psicológica no mundo do trabalho**. São Paulo: Atlas, 2003.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é Psicologia Social**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

LOVE, Joseph e QUEIROZ, Maria I. P. **O Brasil Republicano, tomo III: estrutura de poder e economia (1889-1930)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

LOPEZ, Adriana e MOTA, Carlos Guilherme. **História e Civilização - O Brasil Imperial e Republicano**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

MARX, Karl. **Contribuição para a Crítica da Economia Política**. 3ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

MONTAÑO, Carlos. **Terceiro Setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social**. São Paulo: Cortez, 2002.

MINAYO, Maria C. S. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MISCHE, Ann. **O Campo político-juvenil no Brasil**. New York, 1995. Tese de Doutorado, New for Social Research - vinculada ao programa de pós-graduação em Psicologia Social na PUC-SP.

PEREIRA, José C. **Estrutura e expansão da indústria em São Paulo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

ROLLEMBERG, Denise. **Esquerdas revolucionárias e luta armada**. In: Ferreira, J. e Delgado, L. de A. N. (orgs.). O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SAMPAIO, Maria Ruth A. de. **Heliópolis, O Percurso de Uma Invasão**. São Paulo, 1990. 223 p. Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

SAMUELSON, Paul. **Introdução à Análise Econômica**. Rio de Janeiro: Editora Agir/MEC, 1972.

SILVA, Francisco C. T. **Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil**. In: Ferreira, J. e Delgado, L. de A. N. (orgs.). O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SOUZA, Sonia Maria Ribeiro de. **Um outro olhar: Filosofia**. São Paulo: Editora FTD, 1995.

# **Anexos**

## **ENTREVISTAS**

## **Genésia**

Local da entrevista: Um dos núcleos da UNAS, Centro de Educação

Infantil Mina.

Ocupamos uma pequena sala com uma estante e duas escrivaninhas, a da diretoria e a da secretaria do núcleo.

ENTREVISTADOR:

A senhora poderia nos falar qual tem sido a sua participação na UNAS?

GENÉSIA:

Hoje eu sou 2ª vice-presidente da UNAS e coordeno o projeto Centro de Educação Infantil Mina que atende crianças e 0 a 6 anos de idade. Faço parte do Conselho de Saúde aqui da Unidade Básica de Saúde e do trabalho de militância pelas políticas públicas, visando sempre o investimento na busca dos direitos da comunidade. Eu comecei mesmo em Heliópolis nos anos 80, aqui era tudo um matagal, ainda. Tinha uns 50 barraquinhos. Eu comecei logo que cheguei aqui, porque eu percebi que as pessoas não se organizavam, as pessoas pagavam aluguel pra grileiros e tinha um monte de problemas. Eles queriam que eu fizesse um contrato de aluguel para pagar pra eles. Eu me recusei a fazer e eles me deram um prazo de 24 horas pra sair. Então comecei a tentar convencer os moradores que existiam, de que era um direito deles morar, porque essa terra não era deles pra eles fazerem isso. Aqui não tinha luz, não tinha água, nada, as pessoas usava água de mina. Eu achava que isso tudo estava errado. Aí comecei meu trabalho, que era doloroso tanto para mim como para minha família. E assim, foi como iniciar uma guerra dentro do Heliópolis. Aí a gente teve muitos problemas de injustiça, porque esse grupo de grileiro era muito grande, mas nunca perdi a esperança da gente ser dono dessa terra, mas essas pessoas vinham explorar ainda mais quem quase não tinha condições de sobreviver. Eles ameaçavam passar o trator em cima dos barracos. Eles batiam nas pessoas e expulsavam. Era uma grande injustiça, né. E eu não me conformava vendo isso. Eu precisava também, necessitava de um lugar pra morar, só que não imaginava que o processo ia ser tão doloroso. Eu vim pra cá com

meu marido e dois filhos pequenos. Mas foi um trabalho que, assim, sozinha eu não ia conseguir, se não tivesse a união das pessoas que morava aqui. Não foi fácil, as pessoas não queriam se unir porque tinham medo das ameaças. No início existia aqui um barraco de madeira que o Frei Sergio junto com o Padre Celso tinha comprado para a Igreja desenvolver um trabalho de Clube de Mães, aquela coisa, né, ajudava as famílias com cesta básica quem precisava. Um trabalho dentro do paternalismo daquelas pessoas que freqüentavam a Igreja e vinha aqui ajudar as mães. Eu comecei a participar desse Clube de Mães e tal, pra convidar essas mães pra nossa luta e não ficar ali costurando só. Assim eu pude conversar com elas. E depois, com o tempo, com esses problemas que aconteciam de agressão. Eu e minha família sofreu muito com agressão. O número de barracos ia só aumentando. Com o tempo a gente conseguiu se organizar em nível regional na Igreja. Vinham os seminaristas que fazia aqueles estudos da Teologia da Libertação, vinha nos apoiar. A gente foi se articulando, buscava apoio nas igrejas. Muitas vezes meu marido, o João, ia preso, porque eu liderava algumas ações e ele estava trabalhando na fábrica. Quando ele chegava, a polícia estava esperando pra levar ele. A polícia falava que ele estava preso por não conseguir controlar a mulher agitadora. Eles falavam assim, a polícia né, que eu fazia agitação, liderava o povo e o João não tomava providência. Muitas vezes ele foi preso, ele ficava um pouco assustado. Outras vezes, os próprios grileiros chegaram a me machucar, o meu marido também, sofremos muito. A gente não tinha pra quem reclamar, eles estavam macunados com a polícia. Nessa época a gente não tinha nenhum conhecimento com político e falaram pra mim se eu falasse com um vereador que ele poderia dar algum apoio. O vereador mais conhecido da região do Ipiranga era o Almir

Guimarães, a gente foi falar com ele. Mas ele me maltratou, me chamou de invasora de terra, disse que não apoiava esse tipo de pessoa e tal. E foi assim, todo lugar fechavam as portas. Aí eu percebi, né, que só com a união das pessoas que a gente ia conseguir desenvolver um trabalho pra se manter aqui. Os grileiros continuava um grupo muito forte e lideravam, também, o tráfico de drogas. Foi uma época muito difícil, muito sofrimento. Eles atacavam os barracos, às vezes a gente tinha que reagir. Não existia a UNAS, a gente era Comissão de Moradores, ainda tem, aqui, muita gente daquela época. Era um grupo de pessoas que se reunia no barraco de madeira que os padres tinha comprado, era a CEB - Comunidade Eclesial de Base. Quer dizer, tinha aquelas pessoas que vinham aqui desenvolver aqueles trabalhos de Clube de Mães, aquela coisa de costura, de fazer bazar pros pobres e era só isso, né, não tinham aquela visão de trabalhar melhor o povo para buscar seus direitos. Por isso muita gente era acomodada. Aí começa a vir esse grupo de seminarista e outras pessoas que tinha essa visão da teologia da libertação. Era muita teoria, de estudo, então aqui tinha a prática para eles. Não foi fácil pra eles não, mas foi uma experiência boa para eles também. Muitas vezes eles apanharam, também, desses grupos perigosos, grileiros né. Não foi mole pra eles não (RISOS). O Padre Celso era da igreja da Vila Arapuá, ele organizava, vinha também pra esses conflitos. Tinha, também, o Frei Sérgio que coordenava a Pastoral de Favela da Região do Ipiranga, ele vinha, também, e se envolvia. Foi uma luta, três a quatro anos, até 1984-85, um processo muito doloroso. Aí, quando a gente consegue um pouco o controle da área aqui, com a união dos moradores, e que as coisas começa a melhorar. É com a união da comunidade que a gente vai ficando forte e eles vão ficando fraco. Não era fácil, também,

porque tinha problemas seriíssimos na delegacia de polícia, antigamente era na 26, não tinha a 96 que tem agora. A gente sofria muita repressão policial. Com o tempo, através do Frei Sérgio, que via as ameaças, as violências que a gente sofria tanto dos grileiros como da polícia. A qualquer momento iam dar sumiço no meu marido. Então, o Frei Sérgio trouxe o advogado da Comissão dos Direitos Humanos, mandado por Dom Paulo Evaristo Arns. A gente estava sendo processado por um monte de causas e nem sabia. Quando esse advogado, que era o Dr. Jairo Fonseca, foi na delegacia, ele percebe que tinha toda uma organização pra destruir eu e o João, lá existia isso. Aí a gente senta com os padres e, na época, também a Luisa Erundina que era assistente social, tinha outras assistentes social que era a Lourdes, a Rosana, tinha um grupo que a gente conseguiu articular também. Aí agente fizemos um documento, junto com o Dr Jairo e fomos levar diretamente ao Secretário de Segurança Pública. O Secretário precisou garantir a minha vida e a do João. Depois fizeram uma sindicância na delegacia. As providências vieram de cima, do Secretário de Segurança, primeiramente de Deus, é claro. Mudaram muitos policiais da 26ª Delegacia. Aí, a pressão foi muito maior sobre nós, a pressão policial. Mas com o apoio da comunidade e de muitas pessoas, mas primeiramente Deus, a gente conseguimos. A gente não estava ali numa coisa só voltada pra nós, não era um projeto pessoal, era um projeto muito maior. Maior, ainda, que muita gente imaginava. E eu tinha claro que sozinha eu não ia conseguir esse projeto realizado, só com a união de todos. Aí o que aconteceu? Os grileiros foram perdendo a força e começaram a vender os barracos que eles cobravam aluguel. E aí, onde a gente conseguia fazer com que as pessoas morassem sem pagar era melhor. Mesmo assim, por muito tempo ainda, fomos perseguidos, até que foram

sumindo (RISOS), foi uma guerra mesmo. Nessa época a gente era a Comissão de Moradores, não tinha uma entidade registrada. Acho que foi na gestão Jânio Quadros, que a gente começamos a discutir nossa ida ao IAPAS e aos vários setores públicos em busca dessas informações todas. Mas ninguém queria negociar com a gente porque nós não era uma entidade registrada. A gente registrou nossa entidade por essa necessidade e poder discutir com eles a questão da moradia. A gente pensava em escola, área de lazer, pensava em tudo isso, mas a gente era barrado por causa disso, a gente não tinha reconhecimento pelos órgãos públicos. Foi quando a gente registrou a UNAS. Bom, até aí a gente era leigo, a necessidade foi fazendo com que a gente aprendesse. Aqui não tinha nada, nem água. Crianças se contaminando com todo tipo de doença, era um problema seriíssimo, né. Uma coisa ia levando à outra, é como se fosse um trenzinho. A gente conseguiu ficar ali morando, mas precisava de água, precisava de luz, o esgoto era a céu aberto. A gente ia se organizando para levar nossas reivindicações aos setores públicos. E aí a gente vê que a comunidade crescia bastante, muita criança e a gente começa a pensar em projeto pra essas crianças. E a violência aumentando também. A gente falava, olha se a gente não pensar num projeto para essas crianças agora. A gente não pode ficar aí assistindo a morte desses adolescentes e achar, como muita gente acha, que é normal. Nós não achava nada normal. Cada vez que esse fato acontecia a gente ficava muito triste, ficava pensando o que fazer. A gente não se achava incapaz de fazer algo, embora a gente sabia que é um campo muito delicado. Tem o poder do tráfico, o poder da arma, outros poderes que estão fora, é o problema não está aqui. O poder mesmo vem de fora, que usa nosso bairro, usa nossas crianças. A gente queria fazer nosso

povo refletir sobre essa situação. A gente conhecia todas aquelas crianças, cresciam perto da gente, como de repente elas estavam metidas no tráfico? Houve oferta para eles. Aqui não tinha ninguém para pagar salário pra quem queria praticar violência. São os poderes, e de grandes, que estão fora. E a gente viu que não ia ter força pra ir lá combater diretamente. A gente viu que tinha que fazer projetos aqui dentro pras crianças e adolescentes e junto à família deles. Um projeto não pra criança somente, mas pras famílias. Isso é pra longo prazo, a gente tem consciência disso. Aí, a gente começou a reivindicar isso, também, dos poderes públicos. Mas não podia ser só isso, a gente começou a trabalhar a questão da cidadania com o povo. O mundo não é só o que tem aqui. Existia muita coisa maravilhosa que todos tinham direito. É preciso muito sacrifício para alcançar nosso projeto, mas é possível. Por isso, muita das vezes é preciso fazer parceria com as escolas, mas não é fácil, o diretor, os professores às vezes até querem participar mas têm medo. Quando veio o Brás, o novo diretor da Escola Campos Salles, melhorou muito. O Brás tem uma cabeça assim, muito boa, uma cabeça aberta para essa construção da cidadania. Ele senta com a gente discute vários projetos. Ele vem fala é isso mesmo que tem que fazer. E a gente faz essa parceria, né, com o Brás. Desde que ele veio, nós trabalhamos juntos e pra nós foi muito bom. O ano que vem já é a 8ª Caminhada pela Paz, que é um ato que nós pensamos juntos, para que as pessoas percam o medo de se unir, de se tornar cidadão, um cidadão crítico. Ele não tem que falar amém pra tudo, não tem que aceitar quando está sendo lesado nos direitos, seja lá por quem for. Ele é um cidadão que pode reclamar os seus direitos. Mas ele precisa de apoio e de informação. Por isso a gente se organiza na comunidade. O Brás fez uma abertura na escola pra trabalhar esses

professores, porque o público que eles estão atendendo é daqui. Então, o que é o melhor? É conhecer a demanda que você atende, pra pensar melhor que trabalho você vai fazer com eles, e não continuar fingindo que não está acontecendo nada. Isso seria fingir que está contribuindo para a cidadania desses meninos. Se continuar assim, mais tarde, eles vão cobrar de volta, como eu não sei, mas vão cobrar. A gente fala pra eles, você é o professor, tem uma grande responsabilidade no desenvolvimento dessas crianças. Você está trabalhando uma criança que você desconhece. A gente vai pra escola, eu e o João, e faz essa discussão, mas assim né, com muita paciência, com muita conversa de convencimento. Aí os professores começam a visitar, vem um, vem dois, veio um grupo conhecer a comunidade pela primeira vez. Teve um que disse trabalha há vinte anos nessa escola e não conhecia os alunos e chorou quando viu a situação que eles moravam. Aí começaram a pensar um outro projeto para a sala de aula. Precisa de muita coisa pra combater toda essa violência e nós temos consciência que é a longo prazo, nós falamos isso para eles. Muitas vezes eles vão sentir que nada está acontecendo, mas não é assim, tem que ter paciência. A criança tem seis anos hoje e só quando tiver dezesseis anos é que vai entender alguma coisa, é na adolescência deles. Assim, então, nós começamos e aos poucos conseguimos vários professores como parceiros nossos. Aí quando morreu essa menina, a Leonarda, a gente falava precisamos fazer algo, vamos sentar, vamos discutir o que fazer. A Caminhada pela Paz a gente se organizou por causa dessa adolescente, estudante da escola, mataram ela aqui dentro. Ela morreu em 1998. Foi assim: na primeira caminhada juntou umas 2000 pessoas, a segunda veio aí umas 3000 pessoas e foi crescendo a cada ano. As escolas não conseguiam articular porque os professores e os

diretores tinham medo de entrar aqui. Nós temos muito problema com os diretores. Sei que é assim, resumindo, as duas últimas caminhadas, mesmo que o diretor não veio participar desse ato, só que adolescente das escolas decidiu, eu vou. É da comunidade, eles mesmos decidiram. O percurso da caminhada é andar toda a favela, principalmente nos locais onde tinha mais violência. É um desafio, um trabalho que leva uns seis meses de preparação, porque tem todo um trabalho de divulgação. Outro trabalho é organizar as escolas, reuniões com a comunidade para apresentar o planejamento daquele ano pra caminhada. Aí vem a rádio pega o que foi discutido e passa para a comunidade. A última caminhada que fizemos teve 15000 pessoas. A cada ano a comunidade vai adotando e realmente, pensar oito anos atrás, você vê hoje, aqui na comunidade existe uma grande relação de respeito que é muito importante, seja com quem for. Por exemplo, esse menino que hoje está viciado, está vendendo droga, esse menino foi um menino que nasceu na comunidade, infelizmente está nessa situação. Hoje o desemprego está demais e a oferta do tráfico é muito grande. É mais uma vítima do sistema, né, inconsciente. Essa coisa da violência, droga é construída, construída naquele modelo que vem lá de fora. Em debates que participei eu sempre falava, aqui dentro do Heliópolis não existe nenhum laboratório, aqui não existe plantação de maconha, de cocaína, a gente conhece todos os lugares aqui dentro, cada buraco, não tem nada disso aqui. E por que tem droga? Vem tudo de fora. Tem alguma coisa errada, estão molestando nossos adolescentes. Quem é o responsável? É o adolescente? Alguém precisa ser responsabilizado. É muito fácil criticar, né. Esse menino não escolheu o futuro dele, alguém planejou essa desgraça para ele. Tem algo errado que não dá, assim, para discriminar. A própria polícia quando

vem questionar alguma coisa, a gente é que questiona os policiais: se a gente tem uma delegacia no bairro e esses problemas acontecem, ei! Como que tudo isso entra aqui e eles não sabem. A comunidade se organiza para que isso vá acabando aos poucos, que a vida desses adolescentes melhore. A gente quer que diminua o número de adolescente molestado por essa doença que é a droga que vem com a violência.

ENTREVISTADOR:

Como é a relação dos chefes do tráfico com a UNAS?

GENÉSIA:

Na verdade. A gente não conhece, a coisa vem sempre de fora pra dentro. Quem será o chefe daquele menino? Quem será o chefe daquele que está acima do menino? Entendeu? Ele não é daqui, esse que é o problema. Esse menino nasceu e cresceu vendo nosso trabalho. Se ele cresceu e tem filhos, nós também vamos atender os filhos dele. Nós atendemos o ser humano, nós não discrimina ninguém. Agora, que nós vamos continuar combatendo, isso nós vamos. A nossa rádio tem até um programa, a gente faz programa levando a informação pra combater essa violência. A gente não pode ter medo. Se a gente tiver medo, meu Deus do céu, nós queremos que o nosso bairro futuramente seja um bairro onde os moradores tenham a vida melhor pros filhos, pros netos.

ENTREVISTADOR:

Como é a relação com os políticos?

GENÉSIA:

Nós temos assim, eu por exemplo venho um pouco dessa organização que fez nascer o PT, dentro dos movimentos sociais daquela época. Eu e o João, a gente somos filiados no PT. A comunidade, a UNAS não. É tanto que na UNAS nós recebemos visita de todos os parlamentares, independente de partido. Uma coisa é eu ter uma posição na minha vida pessoal, outra coisa é a UNAS que é muito maior que eu, muito maior que o partido. Aqui na UNAS tem vários partidos, na época de eleição todos os partidos estão aqui dentro. A gente sempre toma o cuidado de não levar a mensagem partidária. Agora, isso não quer dizer né, as pessoas sabem que nós somos partidário, meu trabalho aqui não é de hoje. No começo quem vinha pra cá era só as pessoas do PT, não vinha de outros partidos. Com o tempo os moradores tiveram outros partidos. Tem várias entidades aqui que tem seus partidos, isso não é problema. Pra gente discutir, por exemplo, o projeto habitacional de Heliópolis, sentamos juntos pra discutir. Aloísio Mercadante dá grande apoio pro nosso trabalho, a gente tem outros parlamentares mesmo de outros partidos e quando temos qualquer ação aqui todos são convidados. Não importa o partido, aqueles que sempre vem aqui são convidados.

ENTREVISTADOR:

Como é a relação com a Igreja Católica, hoje?

GENÉSIA:

Houve muita mudança, na época da saída de Dom Celso, que era o bispo aqui da região do Ipiranga, o Dom Paulo Evaristo também, com a saída deles esse trabalho foi morrendo. Nós é que tivemos a sorte, graças a Deus, essa formação deles, estamos sobrevivendo, acreditando, eu continuo acreditando em toda aquela formação que eu tive. Por isso, até hoje, eu tenho essa

ansiedade de continuar na luta, por causa de toda essa formação que eu passei naquele tempo. Hoje, a gente não tem isso pras pessoas. Eu o João e outros companheiros tivemos o privilégio de passar por essa formação. A Cleide, ainda adolescentezinha, ali novinha chegou ainda a passar no Grupo de Jovem da Igreja. O Geraldo também. Os novos, com o tempo nós estamos formando, vão vindo e já vão participando, vão conhecendo esse trabalho que na época a Igreja desenvolvia.

ENTREVISTADOR:

Com toda essa dedicação ao trabalho na UNAS, como era atenção para a família?

GENÉSIA:

Na época eu tinha dois filhos, depois eu tive um outro. Eu tive problemas com os dois mais velhos, eles sentiam, assim, um pouco abandonado. E, também, muitas das agressões que sofremos eles estavam presentes e assistia aquilo tudo, não era fácil. Chegou um momento, na pré-adolescência deles, eles se sentiam revoltados vendo o pai e a mãe apanhando, a criança não entende, né. Com o tempo, com ajuda desses nossos amigos na Igreja, na Pastoral, a gente conseguiu trabalhar isso com eles pra eles entender. Eu tinha medo porque eu estava preocupada com o futuro deles. Eles viam a mãe apanhar, o pai sendo preso, foi muito duro. Hoje não, hoje o caçula está com 20 anos, eles estão sempre juntos com a gente. Eles hoje se sentem muito orgulhosos da gente ser insistente, por a gente continuar na luta. Às vezes eles fala que não sabem como a gente não pára, não dá um tempo pra nós, né. Mas, naquela época, a relação com eles a gente procurava não perder. Muitas vezes eu era aquela mãezona, dizia pro pai “ó agora não dá

eu tenho que acompanhar”. Sempre procurava conciliar, não dava pra deixar solto achando que o mundo ia educar eles. E eles são três filhos maravilhosos que eu tenho, assim muito amigos comigo e com o pai. Graças a Deus me sinto realizada por eles serem como são. Às vezes eles falam “tudo isso valeu a pena, só não teria valido se nós tivéssemos perdido vocês”.

ENTREVISTADOR:

Hoje o que significa a UNAS para a senhora, pessoalmente?

GENÉSIA:

Pra mim eu não sou ninguém sem a UNAS. A UNAS é tudo na minha vida porque essa comunidade, desde que eu vim morar num barraquinho de madeira, em Heliópolis. Construí minha casa no mesmo lugar, entendeu. A UNAS é tudo pra mim. Nem penso em sair daqui, até penso em deixar a diretoria. Nós estamos preparando os jovens pra dar continuidade a todo esse trabalho, passando por esse processo de formação. Nós sabemos que no futuro eles vão assumir tudo isso aqui. Nós vamos ter o nosso tempo também, vai chegar o momento que a gente vai falar agora vocês é que vão ter que continuar. O nosso projeto, o projeto da UNAS hoje é esse, preparar a nova geração. Já tem um grupo de adolescente que participa da parte financeira da UNAS. Outros jovens estão coordenando projetos, eles mesmos saíram desses projetos que agora está na responsabilidade deles. Outros estão trabalhando em outras atividades, tudo aqui dentro.

ENTREVISTADOR:

Se amanhã a UNAS deixasse de existir, o que a senhora faria?

GENÉSIA:

Só se eu fosse pra algum lugar que não tivesse nenhum problema, nenhuma injustiça social (RISOS). Porque se não eu começava tudo de novo (RISOS).

ENTREVISTADOR:

A senhora gostaria, ainda, de dizer mais alguma coisa?

GENÉSIA:

Acho que é isso, a nossa maior preocupação, hoje, é os nossos adolescentes, queremos dar continuidade ao trabalho.

## **João**

Local da entrevista: Sede da UNAS, Favela Heliópolis.

Ocupamos uma sala com uma pequena estante, uma escrivaninha e uma mesa redonda com quatro cadeiras, onde nos sentamos.

ENTREVISTADOR:

O senhor poderia nos falar qual tem sido a sua participação na UNAS?

JOÃO:

É, então, hoje sou presidente da UNAS. Nordestino, vim para São Paulo com dinheirinho contado, conseguir alguma coisa. Vim para cá todo cheio de esperança. Consegui ser gente, ser gente, ser cidadão. Esta questão de ser gente o pessoal fica pensando, e aí agente fala de várias maneiras, né. Eu vim pra São Paulo comecei a trabalhar em fábrica metalúrgica, trabalhei na INASA uma fábrica em São Caetano de cabo de aço, trabalhava e pagava aluguel, vim pra aqui pra São João Clímaco e trabalhei na Orniex fábrica de Sabão, depois fui para Eveready pagando aluguel, até que vim morar aqui num barraquinho saí do aluguel pra morar aqui na favela, comprei um barraquinho de madeira aqui, em 1980, se não me engano, é 79... 80 que vim pra cá. E aqui precisava de tudo, tinha luz no meu barraco, mas era oito, nove, dez famílias e eu era o último. A energia é o seguinte: quem fica por último, tudo ligado numa fase, pega o resto (risos). A gente precisou fazer uma redistribuição da rede, cinco casa numa fase, cinco numa outra pra melhorar um pouquinho. Aí a gente começou sentir a necessidade de se organizar. Aí a gente fala, vê as lideranças comunitárias hoje e acha que foi do nada, não é não, isso vem de uma necessidade. Eu mesmo, vejo toda uma necessidade e penso tenho que fazer alguma coisa, pra ter condição de vida melhor pra lutar. E na fábrica eu também trabalhava nessa questão da CIPA, na organização sindical. Eu vim pra cá, digo não, a gente precisa se organizar, aqui era um mato grande nessa época, a gente começou a limpar o mato pra não ter medo. Não tinha essa Rua da Mina, era uma viela aqui, né, e a gente começou nos organizar, minha esposa participando do clube de

mães, hoje chama grupo de mulheres, na época clube de mães e a Pastoral da Igreja era pastoral de favelas não era de Moradia como é hoje, né, e segundo a gente sabe que naquela época em 80, 81, 82 a Igreja, quer dizer... a primeira pastoral de favelas que foi criada em São Paulo, foi aqui na região nossa do Ipiranga. Então juntava as comissões de favelas uma vez por mês pra discutir né as políticas na questão de habitação pra melhorar a vida da gente. Vou saí do barraco pra ter uma vida digna, uma moradia melhor, decente. Era tudo isso, toda uma discussão que a gente tinha numa pastoral junto com a gente né. Depois nossas entidades, a UNAS que nasceu em 86 pra 90, nesse período todo teve a discussão. Eu digo de 86 pra 90 a discussão, porque o registro foi em 90, 91, mas a UNAS já era conhecida em 86, depois é que teve o estatuto, foi uma discussão a longo prazo até porque a gente quando trabalha assim num movimento, a gente quando começa na luta acreditando, a gente é tão ingênuo né, e acha que as coisa (riso) né, podia ser muito antes. E tem toda uma coisa dos político vir aqui na comunidade tirar proveito político, atrás de voto. E teve estes momento todos que nós passamos esses anos, 25 anos, né prá gente entender que... eu principalmente, quando eu falo vim ser gente quando vim morar na favela, e ser gente é ter consciência é vê que minha família não é só aquela meus filhos e minha mulher só. É toda uma família que mora na mesma situação, né. É isso, a Pastoral me ajudou muito, pregava um Deus vivo, não um Deus que morreu, um Deus que está dentro, na luta, na luta da gente nos dias, né, e as promessas quando a gente consegue vitórias né. No meu entende é isso, um Deus que a gente vê no outro companheiro, que a gente vê numa vitória, uma questão de justiça mesmo né, então quando a gente se junta. Eu venho com isso na cabeça, consciência de luta de classe, que entra dentro

da gente e não sai nunca mais. Pelo menos, eu tenho falado pro pessoal: uma coisa que os capitalistas nunca pode fazer é tirar isso da gente, né. Só se compra os caras, mas quando compra é porque ele não está mais ligado, se ele estiver consciente não se vende, não se vende. Então isso a gente aprende e a gente morre e vai embora com a gente. Enquanto a gente está vivo, nosso objetivo é socializar essa consciência com outras pessoas. Eu não acredito em movimento de resultado. Acredito em movimento transformador. Não é, que a gente luta pra ter uma pavimentação, mas pra ter pavimentação a gente precisa ter representantes. Os representantes da rua vão ter que participar com a gente, tem que tá porque tem que tá junto. Então qual é nosso objetivo? É a tomada de consciência. Então não é o João Miranda ou a diretoria da UNAS fazer pelo povo, mas é a gente buscar fazer com o povo, tá entendendo, essa é a diferença, né, que a gente acredita nesse trabalho. Eu tenho um sonho e acredito muito, eu acho que a participação do cidadão hoje né, de cada um. Participar dos partido político é importante, tudo, mas pra mim o fundamental é a sociedade civil organizada, tá entendendo? Porque na hora em que a sociedade civil estiver organizada, a gente vai ter as mudanças necessárias em nosso país. A gente sonha com um país que tem que ser nação. Ser nação é não ter essa distância que é uma malvadeza, a gente fala assim, uma concentração de renda uma das maiores do mundo, né, e com a pobreza que tá que a gente sabe, entendeu, pobreza, uma miséria que tá nosso povo, né. A concentração de renda é muito grande. Então como fazer um trabalho, e distribuir renda na nossa cabeça não é toma de quem tem muito não, é o contrário, é ter políticas públicas pra que o Estado né, pra que a gente consiga com as grandes empresas tenha investimento no social, né. Eu fico

feliz hoje de saber que tem muitos produto aqui do Brasil que vai pro exterior que vai pra outros país e que os outros país já tão preocupado que trabalho social, que compromisso social ta tendo essas empresas que ta vendendo o produto, isso é muito legal, isso ajuda a conscientizar também os empresário a sensibilizar, né. E de repente dizer assim, né, eu estou vendendo um produto, mas eu invisto numa creche, que tem uma escola aqui do bairro que eu estou... , você entendeu? Isso que eu falo como distribuição de renda, também passando pela distribuição de cabeça (riso) das informações. Se eu estou atrelada na mídia da gente, não tem problema fala disso, porque não sou político, política que eu digo é partidária, né, não sou, me considero político comunitário, dessa sociedade civil. Espero continuar, enquanto tiver vida, assim. Porque o processo que se dá, também, dos políticos partidários eles começam nas comunidades, né, aí vai se formando, aí depois vai conjuntando gente, aí vê que pode saí candidato e ganha pra vereador. Eu não estou dizendo que essa via é errada, mas que a nossa é diferente. Não to dizendo que não possa ter um candidato a vereador daqui do Heliópolis, um dia e tal. Mas o que nós pensamos é que a nossa via não pode parar. A gente pode criar uma estrutura da sociedade civil que não está presa a nenhum partido político. Ter autonomia não significa dizer que tem que ser independente, não existe isso, porque queira ou não são os políticos que aprovam ou não. A gente tem que está atento e ter alianças. A sociedade civil tem que criar uma estrutura, uma organização, que faça com que os políticos estejam a serviço da sociedade. Não como está hoje, a sociedade civil elege e fica ainda a serviço dos políticos, se entendeu? É, associação amigos de bairro, por que, porque a gente não tem o econômico, não existe autonomia sem o econômico também. Os cargos tomam tempo, exigem

muita dedicação, não tem como arrumar um emprego, aí tem uma coisa malvada né, que está nos estatutos das associações: que o presidente, o diretor não pode ganhar. Então ele não pode comer! Tem que ser curral eleitoral dos políticos, se entendeu? É o sistema em nosso país que é malvado, que é pra atrelar mesmo, pra ser curral eleitoral. A sociedade civil pra eles não vale nada, não é nada, por isso que a maioria dos políticos quer assim, porque sabem que a sociedade civil vai estar presa, nas amarras, é toda uma estrutura que tá aí em nosso país. Nós estamos aqui pra quebrar isso. E criar uma outra coisa, né, que a gente tem o direito da gente fala, o direito de dizer que país nós queremos e construir isso tudo. Nós não somos daqueles que mete o pau no poder público por meter o pau. Tem que ter as manifestações, mas tem que ter também proposta concreta. O que nós queremos pra Heliópolis? Queremos fazer parte da cidade de São Paulo, nós amamos isso aqui. Não queremos sair daqui. Aqui é a cidade do sol, a palavra Heliópolis significa isso, e nós viemos morar aqui. Se eu aprendi ser gente aqui, imagine o amor que eu tenho por essa comunidade. Meus filhos estão aqui nessa comunidade. A gente precisa desenvolver um trabalho pra que as pessoas gostem e tenha orgulho de dizer: eu sou um cidadão e moro na favela de Heliópolis. Muito importante, é combater o preconceito, mostrar que, também, se pode ser gente na periferia. Com direitos e deveres é lógico, mas com a cabeça pra pensar no que a gente quer pra cidade de São Paulo. Um projeto habitacional, que tenha cultura, esporte, saúde, lazer, escola de qualidade, que tenha vida. É por isso que a gente tá lutando na educação com uma escola que tem aqui que chama Presidente Campos Sales. Tem várias escolas aqui em volta. A escola Presidente Campos Sales a gente tem uma relação maior, devido o diretor da escola, né, é um

batalhador o Brás, há nove anos e a gente tá tendo esta integração. Esse ano nós aprovamos um projeto lá, porque eu fico preocupado quando se fala em reforma das universidades, e tem que mexer mesmo pra melhorar a qualidade das universidades, o ensino superior, o ensino médio. E o ensino básico? Não estão mexendo, e aí não dá. Muita das vezes a gente fala que nossos filhos já nascem condenados, falando da área da educação né, pra não ir pras universidades públicas, na USP que é as melhores, e que nós pagamos. Quem tá vivo, quem come, paga imposto. Se eu não pago IPTU daqui é porque a prefeitura não fez o projeto, nós estamos lutando há vinte e cinco anos, se nós não pagamos IPTU é problema da prefeitura. Nós come, nós bebe e nós pagamos impostos que já vem descontado nos produtos que nós compramos e parte desses impostos vai pra USP e outras universidades públicas. E nossos filhos já nascem condenados a não ir pras universidades públicas, que são as melhores e que nós pagamos com nossos impostos..

Na quarta, quinta série do ensino fundamental ainda não sabem ler e escrever direito. Tá na quinta série mas não sabe ler, escrever direito como é que vai, meu Deus do céu, concorrer com quem paga do filho uma boa escola particular de dois mil reais a mensalidade, não vai. Aquele lá vai direto, da gente aqui de mil vai um, né. Isso tem que mudar. E pra mudar isso vai ter que mexer com direitos que tira direito dos outros, que pra mim não é direito. O direito da gente, o meu direito tem que ser um direito que eu tenha mas que não mexa no direito seu. Tem que ser um direito meu e seu também. Mesmo que for meu numa categoria mas que não vai mexer no direito do outro. Não sei se você está entendendo? Eu estou dizendo que na educação as amarras dão nisso. Hoje o educador da escola pública tem o direito de faltar 80 e poucas faltas num ano e não é mandado embora e é

direito luta do sindicato. Isso não é direito, porque se todos usasse desse direito, as crianças que eu acho que é o centro das escolas, tem que ser a criança o aluno. Tem professor porque tem aluno. Se não tiver demanda não vai ter escola, não é verdade? Então o centro das atenções é o aluno, né. Se todos faltasse, ai meu Deus, como é que tava. Se falta um falta todos. Tem muitos que tem compromisso, com certeza a maioria, tem carinho, sofre, né. Tem o educador bom, dá aula numa escola de manhã, dá a tarde em outra, porque o salário é pouco, e aí tinha que ter um salário digno que é pra não faltar, como é em todo canto o serviço da gente. Assim, pra que num outro horário ele fosse entender o que é essa comunidade que ele trabalha, sabe. Eu vi, é com pouca experiência, a gente foi na escola, começamos a falar da nossa história. Segundo passo foi trazer os professores na comunidade, um espaço de meia hora, rapidinho porque eles já tinha que dá aula em outra escola a tarde. Levamos eles na beira do córrego. Aqui moram umas duzentas famílias penduradas num córrego imundo. Aí veio uma menininha de oito anos, chegou pra professora dela toda feliz “Ô tia! Eu moro aqui ó” apontando pro barraquinho pendurado. A professora começou a chorar. Eu estava próximo, e eu falei ela ta passando mal. Mas ela abraçou a menininha e continuou a chorar... Na escola cada professor falou uma frase. Essa professora falou “faz dezessete anos que dou aula nessa escola e não sabia que tinha aluna minha morando naquelas condições”. Dezessete anos, olha só a distância da realidade. Tá entendendo? É aquela coisa, do outro chegar e dizer: eu vim aqui pra ensinar! E não é isso. Nossas crianças quando vão pra escola já sabem muita coisa. Já tem valor canalizado, já vive uma comunidade. Ela tem que se tratada como uma pessoa que já pensa. Ela não vai pra escola pra

aprender a pensar, né. Ela vai pra outra coisa. Então é isso na questão da educação. Esse ano ainda to feliz porque aprovou nosso projeto, né. Educar é ta em busca do novo. Eu tenho dificuldade, porque nunca fiz faculdade. Se eu disser pra você que não tenho segundo grau. Eu tenho só o primeiro grau incompleto. Na minha época, na quarta série, eu já sabia ler e escrever. Fiz até a oitava série e aí parei meus estudos. Hoje já estou com quarenta e nove anos e aí eu fico assim. Meu objetivo é ta participando, quando eu vejo as crianças, e tudo. Eu tenho esse entendimento da busca do novo. Sabe, eu tenho que acreditar que é o que to fazendo, que eu fazia há dez anos atrás eu tenho que aperfeiçoar de uma outra maneira, sabe. Ta entendendo, essa coisa das política pública, como agente pode intervir. Não é só fazendo barulho, é você ter uma articulação maior, na sociedade civil pra que agente consiga mostrar. Aqui veio um presidente da república, o Lula veio aqui. Nunca veio na favela do Heliópolis um presidente da república. Nossa! Nós estamos feliz, veio o presidente aqui, com dois ministro: ministro da cultura e ministro do trabalho. E o Gilberto Gil foi tomar uma pinga com nós num bar. Tem uma pessoa como o Ruy Otake arquiteto, um dos maiores do país, que taí conhecido internacionalmente. Ele conseguiu um espaço na Bienal de Arquitetura, nós estamos lá até dezembro. Olha tá lá as fotos, a história, as reivindicações que a gente sonha no Heliópolis. Pra nós é um motivo de orgulho, de satisfação. Eu me sinto assim. E vamos levar o “Lata na Favela”, que é um grupo aí de lata mesmo, vai levar lá, fazer barulho lá dentro, né. E mostrar, taí nossos adolescentes na comunidade. Na questão da educação, nós estamos aprovando um projeto que vem de encontro, não lembro, era o... José Pacheco que fez isso em Portugal. É um projeto que derruba todas as paredes da escola, mas agente não vai fazer isso porque lá

é duzentos alunos e aqui não. Aqui tem 1400 alunos, então não dá pra derrubar as parede. A gente tem que derrubar outras parede, entendeu? Vamos derrubar as outras, essa é a física, é a coisa mais fácil. Então, são grupos de educadores que vamos fazer. Já tem uma reunião marcada na Secretaria da Educação, com o Secretário, parece que é dia 1º, nós vamos leva uma proposta, porque aqui vai ter que ter mais educadores, professores. Queremos criar grupos de 14 alunos e todo um esquema montado. A sala de aula, vai se criado cinco grupos em cada sala. Vai ser no Campo Sales, já aprovamos no conselho. Grande parte dos professores estão envolvidos, não vai tá 100% nunca, né. Tem aqueles que estão lá só pra fingir que tá também, infelizmente isso acontece em todas as profissões. Então, a gente está cheio de esperança nesse projeto novo. A gente acredita que com essa proposta com certeza, isso em Portugal aconteceu, o governo de Portugal foi contra essa escola fazer isso. Aí a escola pediu pra que fizesse. Aí fizeram lá um provão e a escola saiu melhor que as outra escolas pública. Os alunos dela foram bem melhor, então o governo lá apóia a proposta dessa escola. Queremos levar, depois, pra toda rede. Não queremos isso só pro Campos Salles. Nós queremos, humildemente, fazer um projeto piloto. Porque quando se lança essas coisas na educação, ou em outras áreas, sabe é no sentido de fazer pequenininho pra não jogar dinheiro fora, se não der certo aqui o prejuízo é pequeno, mas tentamos. Então o que é que nós queremos? É fazer aqui uma proposta piloto, se Deus quiser. Nós temos um desafio que vai dar certo. Precisamos das universidades pra contribuir nesse projeto, precisamos de psicólogos, enfim tudo isso é pra dar qualidade ao ensino público. Porque dinheiro tem. O problema é as amarra, os planejamento, as leis. Essas coisas têm que mudar. Nós já estamos no século XXI e as

coisas que ta pra trás. Nossas crianças chega na escola e não têm nem vontade de entrar, você entendeu? E quando o educador falta, as crianças volta pra casa toda feliz. Meu filho é assim, “ô pai hoje teve aula vaga, legal” ele ta fazendo o 2º grau, fico doido com isso. O problema não tá nele. A escola não mais aquela mais que dá prazer de ir na escola. Todo mundo limpinho, bonitinho, não tem mais isso hoje. É preciso voltar isso, ter essa vontade. Sabe porque não tem? Porque eles estão muito mais avançado do que a escola. As crianças, os adolescentes estão muito mais na frente, a gente parou no tempo. Eu falo isso enquanto educação, parou. E aí tá evoluindo a sociedade com internet, tá evoluindo as informações rápida do mundo inteiro. As crianças, os adolescentes estão vendo este mundo, estão vivendo tudo isso. Mesmo aqui dentro, com toda dificuldade, vive, né. Os meio de comunicação. Nunca teve tanta denúncia de corrupção como tá havendo agora. A facilidade que tem, entendeu. Tem todo um esquema que taí, da tecnologia da informação e tudo, que a escola ficou pra trás um pouco. Então se não acompanhar, não vai prestar, não vai servir. A gente tem que mudar isso.

ENTREVISTADOR: Como é a participação da comunidade? As pessoas participam?

JOÃO:

Então, participa. Por exemplo, agora a gente ta discutindo essa questão da moradia. Nós temos os “Sem Teto”, aqui na favela mora muita gente que ainda não tem moradia. Tem os “Sem Creche”, nós temos 5 creche, cada uma tem mais de 200 pessoas na lista de espera. As mães vem todo dia pedir. O que vamos fazer. Vamos fazer um Movimento dos Sem Creche. Se

tem os Sem Teto vamos fazer os Sem Creche. Vamos se organizar pra ter creche também, entendeu. É uma sustentação a gente tá lá trabalhando e você vê o sofrimento dessas mães que quer trabalhar, umas já está trabalhando e paga o salário quase todo para alguém cuidar do filho. Podia ter creche. Creche é um direito e essas pessoas não têm. Se organizar, é isso que a gente fala. Isso a gente leva a metodologia, nosso jeitinho é de fazer colocando um pouquinho da conjuntura nacional, falando na reunião, trazendo um videozinho da luta, da reforma agrária. Sabe, é pra mostrar o que é nós. Muita das vezes a gente fala que não tem o que falar e fala assim: ô dona fulana, dona Maria! A senhora é de onde? “Sou de Pernambuco”. Mas o que a senhora ta fazendo aqui em São Paulo? Pronto, ela vai contar a história dela e é um tema da reunião, coisa mais bonita! Ta vendo, dona Maria, como a gente sofre nesse país? E ainda por cima não tem creche. Então a comunidade participa. E quando acontece, como aconteceu agora com a Eletropaulo, teve problema. A gente conseguiu a taxa mínima, foi uma vitória no governo Montoro e o Mário Covas era o prefeito. Foi uma conquista que a gente teve. E até hoje, taxa mínima, só que agora não vai ser mais. Vai colocar relógio nas casas, cada um vai pagar. Tem a ver, também, com a cidadania, direitos e deveres e tudo. Mas também, a gente pode dizer pra Eletropaulo não fazer gambiarra aqui dentro, né. Se a gente vai pagar o que a gente gasta, quer ver energia igual a do Morumbi, é lógico. Por outro lado, a gente teve toda preocupação, porque a caixa quem ia pagar era nós e ia acabar com esse serviço logo, sem um trabalho educativo que a gente queria que tivesse, né. Sem ter um posto da Eletropaulo aqui dentro, que foi inaugurado hoje. Conquista da gente, se não o pessoal teria que pagar passagem para fazer reclamação e outros acertos.

A caixa era R\$ 160,00, baixou pra R\$ 130,00, mas estava caro ainda.

Botamos carro de som na rua: não é pra comprar caixa pra Eletropaulo. Se não tiver caixa, eles não pode por o relógio e aí eles se ferram. Meu papel é esse. Eu estou aí pra negociar em nome de uma comunidade que estou representando. Eu digo, a Eletropaulo tem o interesse dela, nós temos o nosso. A gente vai pagar R\$ 35,00 até maio e as caixa ficou gratuita, é uma caixa simplezinha, não tem problema e quem não tiver fiação pra por internamente fica por conta da Eletropaulo, também. Então foi conquista que a gente teve. O relógio é importante, porque educa um outro jeito de gastar, esse problema de energia do nosso país, você tem que pensar nisso. O presidente da Eletropaulo teve aí, conversei com ele, falei que a gente ia continuar brigando, porque quem não pode pagar tem que ter taxa mínima, taxa social, sei lá, não importa o nome que eles vão dar. É um direito das pessoas aposentadas que estão aí jogadas, das pessoas que estão desempregadas. A Eletropaulo não pode cortar. É um direito de todo cidadão. É um direito humano. Uma família grande que não tem condições de pagar. Quem tem condições de pagar tem que pagar. Então é isso, a luta e essa. Hoje é a Eletropaulo, amanhã vai ter o fórum, uma reunião que ta tendo todo mês com a COHAB que é, entre aspas, a dona da área, né.

Agora, pra nó que mora aqui o dono é nós. A posse ta com a gente, não é verdade? Nós estamos discutindo a urbanização e a legalização daqui do Heliópolis. Esse contexto todo que eu to te falando. Teve aí na administração passada que eu acho que foi legal, essa questão das pessoas ir lá reivindicar, como é que chama, o orçamento participativo. Participei muito, nós colocava tudo, porque a gente achava que tinha direito e era anotado. Aí pronto, ia pra prefeitura. A prefeitura não tinha o dinheiro pra tudo o que foi

pedido. E não vai ter nunca, independente de qualquer prefeito, né. Além disso, as secretaria fazia lobe com tudo isso. Por exemplo, os da Habitação “ô João Miranda, se vocês querem dinheiro pra lá, tem que votar pra ter dinheiro pra COHAB”. Os da Assistência Social, os cara da Cultura, a mesma coisa “ô João, vocês tem que fazer uma briga se não, não vai vir dinheiro pra cultura, se entendeu. Ficava jogando a gente de um lado pra outro. Aí fiquei pensando, orçamento participativo desse jeito não vale nada. Sabe, isso destrói a gente, divide a gente, isso é mesquinho e faz com que as pessoas não pensem. É preciso atender nosso povo direitinho. Não existe moradia sem cultura, se não tiver educação de qualidade, se não tiver posto de saúde com médico, ta entendendo? Habitar, hoje, é muito maior do que a gente pensa, não é só a casa. Eu morava num barraco, é a mesma coisa que está atolado ou coberto de fezes, até em cima. Sabe, ele ta ali de baixo e sabe que vai morrer, ele não ta respirando, ele vai morrer. Aí chega uma pessoa pega no cabelo dele e puxa, ele fica só do pescoço pra baixo atolado, então ele diz graças a Deus, não morro mais. Mas ele continua na sujeira daqui pra baixo. Se tá entendendo as coisas como vem? Nós não aceitamos assim. Nós queremos saber o orçamento todo e apresentar os nossos projetos.

ENTREVISTADOR:

O senhor se dedica a UNAS em tempo integral?

JOÃO:

Eu levanto de manhã e tenho hora pra sair de casa, mas pra voltar não.

Sempre, oito horas da manhã eu estou aqui. Tenho cheque pra assinar, coisas administrativas pra fazer. Aí tem reunião, coisa pra ir na secretaria,

depois tem os projetos que tem que está discutindo. Hoje já tive três reunião, de manhã até agora três horas da tarde. Então é isso, é discutir alfabetização de adulto como é que tá. Porque a coisa não é só trazer o projeto pra cá, conquistar o projeto é importante, mas é preciso fazer o projeto ser bom. Como fazer isso? A creche é pra atender as crianças, mas nós não queremos só isso. Queremos atender bem as crianças. As crianças vão sair da creche sabendo assinar o nome já, como saem todo ano. A formatura deles é a coisa mais bonita aqui na quadra. Tem a formatura mesmo, das creche. Aí eles vão pra escola. A primeira série da escola eles vão ficar parados, a professora fala para eles "vocês já sabem, vão ter que esperar". Isso é um atraso de vida. Queremos a participação dos pais. A mãe, por exemplo, tem que ter compromisso, participar dos conselhos de escola, pra ajudar seus filhos um dia a participar também. A gente começa esse trabalho já na creche.

ENTREVISTADOR:

O senhor disse que o estatuto não permite que o senhor receba algum tipo de salário da entidade, como, então, consegue o sustento de sua família?

JOÃO:

Eu trabalho pra comunidade, só vivo pra isso. Eu sou presidente, a Cleide é a tesoureira, a Genésia é a segunda vice-presidente, tem os outros diretores. Se fosse pra gente ganhar da UNAS, nós não podia estar na direção, o estatuto não permite. Nós não ganhamos da UNAS. E isso é um absurdo, os vereadores da cidade ganha um dinheirão, a gente na comunidade não tem só duas sessões por semana não. Nós tem sessão a toda hora, a todo

instante. Às vezes eu estou em casa jantando, o povo vai na minha casa de noite, trabalha o dia inteiro não tem outro tempo. E eu tenho que sair pra conversar, pra explicar as coisa. É assim a vida da gente, né. Então, de repente a gente tem que ta, junto, e aí tem que falar as origem, né, até do salário, junto, e não tem problema nenhum disso, com alguns parlamentares, sabe ainda pra que a gente consiga desenvolver o trabalho. Quer dizer, de pessoas da sociedade civil, tem algumas empresas de homens que acredita no trabalho. É isso que a gente tem. Porque se não, não pode ter projeto com a UNAS, entendeu.

ENTREVISTADOR:

Com esse trabalho de tempo integral, como fica a atenção para com sua família?

JOÃO:

Tenho três filhos, tenho uma esposa. Ela trabalha num projeto, né, daqui da comunidade, mas não é ligado direto na UNAS. Então ela trabalha nesse projeto, tudo bem, né. E eu, também, estou em tempo integral aqui. Eu tenho três netos já. Eu tenho três filhos, já moços, um trabalha aqui no Liberdade Assistida, o outro trabalhou na Bom Bril, agora ta numa empresa em Santo Amaro e o caçula, de 19 anos, está desempregado. O meu trabalho na UNAS interfere na vida da minha família. Eu tive, sou privilegiado de ter uma esposa militante. No começo da luta era Genésia que ia, porque eu trabalhava à noite, né, na Eveready e a Genésia que ia para as reuniões. Quando no final de semana tinha reunião no sábado, eu ia com ela, que eu trabalhava lá de segunda a sexta. Então sábado e domingo eu ia com ela. Chegava na reunião, o pessoal falava esse aí é o João da Genésia. Então,

fui privilegiado nisso, mesmo assim os dois tinha o mesmo entendimento a mesma luta, toda a história e tudo. Aí tem os filhos, em muitos momentos, por exemplo, ela grávida e eu não dava a atenção que precisava. Quer dizer, cria um conflito em muitos momentos, entendeu. Nossa! Às vezes um filho precisa de uma atenção maior e tudo, e a gente, né, ficava um pouco, sabe. Mas graças a Deus, acho que é a graça de Deus mesmo, a fé da gente, que meus filhos são bons meninos, né. De vez em quando dá uns problemazinhos (risos), mas faz parte da vida, faz parte do ser humano, faz parte de tudo. E aí nós estamos vivendo, mas tem problema sim, pessoal. Porque tem o pessoal, tem a minha família, tem meus filhos meu sangue. O problema é que a gente depois que consegue entrar numa coisa mais coletiva, maior, sabe. A gente começa a dividir o tempo da gente. Em muitos momentos a gente diz assim: puxa vida meus filhos ta bem melhor que esses outros que ta. Isso faz com que a gente tenta lutar. Minha casa, né. Estou morando numa casa de alvenaria, aqui no Heliópolis. Eu comprei um barraquinho quando vim pra cá. Eu trabalhava numa firma. Eu mandei pedi dinheiro pro meu sogro no norte, emprestado, vinte cruzeiro na época, pra comprar meu barraco. E depois paguei a ele com o dinheiro do aluguel. Depois fiz um poço que não tinha água. No outro, coloquei uma bomba no poço que jogava a água pra cima e eu tinha água encanada em casa. Ninguém tinha água encanada aqui, eu tinha. Os outros pegava água na mina. Essa rua tinha várias minas. Quer dizer, tem toda uma história aqui no Heliópolis, com minha família. Meu barraquinho é hoje uma casa de alvenaria, meu filho casado mora na parte de cima. Na frente construí pro outro morar, separou tal, mas tava lá. Quer dizer, consegui, mas vou na beira do córrego vejo lá, adolescente, criança num barraco que. Enquanto

tiver barraco daquele jeito a gente não pode parar, tá certo.

ENTREVISTADOR:

O senhor pensa em sair daqui, um dia?

JOÃO:

Eu acho que esse trabalho da gente de ser liderança. Que ninguém pede pra ser, como é se diz, ninguém é forçado a ser liderança comunitária. Quando é, tem que ser. Tá entendendo, porque veio da necessidade. Mas essa necessidade muita gente tinha aqui, não é? A favela não começou só comigo só, não é? Tinha muita gente morando. Não tinha os 120.000 habitantes que tem hoje. Tinha 1500 pessoas, famílias morando. E aí, veio da necessidade, que a gente começou a se revoltar, a participar. Quer dizer, a gente diz, eu tenho, também, esse direito na constituição. Porque esse direito não vem pra gente, só porque a gente é pobre, entendeu. Aí vem a revolta com isso. Aí a gente foi se envolvendo. Aí a gente conseguiu a água, a luz. Aí a gente briga pra ter a terra, pra ter a educação e tudo. A gente cria um leque de coisas que faz com que a gente começa a amar mesmo, a entrar no sangue, né. É todo mundo? Não, não é. Na verdade não é. Têm aqueles que vai, que começa a acreditar, acreditar em resultados, mas em resultados que a gente sabe vai muito longe, um resultado mais a longo prazo. Mas eu me sinto feliz. Eu vejo assim, pra mim pessoalmente vai chegar o momento que eu não consigo mais ser presente na UNAS. Eu estou achando que meu tempo está quase chegando ao fim. A gente tem que democratizar um pouco essa coisa do poder. Ser presidente da entidade não é sempre ter o poder, mas quer queira quer não, você é o procurado. Tem essa coisa do nome, da imagem. E na verdade juridicamente quem vai responder pela entidade? Sou eu mesmo, né, então eu acho que isso tem que ter um rodízio. Eu já estou no

terceiro mandato, então tem que ter um rodízio. Na diretoria já está tendo. Acharam necessidade de me continuar nessa linha de frente, como presidente, mas está chegando a hora de outros companheiros assumir para representar Heliópolis que é maior que a entidade, mas eu estou abaixo da UNAS. Tenho certeza que a UNAS é maior do que eu. Com essa dificuldade de falta de estudo que eu tenho, quando vou ler um documento, um projeto, a gente pega um papel, eu tenho que ler né, aí eu passo dois ou três dias pra ler, é tem coisa que é muito sabe, aí eu tenho que ler. Aí eu vejo que tem muita gente que lê rápido mas não entendeu o que leu, não é? Eu não. Eu quero entender, talvez a dificuldade de lê que eu tenho que faz com que eu queira entender mesmo. É a responsabilidade. E a UNAS ta crescendo. Eu acho que a minha parte nessa luta toda, ta chegando no fim.

ENTREVISTADOR:

O senhor está muito envolvido com esse trabalho, mas e se a UNAS deixasse de existir, o que o senhor faria? Tem algum sonho que o senhor pensa em realizar?

JOÃO:

Se amanhã eu acordar e não ter mais a UNAS, eu vou ter que cuidar da minha vida. Não tem jeito, entendeu? Eu tenho meus filhos, tenho minha mulher. Mas se eu acordar amanhã não tiver mulher, filhos ... (PAROU PARA PENSAR)

ENTREVISTADOR:

Se não tivesse a UNAS?

JOÃO:

Se eu nunca tivesse sido liderança, ou seja gente, como aprendi ser aqui, eu ia trabalhar, como se você saísse de um emprego, por exemplo a Eveready faliu, eu vou ter que trabalhar noutra fábrica. Fui operador de máquina, na Eveready, vou trabalhar em outra fábrica de pilha, na Rayowac. Se não conseguir vou trabalhar de ajudante geral ou noutro serviço. Com a experiência que eu tenho hoje a gente vai articular um outro jeito, sabe. Hoje eu acredito mais nisso, na mudança. Essa coisa que ta dentro da gente, que a gente não pode se acomodar. Não podemos. Eu acho que psicólogo não pode também não. Eu acho que quem faz a faculdade não pode, sabe. Tem pessoa que faz, estuda e tudo e esquece de exercer a cidadania. Eu sou cidadão, tenho diploma. Mas o que está fazendo? Tá exercendo a cidadania? Se não está, não vale aquele estudo. No meu entender, no meu país essa coisa não vale. O que tem que valer é a gente fazer a faculdade e reclamar os direitos. E é isso que a UNAS vai ter que ter um presidente que sabe que vai ter que exercer a cidadania e que tenha honra. Porque está crescendo a coisa. Eu estou vendo os adolescentes que estão aqui, estão conseguindo bolsa pra fazer faculdade, tem gente que está fazendo magistério, que não é faculdade, mas tem gente que está fazendo pedagogia, direito, várias áreas. Daqui de dentro, é o futuro da UNAS, né. Eu falo pra eles, tem que ser completo, é preciso alguém pronto, formado é preciso. Não é diploma por diploma, mas se a gente tem o que vocês tem, você já vão pra faculdade com grande parte do conhecimento da vida. Porque é essas faculdades, universidade da vida que eu tenho um pouquinho, que estou aprendendo ainda. Eu falo pra eles também, eu estou trabalhando com os adolescentes, eles sabem os problemas da comunidade e isso já é, nossa,

50% de qualquer curso que for fazer. Porque pra mim volta completo, é ter isso. A universidade é a técnica é o jeito, mas tem que saber o povo. Como é que esse povo é, vive. Quais são seus valores. Aí você consegue desenvolver um trabalho de arrebentar. E não tenho problema nenhum, eu sempre tenho falado assim, e a diretoria aprovou isso e tudo. Eu não tenho problema de ser laboratório pra que seja no bom sentido para as universidades, nesse sentido. Quem tá lá mas não conhece a periferia, que não sabe como é que vive esse povo. Não tem problema nenhum. Serviço Social é importante, Psicólogo é importante, né. Tem algumas universidades que veio aqui. São Marcos, é uma que teve parceria com a gente. O problema é que quando terminava o estágio ia embora aqueles e vinha outro e o encaminhamento que o primeiro estava dando. A gente tinha um pouco de dificuldade, você sabe o que é que eu estou falando. Tinha Psicólogo que arrumava emprego mas vinha no final de semana pra dar encaminhamento no indivíduo, na mãe da criança que foi atendida, nossa que coisa brilhante isso. O que eu estou querendo dizer pra você, eu vou dar um exemplo, assim, do médico que chega na periferia e vem pra ele um cara todo ferrado, como eu, com o pé cheio de bolha embaixo do pé. E o médico falou: você não pode comer feijão, esses olho nem pensar, tem que ser do olho, daquele que é caro demais, passa uma dieta pra baixar o colesterol com um bocadinho de coisa. Olhei pra ele, falei doutor não tenho condição de comprar essas coisas, esse olho e tudo. Você está entendendo? Isso é não conhecer a comunidade, está fora da realidade do que é o nosso povo. Como é que vou prestar um serviço pra comunidade desse jeito. É preciso, primeiro, saber quem vou atender. Se tem as posse, ou não, pra comprar as coisas. Muitas das vezes o sujeito vai doente pro posto de saúde e volta morto. O médico

falou, em outras palavras, que eu vou morrer. Eu não tenho condições de comprar tudo isso, meu Deus. O médico podia falar de outro jeito. É preciso dar alternativa. Pra tudo, hoje em dia, tem alternativa. Tem chá, ou outra coisa, sei lá. Todo ano vem estudante de medicina aqui e eu sempre falo, não sei se adianta alguma coisa. Eles vêm da Escola Paulista de Medicina, lá tem uns professor bonzinho, uns dois, traz uns estudantes de várias áreas. Eu fico feliz com isso, mas eu queria uma coisa maior, por exemplo, se a gente conseguir uma farmácia popular para o Heliópolis. A gente tem que ter uma integração com a universidade, para esses médicos vir pra cá e dá atendimento nessa farmácia, nossa, seria bom pra eles e é bom pra nós. Você entendeu? Porque se não o pobre quando chega no médico, é uma desgraça. Não estou dizendo que é culpa dos médicos. A universidade não mostra esse outro lado. Eu falo para os estudantes, tu vai trabalhar na periferia, que chegando lá tu vai estar no hospital da miséria, tem gente lá que não come. A maior parte das doenças é a falta de comida. Como é que você receitar remédio pra ele, vitamina, não adianta. A gente vive esse sonho, de acabar com isso. Mas eu não posso ficar mais tempo, também, porque se a gente não tem cuidado sufoca os outros, é sufoca o outro. Acho que ainda não estou sufocando não, a gente tá ainda articulando, tem muita coisa pra ser feita aqui dentro. Eu acho que é importante a minha presença e acreditar que o indivíduo no coletivo é um indivíduo, só existe o coletivo por causa do indivíduo. Então eu quero ser indivíduo e sujeito. Eu estou nessa luta de ser sujeito. Diz que, depois de cidadão é ser sujeito. É, pelo menos, tentar elaborar o que está fazendo na nossa prática. Por que, que os outros estuda a prática da gente e nós não pode? Nós, também, temos que aprender a teorizar a prática da gente. Isso é tão difícil, né, mas nós estamos

tentando.

ENTREVISTADOR:

Atualmente, a UNAS tem ligações com as pastorais da Igreja Católica?

JOÃO:

Temos, nós temos, só que assim, a pastoral tem, quer dizer, a formação da gente veio via pastoral. Mas na hora que se cria uma entidade ela passa a ser diferente da pastoral. Então, são duas organizações que pode está trabalhando junto, mas cada uma tem uma função diferente. Porque pastoral tem também a evangelização, tem sua parte né. E a entidade tem a comunidade como um todo, mas ela enquanto entidade não pode estar numa religião. Ela podia estar em várias religiões. A UNAS é a-partidária, é a-religião, quer dizer nós não podemos tá ligado a uma só, enquanto entidade. Teve o momento da Comissão de Moradores que começou com a pastoral. Eu aprendi na pastoral. Eu acho que hoje, na verdade a Igreja como um todo, vai dependendo muito dos momentos do país. Tem momento que a Igreja está mais presente, tem momento que a Igreja está mais um pouco mais afastada. E hoje a gente sabe, os evangélicos estão crescendo muito e a Igreja também está preocupada com essa outra parte, que é uma política também, como trazer seus fiéis para a Igreja. Aqui nós temos uma relação muito boa. Na “Caminhada da paz contra todo tipo de violência” que a gente faz todo ano, com as escolas, com as entidades e as pastorais. Aí vêm os evangélicos, os padres daqui participam. Essa Caminhada é a coisa mais bonita, tem as reuniões dois, três meses antes, a gente se organiza: o som já arrumou? E a Imprensa, tá todo mundo sabendo? Sabe, essas coisas todas, precisa de muita organização.

ENTREVISTADOR:

E com os políticos, como tem sido o relacionamento com eles?

JOÃO:

Eu pessoalmente tenho minha posição, mas a UNAS como entidade não. Eu recebo todos os políticos, olha só não veio aqui o Maluf (RISOS). O Pitta também não veio, mas marcamos uma audiência e ele recebeu nós, a esposa dele veio aqui e a gente recebeu ela muito bem, antes deles brigar (RISOS). Já veio o Geraldo Alckmin, foi recebido muito bem. O prefeito José Serra veio também. O presidente da república, o Lula, veio aqui. Eu tenho minha simpatia, o que eu acho melhor, melhor para o nosso país.

Agora a UNAS não pode ter isso. A UNAS tem que respeitar aquele que está lá no poder e tem que lutar por políticas públicas independente de quem está no poder. Eu faço parte, milito num partido político e este partido está no poder, então a UNAS não pode bater lá porque é o meu partido? Está errado! Isso nós aprendemos, mas no começo era difícil. Eu lembro, por exemplo, que nós fizemos a campanha para a Erundina e quando ela ganhou, nossa. Eu tinha uma amizade com ela, quando era vereadora. Ela que criou o MUF, o Movimento Unificado de Favelas, a questão da luz e da água, conquista nossa quando ela era vereadora. Que mulher, né. Ela dava um banho enquanto assistente social e que chegou a ser a primeira prefeita da maior cidade da América Latina. Nordestina, paraibana, nossa, eu fiquei muito feliz com isso, dela ganhar. Naquele momento, a gente só começou a bater no terceiro ano do mandato dela, é daí pra frente. Até o terceiro ano a gente tinha dúvida. Não, imagina, a cidade é muito grande, nós também somos vidraça. Não, não somos vidraça não. Nós ajudamos a eleger ela

porque ela tinha programa de governo, agora tem que cumprir, se não tá cumprindo vamos lá, que a vidraça tá lá. E outra, as necessidades, as demandas da comunidade nós temos que levar, independente de quem tá lá. Pelo contrário, aqueles que nós apoiamos é que tem que levar mais pedrada, pra fazer as coisas dar certo (RISOS). É, a lógica tem que ser essa. A UNAS, enquanto entidade não, não teve nenhum material da campanha presidencial. Eu, João Miranda, eu votei no Lula. Em nenhum momento saiu um material “A UNAS apóia o Lula” ou “A Diretoria da UNAS está pedindo voto”, não, não fizemos, não pode. A UNAS está aqui e tem que receber todo mundo e todos sabem. Os políticos, os outros prefeitos sabem de nossa posição mais à esquerda, né. Temos mesmo, mas eles respeitam a gente. O vereador Wilian Wo, do PSDB, é amigo da gente, é um amigo da UNAS, é um parceiro da UNAS. A General Motors é uma parceira da UNAS, sabe do trabalho da gente, então é assim, são várias posições. Você está entendendo? Essas parcerias é para o desenvolvimento da comunidade. Precisamos, né, se não a gente fica falando da necessidade da distribuição de renda e nunca vai ter. Agora se a gente não trabalhar essa questão da sensibilização, de trazer o conhecimento das universidades para a periferia. A USP deveria está presente nas favelas, na questão da arquitetura. Nós não temos um arquiteto pra defender um projeto nosso. Hoje temos o Ruy Otake, nossa, só a presença, só o nome dele é bom, hoje temos, mas não tinha. Já há vinte e cinco anos a gente vem lutando. Aqui vem o arquiteto da prefeitura, mas ele defende os projetos da prefeitura. Ele não vai defender o projeto que a gente quer. Por exemplo, teve uma época que a prefeitura queria abrir uma avenida da Estrada das Lágrimas até o Hospital Heliópolis, doze metros de largura bem no meio da favela. Eu disse, mas pra quê? É

porque marca, fica bonito, aí vai virar um bairro oficial. E eu pensei, pensei, quantas famílias vai mexer? Umas 1800 famílias. Não precisa, não tem necessidade disso não. A cidade São Paulo tem tantas ruas estreitas, tantas vielinhas. A rua pode ser torta, o que não pode ser torta é a cabeça de quem tá morando nela. Você está entendendo? O importante é cabeça das pessoas. De não saber seus direitos, das suas obrigações pra com sua comunidade. Essa palavra “comunidade” é tão grande dentro da gente, que muita das vezes a gente faz reunião com o povo, e aí um tempo atrás, a gente as lideranças falava meia hora, quarenta minutos e o povo ia embora. E eu ficava pensando, ai meu Deus, quantas pessoas aceitava tudo. Em época de campanha, o povo dizia “ô, João Miranda, quem você apoiar tá comigo, pode falar que eu voto”. E eu pensava, será que o trabalho da gente tá certo. Você está entendendo? É todo um aprendizado. Hoje eu fico triste quando passa o pessoal por mim e fala “quem você tá apoiando?” se eu falo ele vai votar, sem pensar. Vai que eu me vendesse pra outros que tem interesse só de chupar e a miséria continuar a mesma. É isso que acontece em nosso país. Você imagina? Nós temos que desenvolver um trabalho pra que essas pessoas tenha consciência. Mesmo que eu entregar um papelzinho de um candidato que eu acredito, a pessoa diga “não, já tenho o meu, e é esse mesmo” e eu digo mas por que, e ele responde por isso e por aquilo outro. Você está entendendo? Por exemplo, já ouvi pessoa falar do Geraldo Alckmin do governo, que ele está fazendo um bom governo, como já ouvi falar do Suplicy, do Mercadante. Suplicy passou três dias aqui, terminou o último livro dele aqui, uma pessoa que virou amigo da gente. Ele está acima das siglas partidárias. É como o William Wo, também, pra nós está acima da sigla partidária e ele é do PSDB, não tem problema, é companheiro nosso e

ele admira nosso trabalho. Teve eleição para o Conselho Tutelar, o Willian Wo chegou e falou "ô João, apoiei umas candidatas, mas minhas candidatas não ganhou vocês são fogo mesmo, ganhou os cinco candidatos de vocês". O mais votado de São Paulo foi nosso Conselho Tutelar. Então é isso, é desenvolver um trabalho que a gente acredita, não tem mágica pra isso, tem que buscar mesmo. Então tinha um tempo que me sentia feliz, nossa, eu sou um representante de fato, porque o povo chegava pra mim e dizia eu vou votar em quem você vai votar, e eu ficava contente. E depois comecei a pensar: está errado! Estão mudando do antigo coronel para o João Miranda. A política não pode ser a mesma. Hoje, o pessoal daqui chega pra gente e fala "o negócio agora tá bom: tem telecentro, tem alfabetização, tem advogado pra atender, tem biblioteca, tem trabalho na área dos adolescentes". E eu digo: é conquista nossa, sua também, é de toda a comunidade. Aproveito o momento e digo: dá pra você ir à reunião da Eletropaulo? E ele vai. Se aparecer alguém importante na sua casa, articula, não precisa eu ir lá. Foi assim que comecei, assim que tem que ser mesmo pela situação, pela necessidade, pela falta do poder público. Eu moro aqui há vinte e cinco anos, sei cada rua, cada viela. Minha cabeça tem um projeto, mas será que esse projeto a pessoa que mora na viela quer? Eu só vou saber a hora que eu sentar com eles. E mesmo eu sabendo que ele quer eu tenho que sentar com eles pra que eles se comprometam, também. Outra coisa, botaram uns nome de rua aqui pra cima tudo italiano. Não tenho nada contra os nome estrangeiro mas tinha que perguntar pra comunidade e não colocar esses. É preciso trabalhar em equipe. É importante, também, ter psicólogo, pra acompanhar. Cada um é cada um, cada ser humano é um ser humano, né. Um pode ter mais firmeza do que o outro, demora ter um

desgaste. E a questão da psicologia que tem uma análise dessas pessoas que trabalham com criança em situação de risco, adolescente, é importante. Eu vejo que esses às vezes ficam cansados, desgastados, não é fácil trabalhar com menino da rua, que foi preso que estão com L.A.- Liberdade Assistida. Aí tem que arrumar vaga na escola, o juiz pede, mas o menino não quer, aí tem que fazer relatório pra mandar pro Juiz. Não é fácil, é toda uma coisa que corta o coração. Aí ficam pensando em diminuir a idade penal pra dezesseis anos. E não pensam que ninguém quer matar, ninguém quer roubar ou morrer. Quando se entra nessa vida é porque tem toda uma família desestruturada, ta esquecido no mundo, tem menino que acha que nem é gente, não tem mais prazer de viver, entendeu. Isso tudo não está certo. Mas preciso abordar as causas que levam a tudo isso. Então, eu acho que psicólogo tem um trabalho importantíssimo, pra que a gente tenha mais clareza dos problemas, se prepare melhor. Eu mesmo aqui, minha fuga sabe qual é? É limpar mato, num sitiozinho que nós tem, aqui perto de Ibiúna. Aí nós vamos pra lá e eu fico trabalhando na enxada, estou com a mão cheia de calo, começo a suar, é uma terapia. Mas de repente eu preciso de uma outra pessoa. Eu vou falar com quem os meus problemas profissionais, pessoais, com quem? A equipe precisa ser bem cuidada.

Finalizando, Valdir, eu estou contente, porque você está fazendo um trabalho e vem procurar a gente da UNAS. Espero que a gente tenha contribuído com você no seu trabalho, pra que você contribua com outro, com outro e com outro, viu. Que essa mensagem que você leva, se você acredita no nosso trabalho, porque não é todo psicólogo que acredita, tem várias linhas. Como tem na psicologia, também tem na pedagogia, na medicina, enfim. Pode ter muitas linhas, não tem problema. Uma coisa que não pode perder: é exercer,

exercer e exercer a cidadania. Obrigado.

## **Cleide**

Local da entrevista: Sede da UNAS, Favela Heliópolis.

Ocupamos uma sala com uma pequena estante, uma mesa redonda com quatro cadeiras, onde nos sentamos.

ENTREVISTADOR:

A senhora poderia nos falar qual tem sido a sua participação na UNAS?

CLEIDE:

Hoje, sou tesoureira geral da UNAS, eu faço aquela parte de prestação de contas, concilio as contas. Coordeno o projeto Parceiros da Criança, na parte administrativa, o dia-a-dia do projeto. Eu milito na área da moradia. São essas as três funções que eu tenho na UNAS hoje. Eu comecei em 1984 na UNAS, na verdade não era UNAS ainda, começamos como Comissão de Moradores. Eu morava em um dos trechos, o trecho que começou a comunidade. Eu vim pra cá foi em 1971, da favela da Vila Prudente, com 6 anos de idade, fui morar nos alojamentos montados pela prefeitura. Na verdade aqui não tinha nada, foi a prefeitura que trouxe a gente falando que ia ser um alojamento provisório, que nós íamos ficar por 90 dias, um pouco mais. O alojamento está aí lotado até hoje, uma coisa horrorosa. No alojamento o banheiro era coletivo, lavar roupa, tomar banho, tudo coletivo. Eu fui crescendo naquela situação, imagina, uma única parede de tábua dividia um barraco do outro, uma mesma tábua. Eu pensava: não é justo eu não ter uma casa. Eu fui crescendo e a comunidade foi crescendo junto, o espaço foi sendo ocupado. Meus pais tinham aquela visão de respeitar, eles falavam “não nós não vamos invadir o que não nos pertence”. Havia tanta terra vazia... Não, a gente acreditava que estava ali provisoriamente, que a prefeitura ia vir e dar uma casa pra gente. A comunidade foi crescendo e aquele alojamento foi permanecendo e eram 102 famílias. Eu fui crescendo com aquela idéia de que eu tinha que ter uma casa, não me conformava em morar naquelas condições. Eu fiquei sabendo que tinha esse pessoal que estava se organizando porque a policia queria tirar as pessoas que moravam.

Eu comecei participar porque eu pensava que assim eu teria chance de ter uma casa. Eu pensava, mesmo trabalhando eu não tinha dinheiro pra comprar uma casa, então eu tinha que conseguir a casa ali. Eu pensava: é através da luta que eu vou conseguir minha casa... Foi assim que comecei a participar da Comissão de Moradores, né. Eram dez núcleos, dez pessoas que representariam os locais. Teve uma assembléia lá embaixo na rua Coronel Silva Castro e a proposta era: nós temos que se unir, porque se eles tirar alguém daqui vai tirar todo mundo. Pronto, eu pensei, vou me juntar com esse pessoal. Eu lembro que no dia já levantei a mão e disse eu quero ser uma representante. Só tinha 17 anos, mas participava do Grupo de Jovens da Igreja. A Pastoral da Igreja Católica estava muito próxima, era o tempo das Comunidades de Base, CEBs né. Eu dizia, eu quero minha casa e todos aqui vão conseguir sua casa. Então foi assim que eu entrei, com a vontade de conseguir minha casa. Em 1992 fui participar de um mutirão, então consegui minha casa, dez anos depois. Era complicada a situação. Tinha uma parte que era de barracos de favela. Outra parte era área vazia que o povo estava ocupando. E aí já se fazia uma negociação com a prefeitura pra se ter um projeto de urbanização aqui dentro. Isso em 1986 a gente já brigava por isso com Jânio Quadros. A gente queria um projeto e a legalização. Tinha uns campos de futebol, várzea né, o prefeito Jânio Quadros trouxe a proposta que se o Movimento de Moradia permitisse que ele fizesse prédio para a classe média ele faria umas casinhas aqui dentro, abriria espaço para mutirão. Então foram divididas as áreas que estavam vazias, uma parte ficou com a prefeitura e a outra parte era para fazer habitação. A gente foi discutindo, foi aparecendo mutirão, as próprias casinhas que o Jânio fez na época. Essas discussões continuaram na época

da Luisa Erundina. A gente discutia o que estava faltando, se era água, esgoto e partia para a reivindicação. Houve então necessidade de fundar a UNAS. A UNAS a gente fundou em 1990, eu acho. Por que a gente funda a UNAS? Porque aqui dentro já tinha outras associações e elas sempre ficavam com o governo que dava algumas benfeitorias que não resolvia o problema da população e essas associações defendia o que o governo queria e não o que o povo queria. Quando tinha as reuniões aparecia todo mundo, nas votações nosso voto quase não valia nada, representávamos muita gente mas valia um voto, você está entendendo? Na verdade eram várias associações que representavam pouca gente e cada uma valia um voto. Chegou uma hora que o Jânio nem aceitava nosso voto porque não éramos uma entidade registrada. O poder público não reconhecia a gente mais. O poder público é que nos obrigou a sentar e fazer um estatuto. Então a gente discutiu como ia fazer. Nessa época eu era presidente de uma associação do local que eu morava. Então nós pensamos, vamos fundar uma entidade que reúna as associações que são combativas, que não dizem amém a tudo que é proposta dos governos. O José Geraldo era presidente de uma outra associação. Então juntamos, por isso o nome União de Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco. A idéia era fazer um tipo de CUT, mas aqui dentro para que a representação continuasse por núcleos, da base mesmo. A gente só pensava na moradia, mas com o tempo, 1996, a gente foi entendendo que não era só a moradia, nós precisávamos de espaço comunitário, lazer, educação, enfim. O que a gente tinha? Essas sedes que a gente tem, como aqui por exemplo, era o local onde se rezava a missa, um espaço comunitário. Ninguém imaginava que se ia chegar a cem mil habitantes. Em

1990, aqui tinha três mil famílias e era muita área vazia. Se nós tivéssemos, naquela época, a visão que temos hoje de que a moradia é um todo, aqui estava uma beleza, a gente tinha transformado as áreas vazias em espaço comunitário. Mas não parecia necessidade, a luta era por moradia. A gente lutava pela necessidade básica que era a moradia. O que estava acontecendo? A classe social daqui era o pessoal que estava perdendo o emprego, que não estava conseguindo pagar o aluguel. Só depois que o pessoal começou a pensar no lazer e nas outras coisas. Você só pensa nessas outras coisas depois que você tem o mais básico, a casa. Em 1996 a gente percebe que não é bem por aí. O que acontece? Começa a chegar a droga na comunidade, não tinha isso aqui antes. Não se sabe como se deu isso. Nessas comunidades pobres da periferia, como a nossa, o que a gente tinha? A gente tinha, naquela época, era ladrão, mas ladrão grande, tinha os matadores, mas não tinha droga, “o cara da boca”, não tinha isso. Não se ouvia falar em cocaína, era uma coisa cara, nosso povo não tinha dinheiro pra isso. Em 96 a gente começa a perceber que estava perdendo os meninos pro tráfico, perdendo os meninos para a violência. O crime começa a ficar uma coisa banal. Começamos a pensar em projetos educacionais, em contatos com a prefeitura para poder tornar nossos espaços em espaços educativos. Foi o momento do “grande ponta-pé”, continuamos com a moradia, mas não como bandeira única. Passamos a ver a questão como um todo. Nós tínhamos, no início uma reunião quinzenal o grupo todo, todos os núcleos, sentava e mensalmente cada núcleo se reunia.

ENTREVISTADOR:

Como era a relação de vocês com a Igreja?

CLEIDE:

Até 96, 97 não tinha separação entre Igreja e comunidade, a gente era junto com eles, era uma coisa só. A gente até falava: a luta casa com a fé, a luta sem fé não é nada. Por exemplo, essas manifestações de rua, saía na frente a cruz, íamos cantando e rezando. A última vez que teve a Igreja junto foi na época do Maluf, de 93 a 96. No início a favela era como que dividida: a parte de cima era ligada a Paróquia São João Clímaco e a parte de baixo era ligada a Paróquia Santa Edwige. Depois, em 92 criou uma pastoral própria aqui dentro, então nem ficou ligada a Santa Edwiges, nem a São João Clímaco. E assim ficou até, mais ou menos, 2004 e ficou tudo ligado a Santa Edwige. Mas eles largaram a luta, é uma pena... A UNAS é totalmente desvinculada da Igreja, foi naquele período da teologia da libertação. Eu vejo que a UNAS a partir de 1996, mais ou menos, teve essa visão do todo, uma visão social mesmo. Esse entendimento de buscar as parcerias, foi quando nós decidimos pela nossa missão, a questão de melhorar a qualidade de vida da nossa comunidade, então desenvolvemos os projetos.

ENTREVISTADOR:

Como vocês encaminharam o pessoal para dirigir cada projeto?

CLEIDE:

Quando a gente começou foi assim: a gente tinha os projetos que ia começando e os que iam trabalhar neles tinha que continuar militando, ou na moradia, ou na saúde, ou fazendo formação dos grupos. Assim ia-se fomentando e formando outras pessoas para outros projetos. Apareceu um projeto novo? Ó!, o fulano está preparado, vai ele pra lá. Vamos preparando outros e assim sempre tem gente nova assumindo trabalhos novos. Hoje a

gente tem mais a preocupação de estar preparando gente, antes era inconsciente. Hoje a gente já acha que tem que ter os cursos, umas etapas de formação. Antes não, você ta junto, ta ouvindo e ta entendendo e vamos lá. Agora a gente está vendo que não é bem assim, precisa de uma preparação, precisa de um tempo para a pessoa ter esse entendimento de um todo, dos objetivos.

ENTREVISTADOR:

Qual é a participação da comunidade, do povo da favela?

CLEIDE:

Eu sinto assim, quando tem um evento que vai tocar a comunidade, por exemplo, a eleição do Conselho Tutelar ou do Conselho Municipal de Saúde, são coisas importantes para a comunidade inteira. Ter representante é importante, a gente precisa médico no posto, nós temos três postos de saúde. As pessoas que estão nos projetos, que estão mais próximas, entendem isso porque nós estamos conscientizando. Eles vem para votar. Na região do Ipiranga nós fizemos o Conselho Tutelar. Você está entendendo? É um trabalho de cidadania que nós fazemos. É assim, eles participam, outro exemplo é essa questão, agora, da Eletropaulo que toca a todos aí vem muito mais gente ainda. Dependendo do evento, da necessidade, a mobilização é maior ou menor. A gente conta mais com as pessoas que estão de alguma forma ligadas aos nossos projetos, porque a gente reúne de dois em dois meses e a gente fala, procura formar para a cidadania. A gente sabe que não consegue formar os cento e vinte mil moradores de Heliópolis, não consegue. Mas a gente atinge muitas pessoas.

Temos também a rádio que é para informar a comunidade. Tem o jornal que também é distribuído três mil cada vez, três vezes por ano. E é assim.

ENTREVISTADOR:

Como é a relação da UNAS com os políticos?

CLEIDE:

Quando a gente começou, como Comissão de Moradores, mesmo quando a gente fundou a UNAS, a gente tinha uma posição mais ligada ao PT. Mas sempre tivemos autonomia, a gente não está ligado a um político, não.

Quando chega a época de eleição, por exemplo, quando organizamos um seminário sobre habitação, a gente convidou os vereadores: William Wo do PSDB, Beto Custódio do PT, Dalto Silvano do PSDB, Chico Macena do PT, Dissey do PFL. Nos não somos curral do PT, nem do PSDB ou outro partido.

E o seminário era: Como você vereador pode nos ajudar aqui pra gente ter nossa legalização? E como está na época de votar o orçamento, no que você vereador pode ajudar pra gente ter quarenta milhões para urbanizar Heliópolis? A gente não quer que as pessoas recebam um papel de legalização e as coisas fiquem do jeito que está. Nós queremos melhorar a qualidade de vida da população. A gente conseguiu trazer aqui o Secretário de Assistência e Desenvolvimento Social. Trouxemos, também, o Secretário de Educação. Estes dois são do PSDB. Trouxemos o Lula que veio com alguns ministros. Se você está no poder, não importa o partido que você é, tem que fazer as coisas para o povo. Não é no sentido de favor, não, eles tem verba pra isso, é o dinheiro de todo mundo, imposto de todos nós.

ENTREVISTADOR:

Como você concilia essa intensa atividade na UNAS com sua vida familiar?

CLEIDE:

Eu sou casada, tenho uma filha de 13 anos e um menino de 4 anos. Eu fui ter minha filha com 28 anos, então dos 18 até os 28 só tinha eu meu marido em casa. Com ele nunca tive problemas. Porque sempre ficou claro que no casamento são duas pessoas, mas cada uma tem sua vida. Quando minha filha nasceu, eu trabalhava numa empresa, então eu militava à noite, de sábado e domingo. Quando ela nasceu eu falei: puxa não vai dar mais, vou estar na empresa o dia todo e à noite como é que vou para as reuniões.

Então fiquei "liberada", a gente chama de liberada quem fica disponível para a entidade. Por isso fiquei responsável por um projeto e o salário vem pelo trabalho que eu faço nesse projeto. Então fiquei liberada pela UNAS, foi isso que aconteceu. Eu que trabalhava como contadora numa empresa, larguei para ficar só na UNAS. Na verdade até hoje minha filha, muitas vezes ela chora e fala: olha mãe eu ficava arrumada lá esperando você chegar na festa tal, tal e tal, e você não vinha. Agora tem reunião na escola do Gabriel e ela fala: mãe vai na reunião do Gabriel, porque a coisa que eu mais queria era ver você chegar nas minhas reuniões e falar pra mim que legal você está indo muito bem, e você nunca chegava. Até hoje ela reclama disso, e com razão. Eu frustrava ela demais, nossa... Isso eu não consegui, se eu falar pra você que consegui, não é verdade. Eu falo para ela, hoje: o problema é o seguinte se eu estou com você eu estou com você. No mês eu tiro dois domingos que eu não assumo nada, fico só pra família, já estou conseguindo trabalhar isso. Isso demorou, estou conseguindo fazer isso depois do segundo filho. Ela já me falou tanto isso, ela que me dá um toque do que eu fiz com ela. Na UNAS não é como na empresa. Não tem hora. Hoje fico

avaliando, se a Rafaela faz essas cobranças significa que eu não consegui. Eu chegava meia-noite ela já estava dormindo e tantos outros transtornos. Quando o Gabriel nasceu, ela começou a me falar isso “mãe, olha isso... e não sei o que”. Hoje em dia o que eu faço? Tiro os dois domingos e os dois sábados, mas não os sábados dos mesmos domingos. E na semana, eu reservo uns dois dias que eu chego cedo. É assim que eu estou trabalhando, procuro ir na reunião dele. Tenho tentado trabalhar isso, mas eu sinto que nessa parte deixei a desejar, tanto da Rafaela como do Rafael. Ele fica na creche e ele me cobra, “mãe, mas hoje não é o dia que você vai me buscar?”. E as vezes não dá. A Rafaela que acaba ficando com ele. Quando era a minha filha era as vizinhas que cuidava, eu tive essa sorte de vizinhos que me ajudavam. Ela tinha todas as meninas das vizinhas, que na época tinham dez, doze anos, elas que cuidavam dela pra mim. Meu marido também trabalhava, trabalhou das duas às dez e um outro período trabalhou das seis à duas. Ele sempre trabalhou alternando. Então, no período que ele estava em casa ele ficava com ela. E ela não ficou em creche porque ela teve um problema na bacia e ficou um período enfaixada. Quando eu consegui por ela na escolinha ela já tinha três anos. Eu acho que não consegui. Estou tentando hoje me organizar melhor, mas sempre misturou muito. Eu sempre dei mais prioridade para as questões da comunidade. Hoje em dia, falando pra você que é psicólogo, eu tenho revisto muito isto, fiz terapia há uns dois anos atrás e isso me ajudou a perceber.

ENTREVISTADOR:

Seu marido militava com você?

CLEIDE:

Não. Ele não é contra, é neutro. Ele fala assim: você quer viver desse jeito? Então se vira! Ele parece que pegou pavor... Quando teve mutirão, ele ia trabalhava, eu também pegava no batente. Mas ele diz: eu não tenho paciência pra ficar em reunião. A gente fazia reunião com as equipes, sobretudo quando dava problema. Ele dizia: não dá pra ser desse jeito, não precisa sentar pra conversar. Nisso ele é muito diferente de mim. Eu sou muito coletiva e ele muito individual (RISOS). Ele sempre está pensando em estar sozinho com a família em algum lugar e eu em estar com todo mundo.

ENTREVISTADOR:

O que a UNAS significa para você, pessoalmente?

CLEIDE:

Acho que significa muito, a UNAS é uma missão para mim. Eu ajudei a construir. Eu vi a UNAS crescendo como se fosse uma plantinha que você plantou, adubou, regou e assim por diante. Quando a gente foi formular a missão eu estava junto, discutindo cada coisa, cada ponto. É assim que eu sinto a UNAS. Você imagina, tem mais de duzentas pessoas que trabalham na UNAS. E muitas delas não priorizam o coletivo, são mais do individual. A gente tem que mostrar para elas que aquela atividade que cada uma está fazendo é importante para aquele pai e para a comunidade. O cuidado com aquela criança, né. Você pode fazer aquela criança florir, mas pode também matá-la. Eu já passei por cada uma. Recebi todo tipo de ameaça. Mas o que me deixa arrasada mesmo é quando a gente perde uma pessoa, no sentido de que ela não está mais na missão com a gente. É como se arrancassem alguma coisa de dentro de mim. A UNAS, para mim não é uma empresa. É uma organização que eu ajudei a criar.

ENTREVISTADOR:

E se, por acaso, amanhã a UNAS deixasse de existir, o que você iria fazer?

CLEIDE:

Difícil né. Nunca pensei nisso. Eu acho que eu procuraria algum projeto, alguma coisa que fosse cuidar de excluído, pessoas de rua. Uma empresa eu não serviria pra trabalhar, digamos assim, não me encaixaria numa empresa. Eu ia atrás de algum projeto com idoso ou com morador de rua, com criança. Alguma coisa nesse sentido. Acho mais com o povo de rua, quando você me fez a pergunta, a primeira idéia que me veio foi trabalhar com moradores de rua. É procuraria sempre nessa linha, de incluir quem está excluído, não procuraria outra coisa não. Eu já fui muito ameaçada. É a gente contraria os interesses individuais, tem pessoas que compreendem, tem outras que não. A UNAS sempre foi assim: o que nós acreditamos, nós vamos defender e vamos em frente. Muitas vezes eu tive pessoas que me ameaçaram “vou te matar”. E eu ia cagando de medo, desculpa né. Mas eu ia. Nós tivemos aqui uma época difícil, uma briga entre quadrilhas. Até o Mário Covas, na época, teve que interceder, porque era tipo coisa assim, teve morador que morreu porque ligou para a delegacia. É, se você quisesse morrer era ligar lá para e denunciar um bandido daqui. A polícia estava associada com os bandidos daqui, precisou o governador interferir. Nesse período a gente tinha muito problema. Tinha caso que as famílias tinham que mudar, eram espancadas mesmo. Era uma guerra. Em nenhum momento nós desistimos. Eles não queriam deixar acontecer o projeto. Eles queriam ficar isolados e nós montamos dois projetos bem nas bocas do tráfico,

entendeu. Nós falávamos, nós vamos entrar lá. E o único jeito de entrar é com criança. Quer dizer, você acaba comprando muita briga. Aí, uma vez fiquei pensando, meu Deus, se eu puder, um dia eu sair daqui. Mas aí, eu pensava: vou pra onde? Não conseguia ver uma alternativa. Hoje eu já trabalho mais com isso, já consigo pensar outras possibilidades.

ENTREVISTADOR:

O que você pensa, espera para seus filhos?

CLEIDE:

Na verdade, eu economizo para investir na educação deles. Eu pago uma escola para ela, não é das melhores, mas eu pago uma escola para ela. Na minha cabeça é o seguinte: eu quero que eles estudem, eu quero que eles tenham uma perspectiva. Não quero que eles se tornem individualistas. Gostaria que ela e ele, também, usassem o estudo que tiverem para ajudar quem precisa. Por exemplo, se ela se formar médica, não ser uma médica de rico, mas uma médica que vá tratar num posto de saúde, entende o que eu estou querendo dizer? Eu preparo ela para isso, para que veja só o lado profissional, mas também o social. Que não seja para ela tão sofrido como foi para mim. Que ela consiga um emprego, que consiga se manter através da educação que ela tem. Pelo que eu fiz com ela, que ela fala, né, ela é mais individualista. Eu sinto assim, ela é individualista por fora, mas se chega alguém e fala assim “olha a minha situação está difícil e vai”, quando ela sai minha filha fala assim “mãe você precisa fazer alguma coisa”. Você percebe que o individualismo que ela quer aparentar, no fundo não é assim. O que eu espero dela e dele, também, é isso. Eu ficaria muito frustrada se eles se tornassem pessoas insensíveis para esse lado social

ENTREVISTADOR:

A senhora teria mais alguma coisa que, ainda, gostaria de falar?

CLEIDE:

Não. Acho que era isso mesmo. Está bem.

## **Manoel**

Local da entrevista: Um dos núcleos da UNAS, Núcleo Sócio-Educativo

Heliópolis.

Ocupamos a Sala de Leitura, ambiente rústico com estantes de livros e algumas almofadas no chão, onde nos sentamos.

ENTREVISTADOR:

O senhor poderia nos falar qual tem sido a sua participação na UNAS?

MANOEL:

Eu moro em Heliópolis há mais de dezesseis anos e participo da UNAS desde o começo, quando o presidente era o Miguel. Havia uma unidade, mas ocorreu uns fatos com o Miguel, aí nós achamos que o Miguel não nos representava mais. Então fomos falar com o Miguel. Tivemos uma eleição de massa com proporcionalidade, votava todo mundo da favela. Na época, era dezessete membro, nós fizemos onze e o Miguel fez seis. A cabeça dele era diferente, havia várias divergências. O Miguel era muito ligado a parlamentares do PT, a gente também era, só que havia discordância na maneira como devia ser as intervenções desses parlamentares. Aí a gente ganhou. Eu fui um dos que defendia a proporcionalidade, mas hoje é só os filiados que vota, até porque a legislação mudou e é obrigado ter associado. Eu comecei acompanhando a questão da moradia. A moradia é a minha principal área de atuação, onde é mais forte minha atuação hoje. A favela criou-se com esse problema da habitação, depois veio as demandas de água de luz e depois de infraestrutura. Aí a favela foi evoluindo e agente vai se deparando com outras demandas. Aí começamos a conversar na direção da UNAS que cada diretor ia acompanhar aquilo que, mais ou menos, era mais o perfil dele. Por exemplo eu faço parte da CMP - Central de Movimentos Populares e da União de Movimentos de Moradia. Qual que é o meu papel, então, é o de articulador político, não político partidário mas comunitário é o que a gente chama de Políticas Públicas e, ao mesmo tempo articular as outras associações pra que em determinados momentos a gente faça algo conjunto. A gente sabe que cada uma tem suas tarefas, suas demandas,

mas tem hora que a gente tem que fazer junto. Eu sou, também, o segundo tesoureiro, mas fico mais como articulador político mesmo. Nós tivemos dois atos nesse ano, eu ajudei a coordenar do começo ao fim, é o papel do articulador político. Aqui dentro do Heliópolis tem muitas associações e eu ajudo articular com todas elas. Por exemplo tem umas ruas que vai se oficializar, então tive reunião com as associações para escolher os nomes das ruas. A gente tem que conversar muito. Agora estou acompanhando os movimentos dos Sem Teto e dos Sem Creche. Tem vários Movimentos dos Sem Teto em São Paulo e dos Sem Creche. A gente está retomando as discussões sobre a moradia junto com a questão da luz, do telefone, das tarifas. Articulo os prédios, cada prédio tem um síndico que resolve as coisas de cada prédio, mas tem as questões de conjunto dos prédios. A minha atuação não é só aqui na favela e nem só no município eu trabalho a nível estadual, a CMP e a União é estadual. Eu faço parte, também do Movimento de Saúde. Teve um momento que fiz parte da executiva do PT zonal, Ipiranga, mas saí fora. A minha atuação ficou mais na articulação política da UNAS. Eu coordeno uma equipe que chama Políticas Públicas que tem umas sete pessoas. Toda segunda-feira faço reunião com o presidente, com os outros diretores e a gente tira as linhas de atuação. Tem coisa que um diretor acompanha mais de perto, mas tem outra que não de um é de todos. Por exemplo, a Caminhada da Paz, eu ajudei a organizar junto com todos. Eu sou membro da CMP - Centro de Movimentos Populares, porque eu acho que não adianta só ver o local, você tem que ver o todo. A gente está organizando um seminário nacional de favelas. Isso leva tempo, já fizemos muita articulação com pessoal de Sorocaba, Piracicaba, Santos, Praia Grande, como é coisa nacional a gente articula com o pessoal do Paraná, Rio

de Janeiro e outros Estados. Fui para o Rio Grande do Sul, quando teve o Fórum Internacional, participei de uma oficina. No Congresso Estadual fizemos uma reunião com mais de quarenta municípios para articular o Seminário Nacional de Favelas, pensando numa coisa maior. Cada favela está fazendo suas coisas, mas só que pontual. No tempo da Erundina a articulação era a nível de Estado, queremos fazer nacional, depois pensamos fazer até internacional. O nacional deve ser em São Paulo, porque é mais central pra todo mundo. Essa é minha atuação, aqui dentro e fora viajando muita das vezes.

ENTREVISTADOR:

O senhor trabalha para a UNAS em tempo integral? Como o senhor consegue seu sustento e de sua família?

MANOEL:

Eu não tenho outro trabalho, meu trabalho é esse mesmo. Eu tenho a ajuda de custo, não tenho tempo pra fazer outro trabalho. Desde seis anos pra cá, que sou liberado pra UNAS

ENTREVISTADOR:

Qual é a importância da UNAS em sua vida?

MANOEL:

Eu acho que a UNAS pra mim é minha segunda família, quer dizer nem sei se é segunda ou a primeira hoje. Porque eu estou mais com a UNAS do que com a mulher e os filhos. Eu amanheço o dia já pensando o que eu tenho

que fazer naquele dia e qual vai ser o primeiro passo. Eu tenho o planejamento do ano inteiro, mas muita das vezes é preciso fazer modificações. E nós já estamos chegando no final do ano, por isso precisamos acelerar algumas coisas. E depois tem aquele ditado que diz que o ano só começa depois do carnaval (RISOS), e atrapalhou certas coisas. Agora a gente ainda vai fazer um Seminário de Habitação, um de Saúde e um Seminário da Juventude.

ENTREVISTADOR:

Com tantos compromissos, como tem sido sua atenção para com sua família?

MANOEL:

A família eu vejo dormindo de manhã e de noite (RISOS). Quando estou em São Paulo vejo minha família de manhã e de noite. Sou casado tenho quatro filhos, tudo homem: doze anos, dez, seis, quatro e tudo na escola. De manhã a mulher leva pra escola e vai trabalhar, ela é empregada doméstica, de tarde ela pega eles e leva pra nossa casa.

ENTREVISTADOR:

Pessoalmente, o que a UNAS representa para o senhor?

MANOEL:

Eu ainda acredito que representa mudança. Eu quero a mudança, chega de injustiça. Já que a justiça é eterna, se for o caso de sacrificar a vida pra haver uma mudança, eu acho que nós estamos contribuindo. Uma prova é nossos projetos é nossas vidas. A gente tá direto se sacrificando, até em final de semana a gente vai fazer curso, vai fazer reunião, vai articular é

porque eu acredito numa mudança de rumo pra esse país. Não acredito na mudança de rumo, hoje, por parlamentares. Acredito que só a sociedade civil organizada é que é capaz de fazer essa mudança. Você vê o presidente Lula, fez aliança com a sociedade civil organizada e teve que fazer outra com os parlamentares pra ter apoio. Nos últimos sete anos a UNAS cresceu uma quantidade imensa. A demanda só cresce. Hoje a UNAS têm mais de trezentos funcionários. Nós temos que parar um pouco agora e dar uma balanceada. Nós somos mais um grupinho. Por um lado é bom, mas a responsabilidade cada dia aumenta. Nós temos que prestar contas pra sociedade. A gente foi eleito, tem compromisso, tem que fazer o melhor possível para que aquilo que foi proposto na assembleia, a gente dê conta daquilo tudo. A UNAS tem uma missão. Nós fomos eleitos pra mais quatro anos, então nós temos que dar resposta. Tem coisa que não depende só da gente, mas tem coisa que depende. Aquilo que depende só de nós, nós temos que fazer, porque é no compromisso que pode haver mudança.

ENTREVISTADOR:

Que tipo de mudança o senhor deseja?

MANOEL:

Nós temos vários desafios. Um deles é morar na maior favela de São Paulo que não é legalizada, e nem urbanizada. Essa é uma das lutas, urbanizar o que falta e legalizar toda ela. Canalizar esses córregos que tem aí. A saúde é outra luta. O sistema de Saúde do jeito que está, tá é doente. Quando se fala moradia, não é só uma porta um teto. E o desemprego? Quem tem quarenta anos hoje, não arruma trabalho mais. Nós temos desafios muito grandes. Aqui nessa favela muitos vivem na miséria absoluta. Não é pobre,

é abaixo da linha da pobreza. Quer dizer, são os excluídos dos excluídos. A gente não pode ver isso e ficar passivo: o ser humano não ter nem o que comer? O problema não é só daqui. É o sistema do Brasil todo. Não é isso que a gente quer para o nosso país. Enquanto a maioria não tem nada, 1% da população tem 45% das terras desse país. Enquanto milhões de pessoas não tiver onde morar, as favelas só têm que aumentar cada dia. O salário perde o valor e mesmo quem está empregado não consegue comprar tudo que precisa. Essa desigualdade social não é uma coisa que vai mudar de um dia pro outro. Mas a gente tem que lutar pra que diminua.

ENTREVISTADOR: Como é a participação da comunidade? As pessoas participam?

MANOEL:

A favela como um todo tem 120.000 habitantes. Se nós tivesse 120.000 pessoas participando... É difícil medir o grau de consciência das pessoas em geral. Não dá pra ter uma favela inteira organizada. Nós já tivemos muitas conquistas. Uma, por exemplo, é o despejo que ia ter nessa quadra em 1996, que nós barrou e depois, de lá pra cá, não teve nenhuma tentativa de despejo mais. Eles são muito puxado pelo momento, por problemas imediatos. Se hoje fizer uma reunião pra discutir a Eletropaulo e chamar duzentas pessoas, vem quinhentas, porque ta mexendo no bolso hoje. Se chamar para uma manifestação, os que estão morando na área de risco, com certeza vem. Agora ter o conhecimento do todo, aí só a liderança mesmo. O povo também quer mudança, mas não sabe por onde começar. É como eu falei, onde a dificuldade é maior, maior também é a dificuldade de entender. Está tão excluído que não vê possibilidade nenhuma. Como é que o povo ali

vai ter esperança? Na gestão do Maluf pegou fogo nos prédinhos da quadra H, aí ele levou as famílias para os alojamentos que era por seis meses e estão lá até hoje. Isso é de uma irresponsabilidade sem fim. O Maluf levou, mas o Pitta não fez nada e nem a Marta. Lá fizeram os banheiro do lado de fora para um monte de quarto. Eles não fazem isso para a mãe deles. A mulher que sai a noite pra ir ao banheiro é estuprada. Na favela já teve muita mudança numas partes. Mas em outras falta tudo. A favela é muito grande. Quando o relator da ONU veio aqui, ele visitou os pontos mais críticos da favela. Ele disse: aqui é a miséria da miséria... Quem mora na beira do córrego muita das vezes tem correr das ratazanas de tão grandes que elas são. Nessas condições o povo fica desencantado da vida e não tem nem coragem de ir atrás de seus direitos. Isso é muito triste... A marta passou esse tempo todo e fez alguma coisa, mas tanto dinheiro que gastou nesses CEUs, pra mim não tem serventia nenhuma, isso não promove mudança. Se fosse tão bom, como ela fala, ela tinha ganhado a eleição.

ENTREVISTADOR:

O que o senhor espera dos governos?

MANOEL:

Eu esperava que esse governo federal fosse melhor. Não é só pela corrupção, mas a política econômica não mudou. Esse Fome Zero é um negócio que não acreditei desde o começo. Eu acho que o governo deveria tomar medidas para que os Movimentos organizados da sociedade ficassem mais próximos dele. Foram nós, os movimentos organizados desse país, que elegemos o Lula. Foi os Movimentos dos Sem Terra, dos Sem Teto, dos Sem Nada que botou ele lá. Se você olha as alianças que foram feitas... Só

poderia dar no que deu. Eu sempre costumo dizer que esse tipo de aliança acaba ficando num preço muito caro. Eu estou decepcionado, mas eu ainda acho que tem uns políticos sérios. O problema que no congresso nacional precisa ter maioria. Eu conheço político que tem projeto bom, mas não consegue nem ler o projeto no plenário. Quem é do baixo-clero passa os quatro anos lá e não consegue aprovar nenhum projeto. Aqui na favela, na UNAS, gente tem relações com todos os políticos. Mas temos uma relação muito boa com o Mercadante, com o Suplicy, com José Eduardo Martins Cardoso e outros. E do município com Chico Mancini, com a Soninha e com outros vereadores e deputados estaduais não só do PT. Nós não acreditamos muito neles mas, por outro lado, é uma ponte, tem sua importância.

ENTREVISTADOR:

Existem ligações com a Igreja?

MANOEL:

A formação da maioria daqui foi na Igreja Católica. Eu acredito que a Igreja contribuiu muito, mas tem setores da Igreja que não ajuda em nada, mas tem padres progressistas, hoje são a minoria, mas tem. Teve padre aqui da paróquia Santa Edwiges que trabalhou muito com a gente, mas teve um, em 96, que expulsaram ele daqui. Também todo mundo resistindo ao despejo e ele com a bíblia na mão dizendo vão embora. Eu não acredito num Deus desse. Depois veio outros padres com a maior boa vontade. No início da UNAS, teve padres e freiras com muita boa vontade, Frei Sergio teve uma participação muito boa e outros padres e outras irmãs. Hoje está menos. Hoje, aqui na favela, tem mais igrejas do que botecos. Eu costumo

dizer que cada dia nasce uma igreja dessas evangélicas. Nosso povo é muito religioso. As igrejas estão sempre cheias, as evangélicas e as católicas. Eu acho que sou espírita. Eu acredito que a gente não está aqui à toa, mas tem uma missão e que o nosso corpo passa dessa vida pra uma outra.

ENTREVISTADOR:

O senhor pretende um dia sair daqui da favela?

MANOEL:

Se eu tivesse visto isso realizado e tivesse condições de mudar daqui, eu ia para Rondônia ou pra Goiás. Eu já morei em Goiás e fiquei uma temporada em Rondônia, mas como diarista, só ganhava pra sobreviver. Assim não volto não! Se eu tivesse condições de comprar uma terra e levar a mulher e os filhos. Eu queria muito ir pra lá, mas quanto mais o tempo passa mais vai ficando difícil, por causa dos filhos. Se eu fosse hoje, ia ser mais fácil, porque os filhos são crianças. Mas eles crescendo, não sei a reação deles, porque nasceram aqui, cresceram aqui. Só se esperar um pouco mais, eles grandes, maior de idade, ficam por aqui mesmo. Se eu tivesse condições, hoje, de comprar a terra e me manter lá pelo menos por um ano, até que a terra começasse a produzir, aí sim. Mas pode ser que daqui um tempo eu mesmo mude de idéia e não querer ir mais.

ENTREVISTADOR:

O que o senhor quer para seus filhos?

MANOEL:

Eu quero que eles estudem. Meu investimento neles é pra que lês estudem. A principal coisa pra eles, no momento, é estudar. Minha mulher pensa a

mesma coisa. Nós não teve oportunidade de estudar, eles têm, não quero que passem o que eu passei.

ENTREVISTADOR:

Se a UNAS deixasse de existir, hoje, o que o senhor faria?

MANOEL:

Eu sou pintor profissional. Eu ainda tenho um sonho, que um dia vai reabri o garimpo. Eu voltaria para os garimpo se abrisse, apesar de todo o sofrimento que tive lá, mas eu voltaria. Não sei se a mulher ia querer ir junto (RISOS).

Acho que ela ia querer ficar com os meninos. Acho que meu sonho é isolado... A UNAS não vai acabar, nós é que vamos. É preciso novas lideranças. Não é tão fácil formar lideranças, hoje o nosso investimento em pessoas é muito grande, não é de uma hora para outra que as pessoas compreendem. Ser liderança pode ter alguns benefícios mas é muito sacrifício, a história mostra isso. As pessoas acham muito bonito, mas põe elas dois ou três final de semana fora de casa e elas dizem que não é isso que elas querem para a vida delas. A gente ouve muito “vocês estão loucos, completamente pirados”. É uma opção de vida, e tem que ser uma opção muito séria... Já são três fim de semana que eu não passo em casa. Isso tem um preço e não são muitos que querem pagar.

ENTREVISTADOR:

Qual sua opinião sobre o empresariado de hoje?

MANOEL:

Eles mudaram um pouco a cabeça, mas não porque são bonzinhos. Nós temos aqui parcerias com Rexon, Sabão OMO, General Motors e outras. Eles ganham muito mais com nós, do que nós com eles. Eles descontam no imposto de renda, faz propaganda. Mas já avançaram e nós estamos de portas abertas para outras empresas, isso não dá nó em nossas cabeças não. Se o Estado não faz, do jeito que tá é que não pode ficar. Só aqui neste núcleo, a gente atende seiscentas crianças. Sem contar que isso também melhora a qualidade de vida. Nós atendemos mais de três mil crianças e adolescentes em nossos equipamentos. Se eles estivessem nas ruas? Nós temos uma missão. Quando o Estado se omite nas políticas públicas, nós temos que buscar soluções. Gostaria que o Estado fizesse, mas não faz e privatizando tudo a gente não tem nada a ganhar. Nós só tem a perder com as privatizações e só isso os tucanos fizeram nos últimos doze anos.

ENTREVISTADOR:

Em alguns lugares, dizem que se o Estado não faz, os traficantes fazem.

MANOEL:

Nunca vi eles fazer nada pra ninguém, não. Talvez no Rio de Janeiro isso aconteça, aqui não. Aqui eles não ajudam e nem atrapalham. Nós também não atrapalha eles. Os filhos deles acabam usando nossos equipamentos.

ENTREVISTADOR:

O senhor gostaria de dizer mais alguma coisa, nesta entrevista?

MANOEL:

Não, pra mim está bem. Esta é nossa missão e o nosso trabalho. Como a

gente sempre diz: a luta continua.

## **Geraldo**

Local da entrevista: Sede da UNAS, Favela Heliópolis.

Ocupamos uma sala com uma pequena estante, uma mesa redonda com quatro cadeiras, onde nos sentamos.

ENTREVISTADOR:

O senhor poderia nos falar qual tem sido a sua participação na UNAS?

GERALDO:

Eu sou secretário geral da UNAS. Eu trabalho na parte de coordenação de projetos. Proponho parcerias às empresas e pessoas. Eu faço captação de recursos. A gente administra e monitora os projetos que estão em andamento. Estou na UNAS há uns vinte anos. Eu morava num bairro e vim para cá porque casei, mas não tinha onde morar. Eu vim pra cá com meu sogro, ocupamos, quer dizer, ele que ocupou o terreno e me deu metade. Eu era bancário. Na época, tinha uns 19 anos e trabalhava de caixa no banco, agora tenho 40 anos. Naquela época eram poucas pessoas. Não tinha luz, não tinha água, não tinha asfalto. Já tinha uma luta pelos direitos, nem era, ainda, pelo direito a moradia, a gente lutava para ter luz e depois água. A gente achava que já tinha moradia. Depois, a gente começou a lutar por construção de casa e asfalto. Agora nós estamos lutando mais pela educação, né. No início não era UNAS, mas Comissão de Moradores. Foi na gestão do Jânio que nós fundamos a UNAS porque o prefeito exigiu. Não foi uma decisão nossa, ele só recebia entidade. Como a gente negociava com a COHAB, aí eles forçaram nós a formar uma entidade. Então, eu e a Cleide que tínhamos maior escolaridade o pessoal colocou a gente nos cargos, eu o secretário e ela tesoureira. O presidente sempre foi uma pessoa da base mesmo.

ENTREVISTADOR:

O senhor e a Cleide não eram da base?

GERALDO:

Era. O que eu quis dizer é o pessoal que veio do nordeste, o pessoal mais velho. A Comissão era bastante pessoas, quando institucionalizou começou a peneirar, né. Aí, começou a ter racha. Quando a gente formalizou a UNAS, a gente começou a se organizar como entidade mesmo, a fazer convênios, parcerias, começou a se profissionalizar, entendeu. Eu precisei sair do banco, o padre da Paróquia Santa Edwiges passou a me pagar um salário, o mesmo que recebia no banco, pra eu ficar direto na favela. Eu fiquei, o que a gente chama de “liberado”. O padre fez um projeto para a Holanda. O dinheiro vinha da Igreja da Holanda e o padre pagava. Até hoje a gente faz assim: se você sai da fábrica pra militar aqui, você vai ganhar a mesma coisa que você ganhava lá. Hoje a gente é autônomo, não está mais ligado à Igreja. Uma das divergências entre o pessoal daquela época foi isso. Tinha gente que defendia atrelamento com partido político, outros com a Igreja e nossa chapa defendia autonomia. Autonomia de fazer as coisas com as nossas próprias pernas. Na eleição a questão de fundo era essa. Tinha padre e, também, parlamentar que defendia que a gente devia ser autônomo. Hoje a gente tem uma relação de parceria com a Igreja, mas eles não mandam mais na gente. Nessa nossa caminhada uma das principais dificuldades que a gente tem é essa questão do entendimento das pessoas. Tem mais de duzentas pessoas que trabalham na UNAS. A entidade cresceu muito rápido e não é todo mundo que entende bem. É diferente prestar um serviço, de lutar por uma causa. Isso é uma coisa que mistura muito na cabeça das pessoas. Eu acho que para caminharmos precisamos dos dois pés, isto é, de um lado a prestação de serviço, do outro a luta por uma causa. Eu acho que você tem que ter uma creche, por exemplo, mas os pais têm que lutar para ter novas creches, influenciar nas políticas públicas.

Esse é o risco que se corre: o de se tornar um mero prestador de serviço. Para o Estado é bom, quer dizer, nós assumirmos a responsabilidade que é dele. Por isso a gente tem uma política de formação, para que os novos que estão chegando possam entender como nasceu a UNAS e qual sua missão.

ENTREVISTADOR:

O senhor continua morando aqui em Heliópolis?

GERALDO:

Moro, sempre morei em Heliópolis. É uma filosofia nossa, permanecer na favela. Eu me separei da primeira mulher, depois ela morreu. Mudei para outra casa. Morei dez anos no Pan e moro na rua da Mina há dez anos. Heliópolis é dividida em 10 bairros, vamos dizer assim. Tenho 3 filhos. Uma de 19 anos, uma de 14 e um de 5. Eles nasceram aqui.

ENTREVISTADOR:

Como o senhor concilia suas atividades na UNAS com sua vida familiar?

GERALDO:

Minha mulher também é militante, mas com os filhos têm problema sim. Eles odeiam nossa militância. Não dá muito tempo para eles. É que a gente acaba fazendo uma opção de vida. Também o lazer e tudo, a gente não consegue desgrudar. É tudo junto, sempre se fala daquele assunto. A nova geração já tem mais problema, são menos militantes. O Movimento tem dado um corte com a juventude, quer dizer uma atenção especial para ela, pra trazer ela. As áreas de educação e de cultura têm trazido muitos jovens nos últimos cinco anos. É uma estratégia nossa também. É o que nós chamamos protagonismo juvenil: o exercício da cidadania, o combate do uso

de droga, através da juventude. Eles são os mais vulneráveis. O objetivo principal nosso é formar novas lideranças. Uma creche é também um centro de formação. Nós vamos pegando os que vão se formando aqui. Outra estratégia nossa é empregar as pessoas daqui. Nós temos jogado muito pesado para as pessoas fazerem faculdade. Nível superior, é até uma exigência, o pessoal tem que estudar. Eu comecei a faculdade, mas parei. A Cleide é formada em Ciências Contábeis.

ENTREVISTADOR:

E se, por acaso, amanhã a UNAS deixasse de existir, o que o senhor faria?

GERALDO:

Eu nem parei para pensar nisso (RISOS). Talvez eu montaria um escritório de consultoria nessa área do terceiro setor. Tem gente que está vivendo disso: montar projeto e captar recurso. Eu acho que nisso eu sou bom. Dá para fazer isso fora da UNAS, mas pra mim seria uma traição... Tem muita gente que quer enveredar por esse caminho, fazer projetos captar recurso. Por exemplo, R\$ 200.000,00 é muito dinheiro para uma pessoa, mas para um projeto não é. Tem gente que monta o projeto pra vender. Aqui aparece gente direto. ONGs que querem captar recurso "pra nós". É um mercado que essas ONGs trabalham. Aqui seria uma mina de ouro para as ONGs. Eles montam o projeto e vem com o pacote pronto, muitas vezes até já captaram o recurso. No começo eles vinham e mostravam só o serviço, não o orçamento. Nós éramos apenas os beneficiários, eles faziam o que queriam com o dinheiro que vinha para o projeto, entendeu. Demorou anos até que nós percebemos que certas ONGs estavam usando a gente. Por exemplo, "Projeto de prevenção da AIDS". Eles chegavam aqui e iam

trabalhar com os jovens. Aí, davam R\$ 100,00 pra um, R\$ 100,00 pra outro. Só que o projeto tinha captado \$ 50.000,00. Eles mesmos ganhavam muito.

ENTREVISTADOR:

A UNAS se tornou uma ONG?

GERALDO:

Não. Nós não somos ONG. Nós somos uma associação de moradores. Nosso foco é o desenvolvimento local e a formação para a cidadania. ONG tem outro perfil, um foco mais restrito. Nós aceitamos assessoria, mas estabelecemos claramente o tipo de relação.

ENTREVISTADOR:

O senhor gostaria de dizer mais alguma coisa, além do que já foi dito até agora?

GERALDO:

Tem também essa dimensão psicológica dos militantes. Tem muita gente que vem para o terceiro setor porque perdeu o filho, porque está meio perturbado, precisa de dinheiro, tem problema sabe? Tem gente que não percebe o lado psicológico das coisas e o Movimento corre o risco de ser uma espécie de fuga pra elas. Em geral, voluntário é uma pessoa que tem problema, tem algum desajuste. Elas não têm essa dimensão política. E tem muita gente fazendo as coisas por dó, por compaixão, como se não fosse direito das pessoas receber o serviço. Faz para os pobres e não com os pobres, que é o nosso foco. Nós buscamos passar para as pessoas que trabalham com a gente essa consciência. Na verdade, para nós, é uma luta

política. Temos creche não porque as nossas crianças são pobrezinhas. É um direito da criança ter creche. Temos que passar essa visão. A UNAS é pra isso, para formar a consciência cidadã, não é para ser prestadora de serviço. Quando nós fazemos um convênio com os órgãos públicos, estamos democratizando o Estado. O capitalismo é o único sistema que financia os inimigos. A gente aceita, é o jeito de você entrar onde está o poder, mas para a nossa nova geração é um perigo. Eles financiam para cooptar as lideranças. E, muitas vezes, acabam cooptando mesmo. Tem gente nossa que vai para a faculdade e em um ano vira a cabeça, passa a ter valores da classe média, individualismo, consumismo, passa para outra mentalidade. Geralmente a gente perde uns 10%. Eles vão ser mais um assistente social, ou um outro profissional qualquer. Só que eles já vão com "know how": visão crítica, dinâmico, sabe fazer uma reunião. Hoje em dia, valem muito no mercado de trabalho. Isso tudo se aprende em nosso Movimento, aprende na porrada (RISOS).

ENTREVISTADOR:

O senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

GERALDO:

Tudo bem. Desculpe ter feito você esperar tanto para fazer essa entrevista.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)